



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

MIZAEL JOSÉ DOS SANTOS NETO

**OS SUJEITOS E OS SENTIDOS NO ATO
DE PROVERBIAR**

Salvador
2021

MIZAEL JOSÉ DOS SANTOS NETO

**OS SUJEITOS E OS SENTIDOS NO ATO
DE PROVERBIAR**

Memorial de Formação apresentado ao programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETROS), Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia Silva Souza

Salvador
2021

Santos Neto, Mizael José dos.

Os sujeitos e os sentidos no ato de proverbiar / Mizael José dos Santos Neto. - 2021.

100 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia Silva Souza.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2021.

1. Língua portuguesa - Estudo e ensino. 2. Língua portuguesa - Palavras e expressões. 3. Provérbios. 4. Leitura - Estudo e ensino. 5. Compreensão na leitura. I. Souza, Ana Lúcia Silva. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 398.969

CDU - 398.9

OS SUJEITOS E OS SENTIDOS NO ATO DE PROVERBIAR

Memorial de Formação apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Ana Lúcia Silva Souza (Orientadora)
Universidade Federal da Bahia

Profa. Dra. Daniele De Oliveira
Universidade Federal da Bahia

Profa. Dra. Irenilza Oliveira e Oliveira
Universidade do Estado da Bahia

Salvador, 13 de setembro de 2021.

A minha avó,
Maria de Lourdes Rodrigues dos Santos (em memória),
mulher Negra, *a Senhora dos meus Provérbios*.

AGRADECIMENTOS

Ao Divino e à toda força espiritual que está mantendo a minha fé e força nesta existência, *A esperança é o pilar do mundo*;

À minha mãe, Francisca Chagas de Oliveira e aos meus seis irmãos que me perdoaram nas ausências dos encontros em família e não se importaram em ser preteridos em favor da minha escrita;

À minha orientadora, a Profa. Dra. Ana Lúcia Silva Souza, por ter me escolhido, me acolhido e me apresentado o Letramento de Reexistência;

À Profa. Dra. Irenilza Oliveira e Oliveira pelas discussões que me despertaram para o (re)conhecimento dos meus letramentos familiares e o valor dos provérbios africanos na vida;

À Profa. Dra. Daniele De Oliveira por despertar a minha atenção no poder dos discursos presentes nos ditos populares;

A todos os mestres-doutores do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) pelas discussões e sugestões de leitura durante o cumprimento dos componentes curriculares, afinal *Se quer ir longe, vá acompanhado*;

Às companheiras da turma 05 (PROFLETRAS-UFBA) que ajudaram a tornar esta jornada mais suave. Em especial, às colegas, hoje amigas, Silvana Nascimento, Mari Lourdes Lima, Humbelina da Silva e Lucília Coimbra;

À CAPES, por apoiar financeiramente a realização desta pesquisa, pois quero arte, ciência e conhecimento;

E não poderia deixar de externar meus agradecimentos aos meus alunos e alunas da escola Municipal Carlos Drummond de Andrade. Vocês me ensinaram que *aquele que ensina aprende*.

Hoje é muito comum chamar um agrupamento de pessoas, que na maioria das vezes possui a população de uma cidade de porte médio no nosso país, de comunidade. Nada errado quanto a isso, pois comunidade pode ser definida como ”qualquer grupo social cujos membros habitam uma região determinada, têm um mesmo governo e estão irmanados por uma mesma herança cultural e histórica”. Como também: Grupo de pessoas que comungam uma mesma crença e que se submetem a uma mesma regra religiosa. O Ilê Axé Opo Afonjá pode ser definido de acordo com esse último conceito de comunidade, onde os provérbios são bastante utilizados. Seguem alguns exemplos:

Você foi coroado rei, mas continua fazendo encantamentos para obter boa sorte;
Você quer ser coroado Deus?
Quem está sufocado por dívidas não deve viver como um lorde;
Ninguém grita de dor quando cuida de suas próprias feridas;
A pessoa que trabalha duro, ganha a inimizade do desocupado;
Aquele que cai no buraco ensina aos que vêm atrás a terem cuidado;
Aquele que bate palmas para que o louco dance é tão louco quanto ele mesmo;
A boca que não se cala e os lábios que não deixam de se mexer só trazem problemas;
A boca não pode ser tão suja que seu dono não possa comer com ela;
O desconfiado sempre pensa que as pessoas estão falando mal dele;
Quem não sabe construir uma casa, monta uma barraca;
Somente um barril vazio é que faz barulho, um saco cheio de dinheiro permanece silencioso;
O que eu quero comer você não quer comer, devemos comer separados

“Aqui, tudo é questão de ensinamento”

SANTOS NETO, Mizael José dos. *Os sujeitos e os sentidos no ato de proverbiar*. 2021. Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia Silva Souza . 100f. il. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

RESUMO

Este Memorial de Formação, apresentado ao Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), no Instituto de Letras, da Universidade Federal da Bahia, elege o gênero provérbio como potencializador do processo de produção de sentidos pelos sujeitos e apresenta o caderno de atividade da pesquisa desenvolvida, intitulado: O sujeito e os sentidos no ato de proverbiar. Esse memorial ainda reconhece que o ensino de Língua Portuguesa deve levar o(a) aluno(a) ao universo de textos que circulam socialmente. Pois isso é necessário, haja vista que a interação do(da) estudante, dentro da sociedade, se dá através de textos. Nessa perspectiva, a pesquisa prevê o gênero discursivo provérbio como um fomentador na construção de sentido. Afinal, segundo Tfouni (2010, p. 79-80), os provérbios “ultrapassam as fronteiras de uma cultura específica e simbolizam sistemas culturais (...) a função desse genérico é, portanto, de transportar sistemas de valores e crenças, de cultura para cultura, de geração para geração”. Assim, este memorial objetiva analisar como o enunciado proverbial pode circular na sala de aula, potencializando a capacidade do(da) estudante de produzir sentido durante a leitura. Vale ressaltar que, no presente momento, existe a possibilidade de alguns provérbios estarem circulando na oralidade da educanda e educando. A pesquisa teve como fundamento teórico: (SOUZA, 2011); (BAKHTIN, 2003); (VELLASCO, 2000); (ANTUNES, 2017); (SUCCI, 2006) (MARCUSCHI, 2008); (OLIVEIRA; CANDAU, 2010). Ela tem a pretensão de desenvolver uma prática direcionada, com uma sequência de atividade, ambicionando promover uma ação – reflexão – ação. Dessa forma, a finalidade é que o público discente adentre em situações de comunicação mais próximas de sua realidade sociocultural, com intuito de compreender a função discursiva da linguagem e, assim, através das realidades discursivas do provérbio, potencializar a construção de sentido. Consequentemente, se prenuncia a consolidação da habilidade de leitura, de compreensão e de interpretação de texto.

Palavras-chave: Provérbio; Leitura; Sentido; Aulas de Língua Portuguesa.

SANTOS NETO, Mizael José dos. *Los sujetos y los sentidos en el acto de proverbial*. 2021. Asesor: Profa. Dra. Ana Lúcia Silva Souza. 100f. ll. Disertación (Maestría Profesional en Letras) - Instituto de Letras, Universidad Federal de Bahía, Salvador, 2021.

RESUMEN

Este Memorial de Formación, presentado al Máster Profesional en Letras (PROFLETRAS), del Instituto de Letras de la Universidad Federal de Bahía, elige el género del refrán como potenciador del proceso de producción de significados por los sujetos y presenta el cuaderno de actividades de La investigación desarrollada, titulada: El sujeto y los sentidos en el acto de proverbial. Este memorial también reconoce que la enseñanza de la lengua portuguesa debe llevar al alumno al universo de textos que circulan socialmente. Esto es necesario, dado que la interacción del alumno con la sociedad se da a través de textos. Desde esta perspectiva, la investigación prevé el proverbio género discursivo como promotor en la construcción de sentido. Después de todo, según Tfouni (2010, p. 79-80), los refranes “van más allá de los límites de una cultura específica y simbolizan sistemas culturales (...) la función de este genérico es, por tanto, transportar valores y sistemas de creencias , de cultura a cultura, de generación en generación ”. Por lo tanto, este memorial tiene como objetivo analizar cómo el enunciado proverbial puede circular en el aula, mejorando la capacidad del alumno para producir significado durante la lectura. Es de destacar que, en la actualidad, existe la posibilidad de que algunos refranes estén circulando en la oralidad del alumno y alumno. La investigación tuvo como fundamento teórico: (SOUZA, 2011); (BAKHTIN, 2003); (VELLASCO, 2000); (ANTUNES, 2017); (SUCCI, 2006) (MARCUSCHI, 2008); (OLIVEIRA; CANDAU, 2010). Se pretende desarrollar una práctica focalizada, con una secuencia de actividades, con el objetivo de promover una acción - reflexión - acción. Así, el propósito es que el público estudiantil ingrese en situaciones comunicativas más cercanas a su realidad sociocultural, con el fin de comprender la función discursiva del lenguaje y, así, a través de las realidades discursivas del refrán, potenciar la construcción de significado. En consecuencia, se prevé la consolidación de las habilidades de lectura, comprensión e interpretación de textos.

Palabras llave: Proverbio; Leyendo; Sentido; Clases de lengua portuguesa.

SUMÁRIO

1.	SE QUISER SABER O FINAL, PRESTE ATENÇÃO NO COMEÇO	11
2.	É NA BEIRA DO ANTIGO CORDÃO QUE SE TECE UM NOVO CORDÃO ...	21
2. 1	O ECO DA PRIMEIRA PALAVRA SEMPRE FICA NO CORAÇÃO	23
2. 2	SE QUER IR RÁPIDO, VÁ SOZINHO. SE QUER IR LONGE, VÁ EM GRUPO	25
3.	O CAVALO QUE CHEGA CEDO BEBE ÁGUA BOA	26
3. 1	AQUELE QUE APRENDE, ENSINA	28
3.2	QUEM FAZ PERGUNTAS, NÃO PODE EVITAR RESPOSTAS	32
4.	UM PROVÉRBIO É O CAVALO QUE PODE LEVAR ALGUÉM RAPIDAMENTE A DESCOBERTAS DE IDEIAS	35
4.1	O SOL CAMINHA DEVAGAR MAS ATRAVESSA O MUNDO	37
5.	O SABER É COMO UM JARDIM: SE NÃO FOR CULTIVADO NÃO PODE SER COLHIDO	49
6.	NÃO IMPORTA A NOITE, O DIA VIRÁ CERTAMENTE	62
7.	SE QUISER SABER O COMEÇO, PRESTE ATENÇÃO NO FINAL	68
8.	CADERNO DE ATIVIDADES	70
9.	PROVÉRBIOS AFRICANOS	94
	REFERÊNCIAS	96

1. SE QUISER SABER O FINAL, PRESTE ATENÇÃO NO COMEÇO

Provérbio Africano¹

Começo o meu memorial convidando você para apreciar uma dose de sabedoria ancestral dos povos africanos, transmitida de geração a geração, através do provérbio: “Até que os leões tenham suas histórias, os contos de caça glorificarão sempre o caçador”.

Ao refletir sobre o provérbio e o que ele proporciona, provoca a ideia de que um ato em poder constrói autonomia e abre perspectiva para o mundo. De modo que as descobertas possíveis, através da viagem por esses gêneros, podem proporcionar a construção de independência e amplitude de visão de mundo. Porque aquele que lê e mergulha no universo proverbial é capaz de estabelecer conexões entre o texto e as experiências pessoais, sociais e políticas. Pois os provérbios são vinculados ao “cotidiano vivenciado pelo povo, espelhando sua índole, sua inocente e perspicaz sabedoria e os aspectos existenciais de sua própria vida” (URBANO, 2008, p. 40).

A palavra “proverbiar” é classificada como verbo intransitivo, ou seja, é o verbo que possui seu significado completo, segundo a gramática normativa. No dicionário, esse léxico é definido como “usar provérbios ou abusar de provérbios”. De modo que se valer de provérbios pode também ser entendido como o “ato de proverbiar” e, considerando a carga social/histórica que esse gênero discursivo carrega, podemos concluir que “proverbiar” é um “ato em poder”. “Através dos provérbios exprime-se uma determinada visão do mundo, sob a forma de supostas verdades omnitemporais que configuram regularidades induzidas por generalização empírica, consensualmente aceitas pela comunidade” (LOPES, 1992, p. 1).

Ampliando a compreensão sobre a natureza do tipo de texto proverbial, resume bem o que estou buscando quando, ao proverbiar, o falante pode afirmar que “um provérbio é o cavalo que pode levar alguém rapidamente à descoberta de ideias”. Tomo esse “cavalo proverbial” para colocar, em metáfora, o registro de minha trajetória de vida e logo após desenhar a minha empreitada pedagógica decidida. É através das minhas palavras registradas aqui e das significações que estas carregam que estarei a cavalgar e a descrever o sujeito que sou, ao passo que estarei a descobrir maneiras de ressignificar o meu trabalho docente frente aos meus alunos/sujeitos.

¹Os títulos foram inspirados em provérbios do continente africano, uma vez que estes traduzem ensinamentos.

Logo de antemão, registro que, em minha trajetória de vida, os provérbios serviram como uma bússola orientadora e continuam servindo como um cavalo que pode levar alguém rapidamente à descoberta de ideias. Por essa razão, acredito que a escolha do estudo desse gênero discursivo não tenha sido por acaso. É bem provável que possa ter sido o resultado de uma memória de vida, mesmo inconsciente, construída na experiência, adquirida por meio de convivência com a minha avó (em memória).

Além de me permitir ser invadido com os muitos provérbios que circulam no dia a dia e com aqueles que carrego na minha memória, vale ressaltar a descoberta importantíssima de diversos outros, advindos das tradições de povos africanos, encontrados durante a pesquisa. Embora não tenha aprofundado no tema específico, me apropriei, em alguns momentos, da sabedoria proverbial africana durante a caminhada da escrita. É bem verdade que não poderia deixar de transitar através dos mais diversos provérbios que permitem percorrer no campo das ideias e dessa maneira imprimir nesse memorial sabedorias encontradas.

De acordo com o trabalho de pesquisa de Dravet e Oliveira (2017), os africanos compreendiam o papel importante desse texto na circulação dos saberes. Pois esse fantástico gênero faz parte da literatura prezada pelos africanos desde tempos outrora. Segundo os pesquisadores, é mais do que expressar palavras, se trata de:

um ato de relacionar o conhecimento da Comunicação com os saberes tradicionais africanos e ainda de estabelecer na contemporaneidade um paralelo entre noções científicas em construção e uma sabedoria ancestral enraizada que se mantém viva na humanidade (DRAVET; OLIVEIRA; 2017, p. 12).

Sendo assim, a escolha do uso dos provérbios africanos me proporciona o privilégio de ampliar meu repertório de verbetes à medida que desenho o retrato de uma ‘criação de mim’ e, ao mesmo tempo, descrevo o meu fazer docente a partir deste memorial. Paralelamente, no exercício de minha autonomia, a construção de mundo se expande ao passo que é resgatada a “sabedoria ancestral enraizada” através das significações oferecidas por esses ditos populares. Logo, permitir o trânsito dos provérbios africanos no meu texto-memorial é uma das formas de manter viva a humanidade em nós.

Por esse motivo, convido-o a caminhar junto comigo, à proporção que for lendo este texto-memorial de minha autoria. Aviso que não se trata de um texto unicamente acadêmico/teórico. As descobertas de ideias serão experimentadas com um sabor proverbial, afinal se trata de uma escrita viva que representa o eu e o outro que, “enquanto sujeitos” se manifestam no mundo, também, mediado pelo ato de proverbiar.

Tomo o gênero discursivo provérbio como centralidade dentro de uma pesquisa de letramento, por considerá-lo como um importante fomentador do pensamento crítico, quando

se tem como objetivo ampliar as possibilidades de construção de conhecimento por parte de estudantes de educação básica. Encontram-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) informações que apontam que, entre outros objetivos, o(a) estudante do Ensino Fundamental precisa ser capaz de “posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas” (BRASIL, 1998, p. 7).

Na perspectiva de texto, Vellasco (2000, p. 150) atesta que “o provérbio é sintaticamente autônomo, pois irrompe no discurso em forma canônica, cristalizada, fixa, congelada, petrificada, como uma sentença independente e de sentido completo, um texto completo nele mesmo, integrando-se ao contexto”. E, além disso, conforme Tfouni (2010, p. 80), os provérbios “ultrapassam as fronteiras de uma cultura específica e simbolizam sistemas culturais [...] a função desse genérico é portanto, de transportar sistemas de valores e crenças, de cultura para cultura, de geração para geração”. Diante disso, a pesquisa propõe analisar como o enunciado proverbial pode circular na sala de aula potencializando a capacidade crítica do(da) aluno(a) de produzir sentidos durante a leitura.

A pesquisa está ancorada numa perspectiva do círculo bakhtiniano de linguagem, sustentada por Marcuschi e Antunes, bem como em pressupostos teóricos dos novos estudos dos letramentos que tratam o provérbio como centralidade no tecido do discurso, tais como: (SOUZA, 2011); (BAKHTIN, 2003); (VELLASCO, 2000); (ANTUNES, 2017); (SUCCI, 2006); (MARCUSCHI, 2008); (OLIVEIRA; CANDAU, 2010); (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004).

Ao ser desenvolvida em uma sala de aula com os alunos e alunas do 9º ano, a pesquisa pretende que o(a) educando(a) ganhe autonomia em situações de comunicação próxima de sua realidade social, com intuito de compreender a função discursiva da linguagem.

O trabalho de conclusão do PROFLETRAS se desenha na formação de um memorial e de um caderno pedagógico como trabalho final. Nestes, o tecido textual acontece através de palavras costuradas por mim, registrando as minhas experiências durante a história, bem como a proposta de intervenção e os resultados obtidos após a um processo de pesquisa.

Aquele que não sabe dançar irá dizer: A batida dos tambores estão ruins. Por certo, acredito que já ouvimos e/ou já falamos a expressão popular: “dance conforme a música”. Em uma mudança de cenário, o dito popular nos admoesta a ajustar os passos conforme a mudança do tocar no ritmo musical. Em dado contexto da vida concreta, em metáfora, pode ser compreendido como ajustar o caminho a fim de chegar ao resultado proposto. Nesse caso,

retrucar e não mudar pode transparecer a ideia de “que não sabe dançar” usando a justificativa que a “batida dos tambores estão ruins”. Atento à sabedoria expressa no dito citado, durante o percurso acadêmico, mudanças nos passos foram tomadas para acompanhar o toque do tambor, pois *dançar conforme a música* aumenta a chance de alcançar o resultado esperado.

Antes de discorrer sobre o presente memorial, aproveito o momento para registrar a mudança necessária no andamento do trabalho acadêmico, imposto pelo contexto de crise de saúde pública de magnitude global, causada pelo novo coronavírus - Covid-19. Diante do novo cenário, o cotidiano acadêmico e o do trabalho mudaram significativamente. Tanto as aulas do PROFLETRAS, bem como o meu exercício de docência passaram a adotar a modalidade de ensino remoto, o que me obrigou a refazer o trabalho de pesquisa e a minha relação com os(as) alunos(as). Além disso, a intervenção que fazia parte do projeto não mais aconteceria.

O Corona Virus Disease - 19 (COVID -19), assim dado o nome científico da família do coronavírus, tem seus primeiros registros, como síndrome aguda grave, na cidade Wuhan, na província de Hubei, China, no final de dezembro de 2019. Inicialmente, o que parecia ser uma epidemia local, rapidamente se espalhou para outros países, Irã e Itália, até que, em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde - OMS reconheceu como uma pandemia. Esta posteriormente, atingiu com velocidade a outros países da Ásia, da Europa, da América do Norte, Caribe, da África e da América Latina.

No Brasil, o registro do primeiro caso ocorreu em fevereiro de 2020, vale registrar que autoridades acreditam que a circulação do vírus já teria começado um mês antes. Nos meses que se seguem, o crescimento do número de infectados e mortos deixa o país em alerta. Ante ao contexto pandêmico, foram tomadas medidas sanitárias por autoridades, políticas de saúde e acadêmicas, aqui e no mundo, por exemplo, o distanciamento social, o uso de máscara e de álcool em gel.

Até o término da escrita do memorial, agosto de 2021, a informação que há é o fato do aumento de casos infectados, doentes e mortos pela covid-19 e suas variantes. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), no mundo, os dados confirmam mais de 181.000,00 (cento e oitenta e um milhões) de casos e mais de 3.000.000 (três milhões) de mortes por coronavírus. Entre esses tristes números, no Brasil, temos acima de 19.000.000 (dezenove milhões) de casos confirmados e acima de 500.00 (quinhentas mil) vidas perdidas desde o início da pandemia.

De todo modo, é importante qualificar os dados. Ressalto que não se trata de apenas números isolados. Os dados da Covid-19 representam as vidas de pessoas ceifadas e famílias desoladas à medida que perdem seus entes queridos. Nessa tempestade de cunho sanitário, com ventos destruidores em várias partes do mundo, alguns podem até usar o ditado: *estamos todos no mesmo barco*. Os falantes se apropriam da expressão popular, veiculada pela mídia, se referindo ao fato de que o vírus não escolhe a cor e a classe social da vítima, pois todos nós somos humanos; portanto, todos sofrem. A realidade é que, segundo a ciência, o vírus da Covid-19 não é seletivo, ele não escolhe a sua vítima.

Por outro lado, vale ressaltar que na população negra houve mais exposição à contaminação, e consequentemente, à morte. Por razão de vulnerabilidade socioeconômica, não deixaram de trabalhar, mesmo o mundo estando em um cenário pandêmico. Por exemplo, podemos pensar na empregada doméstica, em geral mulher negra, que não pode parar de trabalhar. A primeira vítima de Covid do estado do Rio de Janeiro é, inclusive, uma mulher negra e empregada doméstica. Contaminou-se após ter contato direto com a patroa que testou positivo para o vírus².

Diante do fato apresentado, podemos entender que não *estamos todos no mesmo barco*. É mais razoável pensar que estamos expostos à mesma tempestade, mas os barcos de uns são bem diferentes dos barcos de outros. Portanto, as questões raciais e de gêneros são muito sintomáticas no nosso país. É mais um exemplo do racismo institucional sendo reverberado.

Além disso, no Brasil e em algumas partes do mundo, existe uma discrepância quando se compara os números de contaminados e mortos pela Covid-19 entre a população negra e a branca. Irei trocar em miúdo, o fato, através do ditado: *o pau que dá em Chico, não tem sido dado em Francisco*, ou seja, pessoas que pertencem a camada social de negros e pobres são os mais acometidos pelos efeitos da pandemia quando são comparados a pessoas que fazem parte de outra camada social.

O que tem mostrado os dados? É que negros e pobres morrem mais pela Covid-19. Além disso, pardos(as) e pretos(as) têm chance maior de serem infectados e o risco de serem hospitalizados pela Covid³, uma vez que a condição de vida precária e a dependência ao

² Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51982465>

³ O que a pandemia tem evidenciado é o que vários estudos já mostravam em relação ao maior prejuízo da população pobre e negra ao acesso à saúde. A covid-19 encontra um terreno favorável porque essas pessoas estão em um cenário de desigualdade de saúde e de precarização da vida", afirma Emanuelle Góes, doutora

serviço público de saúde, como única alternativa de assistência, favorecem o aumento de casos de mortes. Tudo isso nos mostra que *Chico recebe mais paulada do que Francisco*.

Em geral, a Política Nacional Integral da População Negra - PNIPN, uma política do Sistema Único de Saúde - SUS, reconhece o racismo institucionalizado quando se observa a assistência do usuário negro no sistema público de saúde. O documento registra:

O Ministério da Saúde reconhece e assume a necessidade da instituição de mecanismos de promoção da saúde integral da população negra e do enfrentamento ao racismo institucional no SUS, com vistas à superação das barreiras estruturais e cotidianas que incide negativamente nos indicadores de saúde dessa população – precocidade dos óbitos, altas taxas de mortalidade materna e infantil, maior prevalência de doenças crônicas e infecciosas e altos índices de violência (BRASIL, 2018).

As circunstâncias expostas têm como intenção atestar que, além da população negra no Brasil ser historicamente vitimada pelo sistema opressor, desde outrora até no cenário atual pandêmico, o racismo, institucionalizado, exacerba esta triste realidade: o impacto direto na saúde e na vida da população negra. Drama esse, acentuada pela pobreza, violência e falta de assistência à saúde. Reafirmando o descaso das políticas públicas brasileiras.

Diante disso, atestamos como mais um exemplo contemporâneo, o fato de corpos pretos serem submetidos a uma vergonhosa desigualdade social, histórica. Evidentemente, a realidade do povo negro no Brasil é resultado da violação histórica do direito à vida, a saúde e a educação que nossos ancestrais sofreram. Por exemplo, embora nas últimas décadas, houvesse avanços na política de cota a fim de ampliar o quantitativo de negros(as) nas universidades públicas, o que se demonstra é que o acesso continua desigual. De acordo com a pesquisa desenvolvida pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), sobre ação afirmativa e população negra no ensino superior “cabe salientar que esse ritmo de superação na desigualdade racial nessa etapa educacional ainda não foi capaz de superar a sub-representação da população negra entre o segmento que completou ensino superior” (BRASIL, 2020, p. 22).

Nunca se esqueçam das lições aprendidas na dor. Desde antigamente, os povos africanos ensinavam essa sabedoria. Geralmente, a triste realidade, representada através dos

efeitos causados pela pandemia, atingindo a população mundial, fez entidades e organizações de diversos segmentos da sociedade pensar e repensar em medidas de proteção à vida e, ao mesmo tempo, diminuir os impactos negativos causados pela Covid-19.

No Brasil a educação logo se movimentou e passamos a conhecer os modos remotos ou híbridos de aulas. Ainda estamos aprendendo. No campo acadêmico, em Salvador, medidas foram adotadas e afetaram diretamente o andamento da pesquisa deste memorial. A Universidade Federal da Bahia (UFBA) por meio de nota suspendeu as atividades presenciais dos cursos de graduação e pós-graduação a fim de garantir o distanciamento social, tão necessário em tempos de pandemia.

Diante dessa medida, as aulas do PROFLETRAS foram suspensas temporariamente, mas a pesquisa não perderia a sua qualidade. Frente a um novo contexto, as orientações acadêmicas remotas começaram a ser realizadas com a maestria da professora Ana Lúcia Silva Souza (Analu). Todos nós (orientadora e orientando) fomos adaptando as práticas acadêmicas, tendo os aparatos tecnológicos como o meio pelo qual nos manteriam interligados em tempos de distanciamento social. Esse esforço buscava garantir a manutenção das valiosas orientações: tanto as fundamentações teóricas, bem como as instruções necessárias para as mudanças de trajetória do caminhar que seriam necessárias.

Por exemplo, com a pandemia em curso, no dia 02 de junho de 2020, por meio da resolução N° 003/2020, a Coordenação Nacional do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS REDE NACIONAL) define medidas a serem tomadas em referente à elaboração de Trabalho de Conclusão do Curso. Em uso das atribuições que lhe confere, resolve aprovar as seguintes normas:

Art. 1º. Os trabalhos de conclusão da sexta turma poderão ter caráter propositivo sem, necessariamente, serem aplicados em sala de aula presencial. Art. 2º. O trabalho de conclusão deverá, necessariamente, apresentar um produto (proposta de sequência didática, criação de material didático, desenvolvimento de software etc.) a ser sistematizado a partir, por exemplo, da análise de livros e materiais didáticos, da reflexão advinda de trabalhos de conclusão no âmbito do ProfLetras e da intervenção na modalidade remota. Art. 3º. Os produtos a serem sistematizados devem seguir os diferentes formatos previstos tanto no âmbito do programa quanto aqueles apresentados nos documentos de área. Art. 4º: Esta Resolução entra em vigor a partir da data de sua publicação (RESOLUÇÃO 003/2020).

Como descrito no documento, durante o enfrentamento à Covid-19, não é obrigatório constar no trabalho de conclusão o resultado de aplicação do projeto de intervenção na sala de aula, assim como era a pretensão inicial. Dessa maneira, a resolução sugere um trabalho de caráter propositivo, este sendo um produto.

É melhor prevenir do que remediar, já dizia “os antigos”. O documento acima citado, justifica a decisão por considerar de fundamental importância “o enfrentamento da pandemia do Covid 19, no âmbito da esfera acadêmica e, particularmente, na pós-graduação”. Essa medida se mostra de grande valor, haja vista a necessidade do enfrentamento à pandemia que por meio, por exemplo, do isolamento social, funciona como uma arma eficaz, segundo os cientistas e autoridades de saúde pública.

Mais adiante, na leitura do documento entende-se a necessidade de mudar a trajetória do trabalho de conclusão por considerar “o contexto de crise sanitária que impacta a realização das atividades presenciais de intervenção que visam à elaboração do trabalho de conclusão [...]. Assim, conclui que as atividades de intervenção propostas inicialmente, na Escola Carlos Drummond de Andrade na cidade de Dias D’Ávila-Ba, não seriam mais possíveis, dado a realidade descrita acima.

A decisão tomada pela coordenação do PROFLETRAS REDE NACIONAL mostrou ser sensata. A Secretaria de Educação do Município de Dias D’Ávila (SEDUC), meses atrás (março de 2020), suspendeu as atividades presenciais através de decreto municipal. Além do comércio, as escolas foram fechadas, seguindo as orientações das autoridades sanitárias.

A fim de diminuir os impactos negativos causados na educação, no ano de 2021, a SEDUC buscou medidas efetivas por meio do modelo de ensino remoto. Essa modalidade de educação, em Dias D’Ávila, consiste na confecção de um caderno pedagógico elaborado por professores e professoras, organizado e encadernado por coordenadores(as) e entregue aos alunos e alunas, pela secretaria escolar, no formato impresso ou a partir de plataformas digitais, como por exemplo, o *Whatsapp e Facebook*. Ante à realidade apresentada, tornou- se inviável efetivar o projeto na sala de aula como se pretendia. Nesse contexto, não há mais aulas presenciais. O que há é um outro trabalho, um outro alunado, um outro professor, outra sala de aula na educação básica de ensino do município.

O fechamento das escolas impediu a relação social entre docentes e discentes, um fator importante na educação. Com as aulas interrompidas bruscamente, em março de 2020, sem ao menos haver tempo de (re) planejar as ações pedagógicas, aumentava a angústia à medida que as notícias veiculadas pela mídia aumentavam a incerteza do futuro.

Em 2021, quando a esfera pública decidiu adotar a modalidade do ensino remoto mostrou sua fragilidade e inoperância em garantir a qualidade na educação em tempos de distanciamento social. A interação em grupo de *whatsapp*, assim chamado, comporta

alunos(as), professores(as), coordenação e direção escolar, dividido por grupo/turma, em uma dinâmica virtual com o intuito de manter o mínimo de contato com o(a) aluno(a).

Para esse fim, senti a necessidade, por conta própria, de me adaptar ao uso de outros recursos tecnológicos disponíveis, pois acredito ser necessário para otimizar as relações via *whatsapp*. Com a interação, unicamente virtual, foi indispensável, por exemplo, providenciar outro aparelho celular. E, além disso, busquei e aprendi a utilizar ferramentas do *google forms* a fim de elaborar atividades pedagógicas. Ainda, em outros momentos, precisei gravar aulas de determinados assuntos e postar no *youtube* para ser compartilhado no grupo de *whatsapp*.

As aulas aconteceram semanalmente em uma prática de improviso, em que o(a) docente não sabia com quem estava, na realidade, interagindo. Há dúvida: se em alguns momentos a interação ocorre com o(a) estudante ou com seus pais/responsáveis. Ao lado disso, essa nova realidade mostrou a limitação de alguns membros do corpo docente e gestor escolar ao lidar com as ferramentas digitais, agora então necessárias.

É nesse contexto que nós professores(as) fomos lançados(as), sem direito a escolha, em um caldeirão efervescente com misturas de ações não planejadas, aulas frustradas e ansiedade provocada pela nova dinâmica social, imposta pela pandemia. Talvez, em anos anteriores, nunca imaginávamos que iríamos viver em um cenário como este. Os recursos digitais se tornaram a *bola da vez*, mas tanto nós, quanto os estudantes não estávamos preparados para participar dessa jogada. Apesar da minha tentativa de diminuir a distância e garantir o mínimo de atenção possível, é recorrente o pedido de ajuda de alunos(as) que não conseguem acompanhar o ritmo. E, conforme eles mesmos afirmam: se sentem “perdidos”.

É nessa onda turbulenta que muitos professores(as), alunos(as) não sabem por onde ir, nem aonde irão chegar. É nesse cenário, portanto, que a escrita do memorial foi, mais uma vez, interrompida e retomada logo depois, à proporção que os arranjos foram feitos para garantir a conclusão deste trabalho, em face do grande desafio. Vale ressaltar que a aplicabilidade do projeto não será mais possível, o que, de fato, interferiu na minha expectativa de pesquisador.

A água sempre descobre um meio. Assim como a água, que muda o seu curso diante de um obstáculo, a mudança de trajetória da pesquisa se fez necessário a fim de atingir o alvo proposto. A capacidade de adaptabilidade do ser humano permite descobrir “um meio” de desvendar novos caminhos em face dos obstáculos emergentes.

Diante do contexto exposto, portanto, ficou decidido como trabalho de conclusão, um produto, um caderno pedagógico. Isso mostra que no presente memorial constarão a minha trajetória de vida, a pesquisa a ser desenhada e o caderno pedagógico de atividades.

Retomo o provérbio que resume a questão: *Aquele que não sabe dançar irá dizer: A batida dos tambores estão ruins.* As batidas dos tambores, realmente, mudaram, e consequentemente os passos também. Doravante, pretendo não perder os passos da dança que me foi oferecido. Dizem que temos que *dançar conforme a música* quando as circunstâncias da vida mudam. É bem verdade que a adaptação ao “novo normal”, naturalmente, exige esforços extras, porém, sair da zona de conforto também nos proporcionam mudanças que podem ser boas em médio prazo. Em suma, as variações no toque dos tambores, portanto, nos permitem criar um novo ritmo, um novo *swing* e bailar na poesia no uso de provérbios como circulação, transmissão dos saberes.

Chamo atenção ao provérbio marcador do tópico introdutório do presente memorial: *Prestar atenção no começo é fundamental para entender o final.* Durante o percurso do texto, dissero, de maneira descritiva, alguns *flashes* de minha memória. Isto pode ser entendido como uma viagem com paradas em alguns pontos de minha história. Nesse momento, *o eco da primeira palavra sempre fica no coração*, traduz-se um resgate de momentos vividos e que, com a passagem do tempo, se converteram em lembranças. Recordações que, através da reflexão, ecoam a pessoa que hoje sou.

Ir em busca da história de vida, portanto, é entender quem somos, como nos constituímos identitariamente. Assim, o meu letramento de vida é parte fundante desse memorial. O percurso tem paradas nas seguintes fases: Infância, adolescência, adulto e o momento PROFLETRAS. Espero que a modalidade da escrita, uma parte mais conservadora da língua, contribua para que os meus feitos aqui registrados, tornem-se parte do meu monumento - um elemento concreto da memória.

A minha pesquisa tem o título escolhido: **Os sujeitos e os sentidos no ato de proverbiar.** Durante o trabalho esbocei e busquei articular o conceito de: textos; linguagem; letramentos. Para isto, iniciei o percurso me valendo de alguns autores, ainda novos para mim, lidos nas disciplinas do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) – UFBA. E, por conseguinte, adotei um caminho metodológico, que certamente foi revisto em função da pandemia ora vivida no mundo. E finalizo com o Caderno Pedagógico.

2. É NA BEIRA DO ANTIGO CORDÃO QUE SE TECE UM NOVO CORDÃO

Tomo a palavra para tecer a linha de minha história, costurada através de reflexões que compõem este Memorial de Formação. Nasci em 18 de setembro de 1981, na cidade de Salvador, Bahia. Filho de Djalma Rodrigues dos Santos e Francisca Chagas de Oliveira. Nasci e cresci no bairro de Pernambués, hoje considerada pelo IBGE a comunidade com a maior concentração de negros. Tenho, no total, seis irmãos. Meu pai é de cor preta, oriundo da cidade do Salvador e minha mãe amarela, oriunda da cidade de Tutóia do estado do Maranhão com ancestralidade indígena. Por fim, autodeclaro-me negro.

Como toda criança, tive momentos de muitas brincadeiras. Dentre muitas outras, brincava, com meus irmãos e vizinhos, de escola, na qual eu era o professor. A datar de minha infância, tinha desejo de ensinar. Escrevia o alfabeto no quadro e os mandava copiar. Reproduzia o modelo tradicional de ensino com junção de letras e sílabas e com separação de palavras.

Desde cedo, aos dois anos, passei a morar com a minha avó. Então, toda educação recebida era pautada no molde “dos antigos”. Tinha hora para dormir e acordar, sair e chegar. Respeitar os mais velhos era uma das lições.

Minha avó praticava a fé na religião de matriz africana - Candomblé. Lembro-me quando me levava aos rituais que aconteciam nos terreiros localizados no bairro em que moro. Contudo, ela não queria que eu fizesse parte da prática religiosa. Assim eu era apenas um mero observador.

Desde a infância, já ouvia os provérbios no círculo familiar. Por exemplo, meu pai, como orientação, já recitava o dito: *manda quem pode, obedece quem tem juízo*. Dessa forma, ele ensinava quem ocupava o lugar de poder e autoridade numa casa e, se eu quisesse “me dar na vida” (como ele dizia), deveria ter bem em mente quem mandava, portanto só me restava obedecer.

Na escola, nos anos iniciais, frequentava a escolinha de minha tia. O modelo de pedagogia baseava-se na sabatina, em que, receberia a palmatória nas mãos, quem não soubesse responder. Era seguido, exatamente, pelo modelo da pedagogia bancária denunciada por Freire (2018) em seu livro Pedagogia do Oprimido. Esse método de ensino entendia que o estudante não sabia nada e o docente é quem detém o saber. Apenas tempos depois, eu iria

compreender que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2018, p. 47).

O momento fantástico aconteceu quando fui alfabetizado pela minha tia, na sua escolinha. A alfabetização pautada no modelo tradicional de junção de letras, palavras e assim por diante. Lembro-me do sentimento de conquista e prazer quando lia as palavras nas placas, nos anúncios. Soletrava todas as palavras que estava ao meu alcance visual e, quando conseguia juntar as palavras até compreender a ideia, era motivo de muita alegria.

Após o falecimento de minha avó, eu, aos 14 anos, passei a estudar a bíblia com as Testemunhas de Jeová. E depois comecei a sair no serviço de pregação com elas. Foi um período quando me dedicava ao estudo sistemático da bíblia. Acredito que aumentou a minha vocação de ser professor, pois gostava de ensinar. Fazia isso sempre! Ia até às casas das pessoas para ensinar a bíblia.

Foi a partir da religião que se intensificou a minha paixão pela leitura. Não gostava muito de escrever, mas, a leitura era uma das formas que encontrava para fortalecer a fé e me conectar com Deus. Eu entendi que o aprender, absorver conhecimento, levaria-me a um bom futuro. E a leitura era um caminho para isso. Apesar de, na fase adulta, não ter continuado na religião, ela deixou esse legado – hábito de leitura!

Durante o período em que eu dedicava o meu tempo ao letramento religioso, eu acreditava ser desnecessário se dedicar ao estudo formal superior. Entendia que esse tipo de conhecimento não serviria para a minha vida futura. Bastava apenas fazer um curso técnico e conseguir um emprego. Não queria gastar muito tempo na faculdade. Achava o ensino superior longo e enfadonho. Não via motivo para investir tempo da minha vida na educação secular. Para mais, filho de negro e residente na periferia, não me enxergava nesse espaço privilegiado.

Nessas circunstâncias, com uma mãe viva, mas ausente, e avó falecida, fui obrigado a morar com o meu pai. Este, desempregado e com o vício na bebida alcoólica, trabalhava de forma autônoma para sustentar a família. Porém, o que se conseguia de sustento era menos do que o necessário. Consequentemente, obrigado a trabalhar aos 16 anos, enquanto tentava concluir o ensino médio, estudar passou a ser uma possibilidade, vista, a partir de então, por mim, para mudar a minha realidade futura.

Vale ressaltar que a relação com meu pai não foi pacífica. Por ter sido criado pela minha avó e agora me ver nas mãos de um pai viciado na bebida, não foi uma tarefa fácil.

Sempre me cobrava muito, pois tinha que ser o exemplo entre meus dois irmãos que moravam comigo, o que me fez, acredito, não “viver” plenamente a minha adolescência.

2. 1 O ECO DA PRIMEIRA PALAVRA SEMPRE FICA NO CORAÇÃO

Ao passo que fui crescendo e o eco das minhas lembranças revozeavam na minha cabeça, percebi a necessidade de estudar para ter uma condição melhor de vida. Procurei a minha mãe a fim de me ajudar a pagar uma faculdade particular. Contudo, a tentativa foi em vão. Ela mesma não via essa necessidade. “Basta o pouco que tem”, dizia, referindo a minha baixa condição financeira.

Por intermédio dos novos programas de governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Lula, acreditei que fosse uma chance de entrar na universidade. Mas não podia arriscar pagar um vestibular. Acreditava ser caro e muito difícil. Muita concorrência e poucas vagas. Com o surgimento do Enem, prestei o exame diversas vezes. Até que consegui uma bolsa em uma faculdade particular, através do Programa Universidade para Todos (PROUNI), para o curso de Letras. E, ano seguinte, logo depois do término do curso anterior, iniciei o curso de Bacharelado Interdisciplinar em Saúde - BI na universidade pública - UFBA. Nesse momento, meu desejo era experimentar as várias áreas do conhecimento a fim de decidir qual caminho profissional seguir, muito embora a minha vocação para o ensino sempre se fez presente.

Seis meses antes de terminar o curso de Letras, comecei a estagiar em uma escola pública do estado da Bahia. Como professor estagiário, não foi uma experiência positiva. Ao chegar à escola, deram-me uma turma extremamente indisciplinada. Contudo, busquei o diálogo, apesar da minha inexperiência na prática docente.

Depois desse estágio, estive como professor em mais duas escolas públicas, mas nenhuma instituição privada. Ainda com os desafios na sala de aula, sempre gostei de dialogar com a turma de adolescentes e percebia neles as aflições que o sistema deficitário de educação causa.

Em 2015, prestei concurso para a carreira do magistério, na cidade de Dias D’Ávila do estado da Bahia. Em 2017, fui convocado para assumir o cargo de Professor de Língua Portuguesa efetivo no quadro de servidores do município. Cheguei à escola em um momento conturbado. A classe docente no município estava em movimento de reparação salarial. O que colocou em xeque o meu posicionamento político enquanto professor em fase probatória. Agora professor efetivo de uma instituição de escola pública, é oferecida a chance de fazer

um mestrado através do PROFLETRAS. No mesmo ano, prestei o exame e passei na seleção. Este é um momento de conquista. Negro da periferia, atual professor concursado da rede municipal e mestrande de uma Universidade Federal.

Em 2018, começam as aulas no PROFLETRAS. Esse curso tem impactado fortemente a minha consciência enquanto professor/sujeito na sala de aula. Pois, enquanto professor de língua tenho cada vez mais percebido que o meu papel não é apenas ensinar gramática, mas tornar o texto no eixo do ensino. E, se for falar de gramática, que seja de maneira contextualizada. Esse programa de mestrado nos faz refletir e nos refazer na prática docente. Percebo que há uma tendência da categoria docente de, entre outras coisas, responsabilizar o(a) aluno(a) pelos maus resultados obtidos. Já fiz muito isso! Entretanto, as aulas de mestrado e a análise das recentes concepções de língua trazem ponderações sobre a relação entre escola, professor e ensino.

Em minha convicção, o Letramento é o eixo do programa. E este tem me ajudado a perceber que o professor(a) precisa possibilitar, no espaço da sala de aula, além da prática escolar, a realização de outros letramentos que não sejam escolares. Letramentos que envolvem práticas sociais.

Hoje, na sala, confesso que, às vezes, me vejo “sem chão” por não saber o que fazer ao ensinar Língua Portuguesa. Por um lado, na faculdade somos moldados de uma maneira tradicional, a prática escolar exige um molde conservador de ensino e os pais de alunas(os) também. Todavia, no percurso da formação do Mestrado Profissional, vejo-me na necessidade de me (re)fazer. Afinal, que significado teria ser professor e não ser capaz de transformar o espaço e os sujeitos para e com quem atua?

Apesar da minha pouca experiência, percebo que esse público juvenil, encontrado na sala de aula, tem um potencial formidável de produção intelectual e artística. São mentes em ebulição! Certamente, as aulas deveriam utilizar metodologias de ensino que proporcionem ambientes de discussões e construções de conhecimentos por meio de textos motivadores.

Preciso registrar que, nesse processo do PROFLETRAS, necessariamente no início do ano de 2019, por recomendação médica, fui obrigado a me afastar da UFBA. Convivo com uma enfermidade que me acometeu regiões dos ombros e quadris, há alguns anos, causando fortes dores articulares.

Diante desse contexto, acreditei que *não importa quanto longa seja a noite, o dia virá certamente*. Distanciar-me do curso nesse período foi indispensável e sofrido, por fazer parte de uma turma (turma 5/2018) que me oferecia muita energia motivadora, me senti, nesse

momento, ameaçado com um sentimento de desistência. A possibilidade de não retornar às atividades acadêmicas aparecia no horizonte. Contudo, além da qualificação profissional que o PROFLETRAS possibilita, o aprendizado adquirido até então me conscientizou e motivou a continuar em face de obstáculos. Não poderia desistir da minha qualificação, enquanto sujeito e professor. Logo, estava decidido concluir o curso.

2. 2 SE QUER IR RÁPIDO, VÁ SOZINHO. SE QUER IR LONGE, VÁ EM GRUPO

É sábio entender que: *se quer ir rápido, vá sozinho. Se quer ir longe, vá em grupo.* A minha turma V (cinco) do curso do PROFLETRAS certamente colaborou para o meu retorno. Naturalmente, algumas palavras serviram de refrigerios durante o período em que me manteve afastado. Frequentemente, recebia palavras animadoras dos meus(minhas) colegas/amigos(as) mestrandos(as) e da minha orientadora Analu. Em consequência, no início de 2020, retorno às atividades acadêmicas, retomando a construção da pesquisa.

Ao retornar em 2020, todos nós fomos surpreendidos com o contexto pandêmico que se formava por causa da disseminação da Covid-19 pelo país e pelo mundo. Por decisão da Universidade Federal da Bahia, é implementado o semestre suplementar que se configurava em aulas no formato remoto através das plataformas digitais disponíveis. Nesse momento, dois componentes optativos foram importantes.

O componente curricular “gêneros discursivos e/ou textuais nas práticas sociais”, ministrado pela professora Alba Valéria, contribuiu na reflexão dos estudos de gêneros no ensino da linguagem. Durante as aulas, foi analisado o panorama dos estudos sobre gêneros discursivo-textuais e a proposta teórico-metodológica. Tivemos um repertório interessante de autores que enriqueceu ainda mais o meu pensamento reflexivo como professor de textos. Posso citar alguns teóricos, a exemplos (BAKHTIN, 2003); (MARCUSCHI, 2008).

Além disso, durante as aulas, foi discutido como a metodologia do ensino dos gêneros está sendo estudada nos livros didáticos. Foi observado que, no que se refere ao ensino da linguagem por meio de gêneros textuais, nem todos os esses livros se adequam às orientações dos seguintes documentos oficiais: Base Nacional Comum Curricular (BNCC); Lei de Diretrizes e Bases (LDB); Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Vale ressaltar que esses documentos são norteados com base em teorias recentes sobre o ensino da linguagem e, levando-se em consideração os pressupostos defendidos neles, percebemos como alguns livros não analisam os gêneros como se deve. Assim, vemos a importância do

PROFLETROS, uma vez que esse programa de mestrado, destinado a professores da rede pública, tende a nos levar ao caminho da reflexão/ação no que tange ao ensino da língua.

Em meio às discussões sobre os diversos gêneros que circulam no contexto escolar, busquei fazer reflexões acerca do gênero discursivo provérbio o qual é a parte fundante do meu trabalho propositivo. Pensar na função social desse tipo de texto é importante, quando a proposta didática tem como fim um letramento escolar que abarca as práticas sociais das educandas e dos educandos.

Portanto, os ecos ouvidos por meio da reflexão, e aqui registrados, formaram elementos memoráveis fincados no coração. A minha passagem pelo programa de mestrado, naturalmente, provocou e tem provocado mudanças significativas que serão refletidas na sala de aula e na minha vida. Um ditado nos diz que *as pegadas na areia do tempo não são deixadas por quem fica sentado*. Então, o movimento dos ventos de sabedorias, adquiridas durante a trajetória de vida, contribuiu para definir quem sou hoje e, consequentemente, fez-me enxergar, no horizonte, novas perspectivas.

3. O CAVALO QUE CHEGA CEDO BEBE ÁGUA BOA

É comum ouvirmos expressões populares que relacionam a ideia de água ao conhecimento. Uma expressão africana diz que *conhecimento sem sabedoria é como água na areia*. Logo, o conhecimento associado à sabedoria prática traz motivação à vida. É sabido por nós que o(a) professor(a) procura garantir que o ensino de Língua Portuguesa conduza o(a) educando(a) ao universo de uso de textos que circulam socialmente. Ainda que às vezes não se perceba, esse sujeito histórico-social convive com os mais diversos gêneros textuais no cotidiano. Esse fato nos leva a um aspecto importante: a interação do(a) aluno(a) dentro da sociedade acontece através de textos: escrita, imagem, gestos e fala. E, portanto, o ensino deve ser o mais amplo e significativo para a vida que também é múltipla, diversa e complexa.

Diante desse fato, obviamente, com essa pesquisa, é dada a mim a possibilidade e a tarefa acadêmica de refletir sobre os conceitos primordiais do ensino da língua, a saber: Linguagem; Textos; Gêneros. As águas de sabedoria oferecidas pelos recentes estudos da linguagem devem nortear os trabalhos propostos com o texto-provérbio a fim de garantir que o ensino de língua faça sentido na vida dos(os) alunos(as).

Assim como já mencionado, o curso do PROFLETROS ofertou aportes teóricos e provocou reflexões necessárias para o efetivo ensino significativo no ambiente escolar. Por

exemplo, durante as aulas do componente curricular “Texto e Ensino”, ministrado pelo Professor Henrique Freitas, fui provocado a (re) pensar os conceitos de linguagem, texto e gêneros, à medida que pensava na minha função enquanto professor de língua e na minha relação com os sujeitos nos quais lido na sala de aula – os alunos e alunas. Por esse motivo, a presente pesquisa busca encontrar “água de sabedoria” por meio da fonte bakhtiniana que, por conseguinte, hidrata os recentes estudos da linguagem.

Oferecidas as águas teóricas, amparei-me, inicialmente, no conceito de (BAKHTIN, 2004) sobre língua. Conhecido como o filósofo do diálogo, para o russo Mikhail Bakhtin, a língua, como elemento da linguagem, não é um produto estático, mas tem um caráter dinâmico. A partir desse conceito, podemos compreender que: por meio das enunciações, a língua se torna um produto sócio-histórico – uma forma de instrumento com a qual os indivíduos interagem em sociedade. Na sua obra, Bakhtin destaca que:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social de interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN 2004, p. 123).

O autor amplia o entendimento quando diz que “a língua não é um reflexo das hesitações subjetivo-psicológicas, mas das relações sociais estáveis dos falantes” (BAKHTIN 2004, p. 147). Refletindo na concepção Bakhtiniana, a língua para existir depende das relações sociais estabelecidas pelos falantes. Os interlocutores tornam-se os sujeitos fundamentais nesse processo.

O autor citado amplia a compreensão quando afirma que a enunciação somente se torna efetiva quando acontece entre os falantes. A língua nunca é unilateral. Então, em uma comunicação, o receptor nunca será decodificador de mensagens. Ele se torna também um co-participante da comunicação elaborada pelos interlocutores. Isso nos mostra que, quando o sujeito for elaborar uma enunciação, ele levará em consideração o outro sujeito do discurso.

Por conseguinte, a língua sempre funciona em forma de texto. Pois Antunes (2017, p. 27) afirma que a “situação de linguagem acontece (...) sempre em textos”. Durante a vida somos expostos aos mais variados tipos de textos. Podemos nos comunicar, apenas, por meio das teias textuais. Pensar nisso é importante para que o(a) professor(a) de Língua Portuguesa entendam o seu real papel em sala de aula.

Para Koch e Elias (2006) o próprio texto é o lugar de interação, é nessa dinâmica que acontece uma gama de elementos implícitos que só é possível perceber quando ocorre

em um contexto sociocognitivo dos envolvidos na interação. Os autores afirmam que o texto pode ser considerado o próprio lugar da interação e que o entendimento de um texto é construído na interação texto-sujeitos ou texto-co-enunciadores, isto é, o texto não preexiste a essa interação:

O sentido de um texto é construído na interação texto sujeito e não algo que preexista a essa interação. A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentido, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo (KOCH; ELIAS, 2006, p.11).

Assim, as autoras nos mostram que o ensino da língua não deve se centrar apenas na codificação e decodificação de palavras. Mas por meio da leitura, por exemplo, o(a) docente deve partir do pressuposto que o funcionamento da dinâmica da língua está “sempre dentro de um contexto comunicativo; ou seja, dentro de uma situação em que pessoas interagem” (ANTUNES, 2017, p. 27).

Utilizar a língua é, enfim, interagir a partir do intercâmbio de textos. Segundo Antunes (2017, p.118), “todo texto é preso a textos anteriores, [...] logo todo texto é um intertexto, pois todo texto dialoga com outros”. Ao pensar no alunado, pode-se afirmar que o sujeito sempre estará inserido em um contexto e este sujeito construirá conceitos e/ou preconceitos a partir de sentidos construídos socialmente.

3. 1 AQUELE QUE APRENDE, ENSINA

Compreendido o conceito de língua e texto e como funcionam, me encontro impelido a analisar qual linha de pensamento devo adotar no que se refere ao trabalho com gênero textuais. A razão que me leva a isso é o fato dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) afirmarem a relevância dos gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa.

Nessa perspectiva, é necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser focadas nas situações de ensino. É preciso abandonar a crença na existência de um gênero protótipico que permitiria ensinar todos os gêneros em circulação social (BRASIL, 1998, p. 23, 24).

Considerando o exposto pelo (PCNs), se faz necessário uma explicitação da abordagem sobre gêneros discursivos. Embora não tenha sido escrito para o campo da educação, nós podemos nos apropriar das teorias bakhtiniana, mais uma vez, para explicar o

elemento discursivo que compõe os gêneros. Ciente que existe uma diferença conceitual entre gênero discursivo e gênero textual, explicito que o objetivo do presente trabalho não é entrar nessa discussão. Ressalto que, por se tratar de uma proposta de aspecto social, me ampalo no conceito de discurso de Bakhtin.

O Bakhtin (2003) destaca o aspecto social ao analisar aspectos do texto. Ele não fica preso na textualidade. A percepção bakhtiniana de texto tem a ver com o conceito de polifonia e de interação pela linguagem. Analisar o gênero, para Bakhtin, é muito além de pegar, por exemplo, um editorial de revista e analisar como esse gênero funciona. É preciso considerar o que está circulando em determinada época, o que as pessoas estão falando, o que o editorial pressupõe e o que o leitor conhece.

Assim, podemos nos apropriar do conceito de Bakhtin (2003). Para início, analisamos o que Bakhtin diz:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional.[...] Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003, p. 261-262).

O autor entende a linguagem em duas abordagens significativas que, segundo ele, são inseparáveis: uma tem a ver com a atividade humana e a outra, com a atividade da língua. Neste caso, não se trata especificamente da língua no sistema abstrato, mas dela enquanto atividade humana; ou seja, a língua em seu uso, conforme explanado anteriormente.

É dentro desse conceito de atividade humana que se trabalha com as mais diferentes possibilidades sociais de se produzir textos. Esses textos, por sua vez, vão ganhando formas através de seus determinados estilos, de acordo com as suas características específicas. E, dessa maneira, acontece a composição dos gêneros dos discursos. Os PCN's destaca que na disciplina de Língua Portuguesa deve propor o estudo dos gêneros discursivos como objeto de ensino a fim de garantir o desenvolvimento da criticidade do aluno:

Toda educação comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para que o aluno possa desenvolver sua competência discursiva. Um dos aspectos da competência discursiva é o sujeito ser capaz de utilizar a língua de modo variado para produzir diferentes efeitos de sentido e adequar o texto a diferentes situações de interlocução oral e escrita [...]. Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou àquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino (BRASIL, 1998, p. 23).

Diante do exposto, compreendemos que é improvável separar o uso da língua das práticas sociais, ambas são indissociáveis. O que nos faz perceber que, assim como as atividades humanas se manifestam nas suas diferentes formas, a língua em uso se apresenta de diversas formas através dos gêneros do discurso. Por essa razão é atribuição do(a) professor(a) de Língua Portuguesa levar o(a) aluno(a) a desenvolver criticidade à medida que a este é oferecido os vários textos que circulam na sociedade e que fazem parte da vida.

Em posse desse entendimento, refletimos que, ao estudar um texto, por vias formais, é importante não apenas analisar aspectos linguísticos, gramaticais e tradicionais. É imprescindível o(a) professor(a) pensar no estudo da língua que possa romper as teias gramaticais, e garantir o ensino que ultrapasse as paredes escolares e as meras obrigações educacionais. Como já explanado, não é tolerado um conceito que considera a língua como uma mera estrutura abstrata. Os estudos têm atestado um conceito ampliado de língua que a comprehende como um fenômeno sociodiscursivo, ou seja, “nas condições concretas da vida dos textos na sua inter-relação e interação” (BAKHTIN, 2003, p. 319).

Considerando essa perspectiva, entendo que o(a) aluno(a), enquanto sujeito, não constrói, nem reconstrói seus textos sozinho. E, além disso, não é só que ele(a) interpretará os outros textos que circulam na sociedade. Segundo (BAKHTIN, 2003, p. 308), “todo texto tem seu sujeito, um autor”. Este, por sua vez, irá agir no mundo em função de outro sujeito (destinatário). Fica evidente que, para o entendimento de texto, é indispensável às relações enunciativas. Por conseguinte, não seria possível que alguém se comunicasse por enunciações isoladas. Segundo o autor citado, é indispensável a existência dos gêneros para que haja comunicação entre os falantes e para que estes possam se compreender mutuamente:

"Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais (sintáticas). Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a estrutura composicional. prever-lhe o .fim, ou seja, desde o início somos sensíveis ao todo discursivo que. em seguida. no processo da fala evidenciará suas diferenciações (BAKHTIN, 2003, p. 302).

O exposto mostra que, quanto mais o falante entra em contato com os mais diversos gêneros do discurso, mais ele exercerá, efetivamente, as práticas sociais que envolvem a leitura e escrita.

Em tempos recentes, Marcuschi corrobora com as teorias bakhtiniana, ao tecer o conceito de gênero. (MARCUSCHI, 2005, p. 19), ele aponta o gênero como “entidade sócio-discursiva e formas de ação social incontornáveis de qualquer situação comunicativa”. Isso indica que a comunicação só é possível através dos gêneros, (MARCUSCHI, 2008). Seguindo

essa linha de pensamento, conclui-se que toda forma de interação comunicativa acontece através de gêneros.

Assim, toda a postura teórica aqui desenvolvida insere-se nos quadros da hipótese sócio-interativa da língua. É neste contexto que os gêneros textuais se constituem como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo (MARCUSCHI, 2005, p. 22).

Seguindo o raciocínio do autor, os gêneros não são neutros e nem abstratos. Eles são constituídos de práticas sociais discursivas que, por natureza, fazem parte da sociedade. Assim, se entendermos os gêneros como entidades, logo concluímos que exercem poder através de suas regras e controle. Marcuschi (2005, p. 29) confirma quando diz que “os gêneros textuais operam, em certos contextos, como formas de legitimação discursiva, já que se situam numa relação sócio-histórica com fontes de produção que lhes dão sustentação muito além da justificativa individual”. Marcuschi (2008) aponta que determinados gêneros exercem mais poder ou legitimidade do que outros.

De modo que, considerando as mais diversas atividades humanas, consequentemente, os gêneros vão adquirir as mais diversas formas a fim de atender a necessidade comunicativa, estando sujeito a influência do contexto social e cultural. Por esse motivo, não é de surpreender que, no decorrer da história humana, já surgiram e sumiram os mais diversos tipos de gêneros. Eles podem sofrer mudanças, aparecer e desaparecer na sociedade no decorrer do tempo.

As mudanças históricas dos estilos da língua são indissociáveis das mudanças que se efetuam nos gêneros do discurso. (...) Os enunciados e o tipo a que pertencem, ou seja, os gêneros do discurso, são correias de transmissão que levam a história da sociedade à história da língua (BAKHTIN, 2003, p. 285).

Vale ressaltar que, nos tempos atuais, por exemplo, notamos que os gêneros que funcionam nos suportes digitais estão aumentando em número de forma considerável. Com a urgência de comunicação rápida, a tecnologia virtual tem fornecido um leque de opções de gêneros a fim de atender as necessidades humanas. Pensar nessa realidade é importante ao verificar que o público estudantil mergulha nesse universo. Esse fenômeno dos tempos atuais atesta o que Bakhtin (2003) afirma há um tempo - o gênero possibilita a materialização da língua. Levando em conta que a língua é vida, é compreensível que os novos gêneros recentes estejam voltados para atender a uma sociedade que anseia uma comunicação viva e imediata.

Ao debruçar mais nesse tema, em Marcuschi (2008) podemos encontrar a diferença entre gêneros textuais, tipos textuais e domínio discursivo. Os gêneros textuais, conforme já explanado, tratam-se da materialização do texto, ou seja, estão associados à função do texto. Marcuschi (2005, p. 30) observa que “Os gêneros não são entidades naturais como as

borboletas, as pedras, os rios e as estrelas, mas são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano”. Dessa maneira, os gêneros surgem e modificam de acordo com a necessidade; logo, notamos uma maleabilidade. Por exemplo, as cartas eram muito usadas nas comunicações à distância, mas, hoje, a demanda social exige meios mais rápidos através das plataformas digitais como acontece com o uso de email.

Ademais, os tipos textuais estão caracterizados pelas suas funções linguísticas, podem ser denominados como modos textuais. E sua estrutura é definida por “aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais e relações lógicas” Marcuschi (2005, p. 22). São conhecidos por categorias, tais como: argumentação; dissertação; narração; injunção. Além dos gêneros e tipos sociais, os vários gêneros funcionam no domínio discursivo de determinada esfera da vida social. De forma que, “entendemos como domínio discursivo uma esfera da vida social ou institucional [...] na qual se dão práticas que organizam formas de comunicação e respectivas estratégias de compreensão” (MARCUSCHI, 2008, p. 194).

Por certo, os gêneros, de acordo com a sua prática institucionalizada, pertencem ao domínio discursivo específico a fim de garantir a efetiva comunicação. Esse fato é preponderante pela razão de compreender que, no caso dos provérbios, por exemplo, por serem enunciados desvinculados da ideia de autor, se torna um exemplo, os discursos não surgem do sujeito isolado. Assim como será apresentado mais adiante, o provérbio se origina do seio da comunidade. Pois quando o autor faz uso desse gênero discursivo, ele se apropria da ideia oriunda de uma coletividade.

3. 2 QUEM FAZ PERGUNTAS, NÃO PODE EVITAR RESPOSTAS

A criança demonstra a sua curiosidade através de perguntas à medida que vai compreendendo o mundo. Embora os adultos procurem ensinar as lições da vida, de várias maneiras, ela prefere conhecer o mundo da sua forma, a maneira que gosta. Por esse motivo, logo quando aprende a falar, começa sua empreitada investigativa com um grande repertório de perguntas.

A fala, como texto que pertence, naturalmente, ao gênero oral, merece a nossa devida atenção. Afinal, ela é o domínio linguístico que desenvolvemos logo muito cedo na vida. Para (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 150) “o domínio do oral se desenvolve, primeiramente, nas e pelas interações das quais as crianças participam [...] A maioria das crianças possui um domínio muito bom do oral quando entra para a escola”. E quando crescemos não deixamos

essa modalidade de texto. Ela continua como um recurso eficaz na nossa interação com o mundo.

Diante dos mais variados gêneros que transitam na sociedade, é relevante que o(a) professor(a) esteja ciente da necessidade do(a) aluno(a), no lugar de sujeito, de se apropriar dos inúmeros gêneros existentes, à proporção que este (aluno(a)) desenvolva a capacidade de ler criticamente e de produzir textos.

De acordo com Rojo (2000), o gênero do discurso está ligado a uma esfera da comunicação. Isso quer dizer que , quando o sujeito exerce o seu ato de falar e de ler, ele está tentando estabelecer contato, em determinada esfera, com o gênero do discurso. Por essa razão, o(a) aluno(a), a fim de interagir com o mundo, precisa saber lidar em dado contexto de interação.

Na perspectiva dos gêneros discursivos, uma questão que nos chama atenção, em relação à prática escolar, tem a ver com a importância do gênero oral na escola. É sabido que historicamente a instituição de ensino formal coloca a escrita como mecanismo privilegiado de inserção do conhecimento em detrimento da oralidade. No entanto, Marcuschi (2010, p. 37) atesta que “as diferenças entre fala e escrita se dão no continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois polos opostos”. Dessa maneira, é nos explicitado que as duas modalidades da língua (fala e escrita) não são estanques, em outros termos, elas podem ter condição de produção diferentes, quando se analisa que o processo acontece na perspectiva da língua. Por isso, precisamos analisar o espaço que a oralidade deve ocupar na formação de um contexto escolar.

Sobre a importância dos gêneros orais na esfera escolar:

[...] A relação entre gêneros orais e gêneros escritos não é uma relação de dicotomia. É antes uma relação de continuidade e de efeito mútuo, isto é, gêneros orais podem sustentar gêneros escritos; gêneros escritos podem sustentar gêneros orais. Eles estão em mútua interdependência, cada gênero oral que entra na escola, em geral, pressupõe a escrita, assim como cada gênero escrito trabalhado na escola pressupõe o oral. Então, de certa maneira, esta é uma distinção relativamente artificial, pois há um entrelaçamento contínuo. Além disso, cada gênero oral é sempre também sustentado por um outro gênero oral, isto é, há sempre um gênero oral e um gênero oral sobre o gênero oral, um discurso sobre. Cada gênero é sempre também objeto de outros gêneros de alguma maneira. E então há sempre o falar para escrever, o escrever para falar, o escrever para escrever e o falar para falar, o que mostra que sempre um gênero é dependente de outros gêneros, o que é um fenômeno evidente de intertextualidade, mas que está sempre na base de nosso trabalho (SCHNEUWLY, 2005, apud ROJO; SCHNEUWLY, 2006, p. 467).

Diante do exposto, não há espaço para considerar a escrita como a modalidade de maior importância, embora a esfera escolar privilegia tal modalidade. Estudos têm mostrado que a oralidade desempenha expressivo valor no processo de aprendizagem, no uso da língua

e, neste caso, na progressão escolar. Assim, faz mister valorizar os gêneros orais tal como a escrita na prática escolar, enquanto gêneros discursivos que se relacionam em continuum.

Sobre a complexidade da relação de continuidade fundada em gêneros do discurso, existente na escrita e fala os autores Rojo e Schneuwly (2006) afirmam que:

Não existe ‘o oral’, mas ‘os orais’ sob múltiplas formas, que, por outro lado, entram em relação com os escritos, de maneiras muito diversas: podem se aproximar da escrita e mesmo dela depender – como é o caso da exposição oral ou, ainda mais, do teatro e da leitura para os outros –, como também podem estar mais distanciados – como nos debates ou, é claro, na conversação cotidiana. Não existe uma essência mítica do oral que permitiria fundar sua didática, mas práticas de linguagem muito diferenciadas, que se dão, prioritariamente, pelo uso da palavra (falada) mas também por meio da escrita, e são essas práticas que podem se tornar objetos de um trabalho escolar (SCHNEUWLY, 2004, apud ROJO; SCHNEUWLY, 2006, p. 463 e 464).

Conforme afirmam os autores, os gêneros orais podem ser excelentes recursos de aprendizagem. Considerando as características múltiplas da fala e sua relação intrínseca com os gêneros escritos, podem promover um ensino de língua significativa. Logo, tanto textos formais como a conversação cotidiana se tornam instrumento de ensino-reflexivo nas práticas escolares.

Por essa razão, me aponto nas palavras de Marcuschi (2001, p. 83) quando diz que “o trabalho com a oralidade pode, ainda, ressaltar a contribuição da fala na formação cultural e na preservação de tradições não escritas que persistem mesmo em culturas em que a escrita já entrou de forma decisiva”. Corroborando com o autor, no seu artigo a professora Oliveira (2010) mostra que:

Nesse caso a oralidade entra como forma de aprendizado de uma dada cultura, considerando a linguagem um constructo social em que o sujeito da linguagem interage social, histórica e ideologicamente com o outro, construindo uma relação dinâmica com a alteridade (OLIVEIRA, 2010, p. 65).

Diante do exposto, percebemos a importância de inserir na prática escolar textos que circulam através da oralidade. O provérbio perpassa a muitas gerações de boca a boca, transportando ideologias e preservando tradições. É interessante pensar nesse gênero como parte da metodologia de ensino.

4. UM PROVÉRBIO É O CAVALO QUE PODE LEVAR ALGUÉM RAPIDAMENTE A DESCOBERTAS DE IDEIAS

Qual a contribuição que tivemos com a análise dos recentes estudos da língua, texto, gêneros e oralidade, discorridos no tópico anterior? Permitiu angariar aporte teórico suficiente para se propor uma pesquisa de letramento, centrado no uso de provérbio, atribuindo-lhe as características específicas do gênero discursivo, pertencente ao eixo oral. Por esse motivo, é importante entender aspectos linguísticos desse gênero que se faz presente no nosso cotidiano.

É bem verdade que os provérbios são inseridos em vários domínios discursivos: podem estar nas conversas cotidianas; na comunidade; nos escritos sagrados da bíblia; na esfera religiosa; em textos jurídicos. No contexto escolar, com dados obtidos através de uma conversa informal, parece que os(as) alunos(as) acreditam que a ideia da palavra provérbio esteja associada ao meio religioso. Isso foi percebido no momento em que foram questionados sobre o que eles achavam sobre o tema, suas respostas compararam-no a alguns ditados bíblicos ensinados por seus pais/avós.

Parto do pressuposto que o provérbio é um gênero com propriedade de discursividade e um elemento importante na ampliação de significados. Azevedo e Fernandes (2009, p. 1966) citam os pesquisadores Charaudeau e Maingueneau (2004) quando afirmam que todo discurso é atravessado pela interdiscursividade. Pois, os autores conceituam interdiscurso como “o conjunto das unidades discursivas (que pertencem a discursos anteriores do mesmo gênero de discursos contemporâneos de outros gêneros, etc.), com os quais um discurso particular entra em relação implícita ou explícita”. É nesse cruzamento de formações discursivas diferentes que a possibilidade de novos significados é ampliada.

Ao citar Maingueneau (2004), Azevedo e Fernandes (2009) continuam expondo que:

Associado ao interdiscurso, aparece o conceito de memória discursiva, parte constitutiva da produção do discurso. Sabendo-se que o discurso é sempre dominado pela memória de outros discursos [...], cabe ao analista do discurso perceber como ocorrem as operações com a memória e como se organizam as relações interdiscursivas, que fazem com que o sujeito enunciador inclua sua subjetividade no discurso e acaba por revelar valores ideológicos ao fazer uso de tais escolhas e procedimentos discursivos (MAINGUENEAU, 2004 apud, AZEVEDO; FERNANDES, 2009, p.1967).

Esse conceito da memória discursiva dialoga com o de polifonia preconizado pelo pensamento bakhtiniano, em que atribui ao gênero discursivo a presença do diálogo de vozes. Para Bakhtin (2003) existe uma gama de ecos e lembranças no enunciado à qual estão vinculados. O enunciado deve ser entendido como uma resposta de enunciados anteriores.

Nessa relação de vozes entre os enunciados, pode existir refutação, confirmação e complementação de sentidos. Isso nos ajuda a entender que, quando o interlocutor se apropria do provérbio (gênero discursivo), por exemplo, ele(interlocutor) entra em constante diálogo de vozes no discurso.

Esse valor polifônico que podemos entender também como memória discursiva, presente nesse gênero, é corroborada por Koch (2010) quando diz:

Ao usar-se um provérbio, produz-se uma “enunciação-eco” de um número ilimitado de enunciações anteriores do mesmo provérbio, cuja verdade é garantida pelo enunciador genérico, representante da opinião geral, da vox populi, do saber comum da coletividade (KOCH, 2010, p. 64).

Com essa exposição, percebemos o valor de memória discursiva atribuída a esse gênero como uma enunciação-eco. Essa voz do povo ecoa por muito tempo e sobrevive a várias gerações. Dessa maneira, é conferido ao provérbio um valor de coletividade, portanto, não se trata de um gênero ligado à situação particular ou a um indivíduo. Nesse aspecto, as considerações teóricas mostram que o provérbio transita na sociedade em interdiscurso; tem, pois, uma relação forte com a polifonia.

O Bakhtin (2004) vai dizer que o ser humano nunca inaugura o discurso, mas é aquele que vai estar (re)vozeando um discurso. Entendemos que o provérbio por ser polifônico e, por sua vez, por assumir uma forma de interdiscurso, é sempre circular, assim, ele sempre estará trazendo referência de outros grupos, de outras intenções, de outros textos.

Ao se expressar por meio de um dito, é o mesmo que ouvir uma outra voz a partir da sua própria, ou seja, a voz da sabedoria popular. Ao interagir, a sabedoria popular, a voz presente, é atribuída a responsabilidade enunciativa, concedendo ao outro enunciador o reconhecimento do provérbio enquanto provérbio, buscando se sustentar em sua própria memória.

Ao ratificar com o autor, Koch (2010, p. 66) refere-se ao provérbio como um enunciado em que "se argumenta a partir de uma premissa (maior) polifonicamente introduzida no discurso" de maneira que todo o texto é "perpassado vozes de diferentes enunciadores, ora concordantes, ora discordantes". (KOCH, 2010, p. 74) Afirma que "o termo polifonia designa o fenômeno pelo qual, num mesmo texto, se fazem ouvir “vozes” que falam

de perspectivas ou pontos de vista diferentes com as quais o locutor se identifica ou não”(KOCH, 2001, p. 58). Isso quer dizer que é possível existir várias vozes em um provérbio que interagem dialogicamente.

Por essa razão, Côrtes (2008, p. 87) postula que "a sabedoria popular transcende os locutores reais, provém dos mais remotos tempos, de uma experiência imemorial: não tem razão perguntar-se quem pode ter inventado tal ditado e em quais circunstâncias".

4.1 O SOL CAMINHA DEVAGAR, MAS ATRAVESSA O MUNDO

Naturalmente, nós humanos, temos anseio em saber a origem das coisas. Não diferente, ao falar sobre o provérbio na sala de aula, os(as) alunos(as) queriam saber quem deu causa a determinada enunciação. Mas conforme já exposto, é improvável concluir a sua origem. Contudo, durante a pesquisa encontrei hipóteses desenvolvidas por pesquisadores que acredito ser interessante pensar.

Para (URBANO, 2008, p. 38) a origem do provérbio acontece em uma situação concreta, mas as circunstâncias são imprecisas. O autor conclui que parte de uma “fase embrionária do seio popular à vida plena”. A “fase embrionária”, hipoteticamente, pode ser entendida em uma dada situação concreta, no seio do povo, que inicialmente tem sentido denotativo. Porém, ao longo do tempo e o transcorrer das situações, as palavras do dito vão ganhando sentido figurado, tal qual uma metáfora, por exemplo.

A título de ilustração, em um primeiro caso, Urbano (2008) traz o provérbio muito usado atualmente: *Onde passa um boi passa uma boiada*. Sobre a fase embrionária desse dito, o autor supõe que:

criada numa situação concreta de passagem de bois por uma ponte estreita. Depois é usada em situações semelhantes e ainda com algum sentido mais ou menos denotativo. Em seguida é empregada em eventos em que a ideia original funciona, mas a situação e os referentes já estão bastante distanciados (URBANO, 2008, p.38).

Não é possível saber qual ou quais interlocutores envolvidos na criação do dito ou em quais circunstâncias de tempo e espaço precisamente aconteceram. A fim de ilustrar uma situação concreta, em que o dito tem um sentido denotativo, Urbano (2008) exemplifica um caso que aconteceu em um documentário de tv sobre o Himalaia, em 12 de agosto de 2008. Ao narrar sobre a passagem de alguns bois em uma ponte estreita, o repórter usou a expressão: “*Onde passa um boi passa uma boiada*”. Naquele contexto, ele se referia no sentido denotativo ao descrever que após passar o primeiro boi passariam os demais.

Em tempo recente, precisamente em 22 de maio de 2020, a imprensa brasileira divulga a reunião ministerial (ocorrida 22/04/2020) em que o ministro do Meio Ambiente do governo brasileiro, Ricardo Salles, usou a expressão "passando a boiada" que, de nenhuma forma, referia-se a passagem de bois. Segundo a reportagem, em dada situação concreta, a expressão usada pelo ministro se referia a agilizar os processos legais e mudar as regras de controle ambiental, enquanto a mídia focava na Covid-19.

Os exemplos apresentados, atestam que o provérbio ganha a amplitude de sentido no seio popular. Assim, podemos entender que "um provérbio nasce, não no acto de sua invenção, mas no processo de sua absorção pela comunidade, que se concretiza em reutilizações permanentes" (LOPES, 1992, p. 1). Embora na fase embrionária, o dito tenha um valor denotativo, em tese, é no âmbito popular que a expressão ganha vida plena, é a comunidade que amplia o seu sentido de uso.

Para fim didático, Vitorino (2014) cita a pesquisa no campo da linguística cognitiva de Abreu (2010) para ensinar que a formação de um provérbio é resultado do processo de integração a partir de uma síntese. Por exemplo, ao mencionar a expressão *água mole em pedra dura, tanto bate até que fura*, ele analisa o seguinte:

Os provérbios têm origem num exercício de síntese a partir de um processo complexo de integração. Imagine que alguém está tentando conseguir um emprego público, vem estudando com afinco, mas até aquele momento não conseguiu aprovação em nenhum concurso. Perguntando-nos o que fazer, lhe respondemos: 'Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura'. Dizendo isso, nosso objetivo é que ele integre a lição da água à sua vida pessoal e que não desista de seu intento. Mas esse provérbio, por sua vez, é resultado da integração de uma pequena história a um fenômeno amplamente conhecido: o de que gotas d'água, caindo continuamente sobre uma pedra, ao longo do tempo, conseguem provocar um buraco no local de impacto (ABREU, 2010 apud VITORINO, 2014, p. 20).

O resultado causado pelo fenômeno natural da água batendo em uma pedra até furar faz parte do conhecimento geral de uma dada comunidade. Quando esse conhecimento é usado com sabor proverbial, integra o conhecimento geral aos significados desejados em uma dada situação concreta de uso. Dessa maneira, nesse caso, o ensinamento fica entendível: para conseguir o emprego público, deve persistir tentando, assim como a água persiste até atingir o objetivo de furar a pedra. Logo, a lição de persistência fica evidente. Para o autor, acima citado, esse complexo processo de integração origina a síntese proverbial.

Na corrente do tempo, há registro de provérbios desde tempos longínquos, em especial entre os chamados 'sábios'. Segundo (VITORINO 2014, p.22), os provérbios "datam do terceiro milênio as primeiras fontes literárias dos provérbios". Podemos considerar os de Salomão (? - 932 a. C.) como grande marco. A literatura universal expressa que muitos

filósofos utilizavam os provérbios nos seus discursos”. Tudo indica que os antigos povos, inclusive pessoas conhecidas como detentores do conhecimento, tomavam o valor dos provérbios como empréstimo nos seus textos orais e escritos. Não é de admirar o fato do homem, conhecido como o mais sábio de todos os tempos, o Rei Salomão, entrelaça nos seus discursos a sabedoria proverbial.

O aparecimento de provérbios não se limita às regiões marcadas pelos escritos cristãos. Pesquisadores acreditam que há registros, outrora, em diversas outras regiões. Quiraque (2017) cita Mexias-Simon (2011) ao afirmar que registros são encontrados “nos velhos berços da civilização, na China tradicional, no Egito, na Índia e na Pérsia e até na civilização greco-romana”. (QUIRAQUE, 2017, p. 78).

No que tange a história mais recente, Xatara e Oliveira (2002) afirmam “o provérbio aparece pela primeira vez em textos do século XII, e o mais antigo estudo, assinado por Henri Estienne, data de 1579 – embora a mais antiga coleção de provérbios seja a do inglês John Heywood, de 1562” (XATARA; OLIVEIRA, 2002, p. 13).

Além disso, “a existência dos provérbios tem origem muito mais remota, e só não [...] [foi] atestada antes porque os mesmos não puderam ser arquivados, pertenciam a uma tradição oral e se perderam tais documentações através do tempo”, (QUIRAQUE, 2017, p. 88), ratifica Quiraque (2017) ao citar Santos (2015).

Depois da explanação sobre a hipótese da origem de um provérbio e o registro histórico do seu aparecimento na cultura oral e escrita nas diversas regiões dos continentes, continuaremos a compreender aspectos importantes. Assim, aprofundar nas concepções sobre o gênero proverbial, tão presente na cultura popular, é de fundamental importância. Não há dúvida que se faz inevitável “beber das águas” de alguns autores, especialistas neste tema a fim de ampliar a nossa compreensão. Espero que, através de suas fontes, haja muitas contribuições na costura deste trabalho. O objetivo, neste momento, é compreender, ainda mais, esse fascinante gênero discursivo; abalizar as atividades pretendidas e promover uma educação significativa para a vida.

Para início de conversa, pensei na busca do conceito em uma fonte de livre acesso, especialmente, para os alunos e alunas. Sobre a definição do provérbio em livro de fácil avizinhamento escolar, o dicionário Aurélio oferece a seguinte definição:

s.m. Máxima expressa em poucas palavras e que se tornou popular; rifão, anexim, adágio; o rifão tem estilo de vulgar, às vezes com termos baixos; o anexim, sentencioso, contém ironia ou chiste. O adágio, o rifão e o anexim são chamados pelo povo de ditados. Todas as línguas têm seus provérbios. Com frequência os mesmos provérbios com formas diferentes ocorrem entre muitos povos e em épocas diferentes. Às vezes, provérbios semelhantes têm a mesma origem. Em outros casos

não têm provavelmente nenhuma conexão. A Bíblia contém um livro inteiro de provérbios. Estes provérbios são até hoje de uso comum, especialmente em países de maioria protestante (FERREIRA, 2001).

Vários outros dicionários apresentam definição parecida quanto a esse conceito. Vale ressaltar que, como explanado no exposto, a amplitude conceitual não se restringe apenas aos provérbios bíblicos, mas aos ditados populares construídos no seio da comunidade.

Naturalmente, este memorial não pretende explicar e diferenciar as possíveis relações entre os termos “máxima”, “rifão”, “anexim”, “sentencioso”, “adágio”, “rifão”, “ditos”, “ditados”. Afirmo que esses termos abrigam em si a organização de ideias que produz o sentido necessário e a função social para serem chamados de provérbios.

Esse gênero de característica fraseológica é estudado na ciência denominada paremiologia. Succi (2006) entende provérbios da seguinte forma:

Uma UL [Unidade Linguística] fraseológica relativamente fixa, consagrada por determinada comunidade lingüística que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula em enunciados conotativos, sucintos e completos, empregando-os como um discurso polifônico de autoridade por encerrar um valor moral atemporal ou verdades ditas universais e por representar uma tradição popular transmitida até milenarmente entre as gerações (SUCCI, 2006, p. 31).

Provérbio, no conceito mais amplo, nos faz pensar não apenas em palavras curtas ou um simples ditado. Na sua composição fraseológica, comporta “experiências vivenciadas em comum”. As palavras, quando juntadas a outras, constroem uma representação, escrita e /ou oral, do pensamento e da história de uma “tradição popular” que perpassa a várias gerações.

Desse modo, por causa de sua natureza complexa, os especialistas preferem não delimitar o conceito de provérbios para não incorrerem em uma definição incompleta e/ou insatisfatória. A esse respeito, atendo-me ao argumento de Vellasco (2000) que acredita que é improvável chegar a uma definição do provérbio para uma única categoria. Para ela os provérbios devem ser entendidos como uma classe de substantivos com subclasses.

Para fins didáticos, a autora ilustra o gênero provérbio na categoria de substantivo. Quando a palavra é substantivada, esta pertence à classe gramatical substantivo e às suas subclasses. Assim acontece quando o enunciado possui características específicas que o enquadra na categoria do provérbio. De tal modo, como existem as subclasses de substantivos, há textos curtos que, de características peculiares, pertencem à 'classe' dos provérbios.

Em alguns momentos, pode ocorrer a dificuldade conceitual de entender a diferença entre os ditados, ditos, expressão popular e dentre outros termos ao se referir a textos curtos.

Como já afirmado, esses textos de unidade fraseológica, em si, possuem a função social necessária para serem entendidas como provérbios.

Outros autores pesquisadores, compartilham com a ideia de não ser possível delimitar o conceito de provérbios. Por exemplo, Oliveira (1991) afirma que:

É difícil delimitar completamente a diferença que existe entre aforismo e cada um dos termos: adágio, sentença, máxima, provérbio, refrão, axioma e apotegma, pois todas elas contêm o sentido de uma proposição ou frase breve, clara, evidente e de ensino profundo e útil. Nenhum autor antigo, nem moderno, todavia conseguiu expor clara e terminantemente as diferenças entre umas e outras (OLIVEIRA, 1991, p. 19).

Como já exposto por mim, não darei ao trabalho de esclarecer as diferenças entre os termos. Além do mais, meu empenho em tomar emprestado o valor do provérbio ultrapassa a ideia de tentar delimitá-lo em conceito único.

Portanto, os pontos de vista sobre o gênero proverbial nos fazem perceber a complexidade conceitual. Depois de vários pontos de vista de teóricos especialistas, pretendo não limitar os conceitos dele nas atividades na sala de aula, mas fazer o alunado refletir sobre as mais variadas funções discursivas que esse gênero possui na sociedade.

Na sua obra, Vellasco (2000) detalha a amplitude do provérbio de maneira profunda e ampla, sem delimitá-lo. É um texto que apresenta diversas características que permitem inúmeras análises. Ela inicia descrevendo como itens tradicionais do folclore que pertencem a uma comunidade. Pois, a comunidade constrói, por meio da manifestação cultural, a sua identidade. A autora afirma que os provérbios fazem parte do item desse fenômeno folclórico. Eles se originam de uma manifestação popular, resultado das experiências de um povo.

Isso quer dizer que, quando analisamos um provérbio, estamos também entrando em contato e compreendendo a cultura de um povo. Por exemplo, quando entendemos o ditado, outrora muito utilizado pelos falantes, *quem tem boca, vai a Roma*, compreendemos uma época em que o governo romano estava passando por um período de impopularidade. Analisar essa expressão nos faz compreender a vontade popular desse tempo. Não necessitou vasculharmos as enciclopédias de história para compreender a instabilidade popular do governo romano, quando, segundo o ditado, a mensagem de ordem era “*vaia Roma*”. Obviamente essa compreensão nos é dada através da contextualização que recebemos, previamente, por meio de fatos históricos amplamente difundidos.

Discorrendo sobre provérbios, Vellasco (2000, p. 27) continua dizendo que eles “são afirmações concisas e impessoais de verdades gerais — a sua formulação é genérica e o seu valor de verdade é universal, atemporal e alocativo, mas refutável por provérbios

antagônicos". Por ter um caráter resumido e impessoal, o gênero proverbial pode ser utilizado pelos falantes como um instrumento de poder discursivo. Ao ser adotado como verdade, isto dá ao falante o poder de argumentar que, em determinada situação de uso, a expressão parece ser irrefutável, pois, de fato, quem fala não é um indivíduo, mas sim uma comunidade. Exprime que o significado das palavras é usado como não do falante, mas de uma comunidade. Por essa razão, o dito ganha um "peso" de verdade.

As pessoas repetem, propagam dizeres sem se darem conta do que estão dizendo. Analise o dito: *pau que nasce torto, nunca se endireita*. Já imaginou o teor determinista imposto por esse ditado? Talvez o falante não acredite na ideia do destino, mas reproduz um provérbio determinista sem perceber o significado que transita por esse ditado.

Vale ressaltar, nesse momento, que o provérbio não se trata de uma verdade absoluta. É possível refutá-lo e às vezes é necessário. Pertencente, obviamente, do gênero oral, ele circula com rapidez e amplitude nos meios sociais. Devido a isso, é importante analisar os discursos que um provérbio carrega.

Dedicar-se ao estudo da fala é também uma oportunidade singular para esclarecer aspectos relativos ao preconceito e à discriminação linguística, bem como suas formas de disseminação. Além disso, é uma atividade relevante para analisar em que sentido a língua é um mecanismo de controle social e reprodução de esquemas de dominação e poder implícitos em usos linguísticos na vida diária [...] (MARCUSCHI, 2001, p. 85).

Pense nesse dito: *negro parado é gente, correndo é ladrão*. É notório que esse dito é fruto do preconceito racial, existente em uma sociedade que reverbera o discurso alimentado pelo ódio. Destaco que, em tempo recente, esse tipo de discurso tem alimentado outros ditados, como por exemplo, *bandido bom é bandido morto*. Ambas expressões, nascidas no seio popular, são reflexo do racismo, pois noticiários têm mostrado que a violência urbana afeta diretamente a população negra.

A minha expectativa é que essa expressão (*bandido bom é bandido morto*) perca com o tempo a sua regularidade e convencionalidade. Em um discurso conservador e promotor de ódio, ela foi muito usada nos meios políticos e por pessoas da sociedade civil, recentemente. Por isso, não podemos desconsiderar que esse discurso de ódio nele empregado afeta pessoas que são pretas e pobres e que vivem em situação socioeconômica precária desde a polêmica libertação das pessoas escravizadas no Brasil, há cerca de 200 anos.

Sobre a violência ao povo negro no Brasil, em 2018 o Atlas da Violência fazia o seguinte relatório:

A conclusão é que a desigualdade racial no Brasil se expressa de modo cristalino no que se refere à violência letal e às políticas de segurança. Os negros, especialmente

os homens jovens negros, são o perfil mais frequente do homicídio no Brasil, sendo muito mais vulneráveis à violência do que os jovens não negros. Por sua vez, os negros são também as principais vítimas da ação letal das polícias e o perfil predominante da população prisional do Brasil. Para que possamos reduzir a violência letal no país, é necessário que esses dados sejam levados em consideração e alvo de profunda reflexão. É com base em evidências como essas que políticas eficientes de prevenção da violência devem ser desenhadas e focalizadas, garantindo o efetivo direito à vida e à segurança da população negra no Brasil (BRASIL, 2018, p. 41).

O tempo passou e pouco foi feito para resolver esse problema social. O Atlas da Violência 2020 relata o cenário racial e social caótico:

Uma das principais expressões das desigualdades raciais existentes no Brasil é a forte concentração dos índices de violência letal na população negra. Enquanto os jovens negros figuram como as principais vítimas de homicídios do país e as taxas de mortes de negros apresentam forte crescimento ao longo dos anos, entre os brancos os índices de mortalidade são muito menores quando comparados aos primeiros e, em muitos casos, apresentam redução. Apenas em 2018, para citar o exemplo mais recente, os negros (soma de pretos e pardos, segundo classificação do IBGE) representaram 75,7% das vítimas de homicídios, com uma taxa de homicídios por 100 mil habitantes de 37,8. Comparativamente, entre os não negros (soma de brancos, amarelos e indígenas) a taxa foi de 13,9, o que significa que, para cada indivíduo não negro morto em 2018, 2,7 negros foram mortos. Da mesma forma, as mulheres negras representavam 68% do total das mulheres assassinadas no Brasil, com uma taxa de mortalidade por 100 mil habitantes de 5,2, quase o dobro quando comparada às mulheres não negras (BRASIL, 2020, p. 47).

Embora vários estudos apontem que a violência urbana tem uma relação direta com a condição de pobreza de uma sociedade, parece-me que o dito citado não leva em conta os fatos estatísticos em consideração. Não é incomum o fato de pessoas pretas serem vitimadas porque foram confundidas com ladrões. Na expressão: *negro parado é gente, correndo é ladrão*, perceba que o verbo “ser” conjugado na 3º pessoa “é” se refere ao substantivo “negro”, não de modo subjuntivo (pode ser ladrão), indicando uma possibilidade. Pelo contrário, o verbo é usado no modo indicativo (é ladrão), dando a ideia de certeza. Esse exemplo nos faz perceber que o determinismo produzido pelo dito proverbial deve ser refutado.

Evidentemente, essas expressões refletem o racismo vigente. Associar pessoas de pele preta aos atos de criminalidade alimenta o estereótipo racista. Então, como podemos refutar um ditado como esse? Uma possibilidade para ser pensada é através de provérbios antagônicos. Refletir em ditados que promovam ideias contrárias àquelas com sentidos racistas, por exemplo, pode ser uma forma ir contra o pensamento racista. Mostrar um ponto de vista diferente nas teias proverbiais parece ser interessante.

É importante ressaltar que talvez seja difícil desconstruir um provérbio racista utilizando, apenas, dados estatísticos, ou relatos de experiência pessoal. Por outro lado,

reformular esse tipo de ditado pode apresentar uma forma diferente de pensar. Por exemplo, em vez de dizer *negro parado é gente correndo é ladrão*, posso refazer: *negro parado é gente, correndo é atleta*. Dessa maneira, a desconstrução de sentido acontece. O determinismo permanece, mas a ideia é reconstruída. Logicamente, esse ditado reformulado contradiz a ideia racista anterior. Assim como o provérbio tem teor de “verdade”, reformulando-o pode combater um preconceito. Trata-se de uma “verdade” por outra “verdade”. Embora a permanência do provérbio dependa da convenção social, o exercício exposto é para exemplificar a possibilidade de fazer o sujeito refletir acerca dos significados carregados nos provérbios e combater os discursos de ódio.

As ponderações anteriores, nos chama atenção ao fator importante quando pensamos nos provérbios na perspectiva discursiva. Ao me debruçar nos diferentes provérbios que nós temos, busquei pensar nos reflexos sociais. Percebi como muitos deles (não todos) refletem o pensamento preconceituoso, como por exemplo, machista e racista. Em contrapartida, durante a pesquisa, encontrei muitos provérbios africanos que traduzem ensinamentos. Notei uma expressiva diferença de duas sociedades: a nossa que, de um lado, nasce no preconceito; e uma outra que sofreu o processo colonização.

Porque quando invadem o Brasil em 1500, já começa um trabalho de exclusão de uma cultura (indígena) com a proposta de começar algo “novo”, por si só é um flagrante apagamento de um povo que estava ali. E em seguida veio o processo de colonização do povo negro. Então, toda a nossa sociedade é fundada em preconceito. Por outro lado, as sociedades de povos africanos, não. E isso é perceptível quando analisamos aspectos sociais dos provérbios que ambas sociedades produzem e reproduzem histórico e socialmente.

Vale ressaltar que não é o objetivo deste trabalho analisar esses aspectos históricos, mas estou dialogando com a questão do gênero discursivo. Em outras palavras, estou lançando o social para sala de aula. Dessa maneira, não me limito à estrutura do texto, muito embora seja importante. Se entendemos que o gênero é interação, logo é importante entender como esse gênero aparece no mundo e como essa sociedade, específica, aparece no gênero.

Naturalmente, o nascimento e a permanência de um ditado entre os interlocutores é fruto de uma dada comunidade. Pensar na reformulação de alguns ditados racistas, por exemplo, nas aulas de Língua Portuguesa, é uma possibilidade de emancipar o indivíduo.

Outra característica do gênero proverbial é a atemporalidade evidente na escrita e no uso oral desde a antiguidade. Alguns podem ter um significado direto com algum momento da história; outros, o seu uso atravessando gerações. E ainda há aqueles que sofrem mutação. Por

exemplo, o dito *quem tem boca, vai a Roma*, registrado anteriormente, hoje é falado, *quem tem boca vai a Roma*, dando a ideia de algo longínquo. O tempo passou e o dito foi modificado.

O gênero proverbial inicia-se do senso comum, da fidedignidade a um contexto de vida específica, da simplicidade. O senso comum, sendo entendido como um conjunto de opiniões, valores, gostos, modo de pensar de uma comunidade, nos ajuda a compreender por que os provérbios estão tão presentes nas comunidades através dos diversos tipos de gêneros.

Se entendermos a educação em sua acepção ampla, concordamos que educar é levar em consideração o ser humano na sua formação plena, inclusive as emoções. Sobre isso, os ditados, além de reproduzir “verdades”, refletem as emoções humanas. Os provérbios manifestam sentimentos e interesses primários do ser humano. Podemos citar o amor e o ódio; a vida e a morte; a paz e a luta; a juventude e a velhice; a fome e o alimento; a saúde e a doença; o trabalho e a brincadeira; a verdade e a mentira; Deus e o diabo.

Nunca se esqueçam das lições aprendidas na dor, admoesta um provérbio. Em conformidade com essa lição, “a dor ensina”, já dizia a minha avó. Nessa perspectiva, não há dúvida disso. Obviamente, as comunidades dos povos africanos bem sabem disso quando acionam a memória, ao lembrar das experiências vividas por seus antepassados. E eu bem sei disso quando me remeto às histórias contadas pelos meus avós e à experiência de minha própria vida. Assim a beleza de um dito, através das palavras, apresenta-se também no tom de ensinamento com sabor de emoção.

É mais uma evidência de que através das palavras a arte se manifesta e os “sentimentos primários do ser humano” podem ser expressos. O provérbio expõe a polaridade dos sentimentos humanos. Revela a verdadeira emoção de um indivíduo que se apropria dos ditos coletivos para se colocar no mundo e expor seus sentimentos.

Compreender o gênero proverbial é mais do que percebê-lo de forma simplesmente analítica, como um texto abstrato a ser estudado nas aulas de Língua Portuguesa. O provérbio adentra na vida com profundidade de significação. Isto é melhor entendido, por exemplo, quando adentramos na tradição oral do povo africano. Nos países africanos, a palavra é carregada de sentido profundo que influencia o modo de pensar e viver de suas comunidades. A ciência disso nos ajuda a compreender porque o provérbio é um gênero de grande relevância.

Muito embora a escrita tenha um papel relevante na sociedade moderna, a oralidade não perdeu o seu valor prático. Um trabalho acadêmico como este precisa de citações, referências para ter sua legitimidade garantida porque o domínio acadêmico exige tudo isso.

Similarmente, na cultura oral, os ditos têm o poder de referência quando são usados em discursos entre os interlocutores. A fim de dar peso à fala, eles podem ser utilizados, provocando uma consistência e base no discurso.

A esse respeito, na tradição oral africana, os provérbios podem ser caracterizados como narrativas curtas, enunciados sucintos que são empregados para codificar a realidade. Eles são um elemento importante na tradição oral africana, pois são muito presentes na literatura. Desde a antiguidade, a oralidade serve de base para a literatura. E assim como contos, cantos, histórias e charadas, os provérbios fazem parte desse repertório tradicional (VITORINO, 2014).

Vale ressaltar que quando menciono alguns gêneros textuais da oralidade, destaco a importância da palavra. Significa então que a tradição oral tem igual importância em relação à tradição escrita, de modo que a tradição oral desempenha uma relevância significativa nas relações humanas. A força da oralidade proverbial vem da capacidade de estabelecer, em poucas palavras, uma realidade complexa e muito profunda. A sabedoria africana entende o poder dos provérbios: essa conexão com o cotidiano; essa conexão tanto com a vida passada, quanto com a vida presente e futura. No seu trabalho sobre o tema, Vitorino (2014) destaca que:

O estudo de provérbios africanos nos permite observar a cultura e, sobretudo, a identidade do povo cabinda, em Angola, África. Cada provérbio se mostra, no seu dia a dia, nas manifestações de seu povo, como uma sentença moral que expressa uma verdade adquirida através da experiência de vida de uma comunidade. O provérbio é, quase sempre, construído através de uma frase curta, capaz de fazer referência a diversas questões da existência do ser humano (VITORINO, 2014, p. 1).

Construir o pensamento sob a influência da cultura e da identidade do povo africano permite ser possuído por vivência que vai além do saber acadêmico. Os provérbios, diante de sua imensa riqueza de sentidos, levam-nos a entrar em contato com nossa ancestralidade, uma questão importante da existência humana.

Sobre as ideias incorporadas nas palavras proverbiais, trago a saudosa Mãe Stella de Oxóssi (2010). Em seu artigo para o jornal A Tarde (2010), ela expressa seu entendimento sobre o valor de um provérbio:

Os provérbios fazem parte da oralidade africana, mas também de todos os outros continentes. É universal a maneira de falar em frases curtas e expressivas. Aristóteles disse: “reliquia que, em virtude de sua brevidade e exatidão, salvaram-se dos naufrágios e das ruínas das antigas filosofias”. Os provérbios podem ser conceituados como: Enunciados breves, de origem desconhecida, que expressam uma sabedoria a ser utilizada em qualquer tempo e lugar; Frases sintéticas, cujos conteúdos condensados expressam grande sabedoria; Fontes de prazer que, pela sua estrutura, possibilita ao cérebro fixar mensagens que colaboram para que o homem se harmonize consigo e com o outro (OXÓSSI, 2010).

Adepta a religião de matriz africana e mulher negra da cidade de Salvador, Mãe Stella bem sabia o valor ancestral carregado nos provérbios. Ela se refere ao conhecimento produzido pelo homem quando este se conecta com o outro. Como as ideias carregadas por um provérbio ultrapassam gerações, ele traz consigo os conceitos, valores e ideologia de gerações. Logo se trata de uma herança cultural, em que os africanos se apropriaram para perpetuar suas crenças e ensinamentos por meios da oralidade.

Sobre a ancestralidade, a meu ver, refere-se às pessoas que vieram antes de nós, tanto individualmente, como coletivamente. É sabido que quando viemos ao mundo, este já estava relativamente pronto. Logo, os ancestrais são aqueles que preparam o mundo para nós, aqueles que vieram antes. Cientes desse conceito entenderam uma das maravilhas dos provérbios como texto de profundezas de sentido e sabedoria. Sobre isso (VELLASCO, 2000) nos esclarece que:

ao citar um provérbio, o(a) falante cita a voz da experiência ancestral, uma verdade consensual tradicional. Ao usar provérbios, os falantes geralmente introduzem-nos no contexto, por meio de expressões tais como: como diz o ditado...; como dizia a minha avó...; tem um provérbio que diz...; como todo mundo sabe...; há um dito que diz que (VELLASCO, 2000, p. 138).

Em particular quando o falante pronuncia um provérbio, ele “cita a voz da experiência ancestral”. Entendemos que a palavra proverbial permite resgatar a memória de alguém amado. Trazer a voz de um ancestral significa manter um ente querido vivo. Pode significar que resgatar a voz dos antigos é uma forma de provocar o indivíduo a resignificar a realidade, com a voz daqueles que preparam o mundo para nós. Pois, diz um provérbio: *trate bem a terra, ela não foi dada a você por seus pais, mas emprestada a você por seus filhos.*

Sobre ser um resgate à memória, os provérbios podem não apenas nos aproximar de uma cultura, mas podem denunciar o silenciamento identitário sofrido por um povo no decorrer da história. Analise este provérbio: *Até que os leões tenham suas histórias, os contos de caça glorificarão sempre o caçador.* O que essa curta expressão nos ensina? Embora feito em poucas palavras, esse dito carrega nos léxicos o entendimento profundo da história de um povo. O ditado sendo originário de povos do continente africano nos remete à sua própria história de escravidão. Esse fato, por sua vez, é ressoado no ambiente escolar.

Sobre o ditado citado, analisemos as palavras: “leão”, “caçador”. Elas nos transportam à natureza, um tema muito recorrente na literatura africana. Em vista disso, somos conduzidos à compreensão do processo colonizatório, sofrido pelos países africanos, e ao processo de escravização praticado pelos europeus. Ser povo, historicamente, escravizado pelos europeus

é a história oficial ensinada nas escolas. Por outro lado, pensamos: quem conta a história da colonização? O caçador/europeu. A caça é silenciada.

A título de exemplo, trago a minha experiência do período escolar quando era ensinado que o descobrimento do Brasil se efetivou por meio de Pedro Álvares Cabral, o português. Contudo, a voz do nativo, o índio, foi ignorada. Nós sabíamos da existência do índio, antes da chegada do português, mas a voz do índio foi emudecida. Quão veraz se torna o provérbio analisado. O caçador (colonizador), através de seus contos, se glorifica como o descobridor. Similarmente, quando refletimos nas narrativas contadas em alguns livros de histórias e no ensinamento escolar, além do índio, a história do povo negro pode ser silenciada em alguns aspectos.

A sabedoria expressa nesse ditado é uma fonte de reflexão para os ativistas de movimentos sociais e raciais que lutam pela valorização e igualdade de direitos das etnias, por exemplo. Afinal, o “leão” tem que ter a sua voz, a suas histórias contadas também. Assim, a sabedoria de povos africanos, expressa pelo provérbio analisado, nos mostra que é necessário contar também as histórias narradas por estes. Por consequência, o ensino não deve ser etnocêntrico. Precisamos ouvir a outra versão da história.

Quando analisamos eventos históricos que mostram o silenciamento dos povos indígenas, fato esse que constituiram o início de nossa formação como nação, ajuda a compreender, talvez, o motivo de nossa cultura ser muito preconceituosa e isto é percebido nos provérbios. Diferentemente, os provérbios africanos são pautados no ensinamento e nos valores dado a natureza, às tecnologias do fazer cotidiano e histórico, como pode ser percebido em alguns deles citados durante esta pesquisa.

Diante da discussão, entendo que a educação vai além de apenas instruir: trata-se em lidar com um sujeito plural, um ser complexo que está inserido em um mundo de textos e discursos. Educar, portanto, abrange aspectos geográficos, socioeconômicos e históricos. Com essa consciência, vejo nos provérbios elementos necessários a fim de promover uma educação que seja significativa, tanto para mim como para o outro (aluno/aluna), por levar em conta os aspectos da constituição humana. Nessa perspectiva, a carga de sentido empregado nos provérbios pode ser de fundamental importância, ao pensar em uma educação que leve o sujeito a desenvolver as capacidades e habilidades necessárias para se tornar um leitor crítico de textos.

5. O SABER É COMO UM JARDIM: SE NÃO FOR CULTIVADO NÃO PODE SER COLHIDO

Ninguém sabe para onde a cabeça conduzirá os pés. Esse provérbio do continente africano resume bem minhas inquietações ao ser provocado a desenvolver uma pesquisa, na qual os sujeitos (eu e estudantes) estariam envolvidos em um trabalho com perspectiva da transformação das práticas em sala de aula. Somando a esse fato, tivemos, no contexto atual que se apresenta, mudanças impostas pelo evento pandêmico que se instalou no mundo.

Enquanto professor de Língua Portuguesa com dedicação de 25 h/a em sala de aula, encontro-me incumbido, antes de qualquer coisa, a conhecer melhor a minha turma. Logo, para o propósito de levar adiante a pesquisa, tive que verificar se a minha paixão pelos provérbios dialogava de alguma forma com as necessidades reais de aprendizagem em sala de aula e com os alunos e as alunas que estariam na pesquisa pretendida. Assim a questão relevante é: Como pensar no provérbio como parte do uso da língua?

A fim de apresentar o perfil do público de estudantes, descrevo algumas características gerais importantes: o ambiente escolar em que vivemos; o contexto familiar até à medida que pude saber. Para tanto, usei uma roda de conversa e questionário a fim de aprofundar a investigação prévia.

Esses adolescentes na faixa etária de 14 a 17 anos, com seus corpos vivos e moventes, cheios de energia, têm a escola como um espaço, talvez único, de lazer. A cidade tem poucos lugares de recreação. Ela possui algumas praças, mas por serem conhecidas como locais "inapropriados para gente de bem" os pais/responsáveis não permitem que esses jovens as frequentem. Então, eles ficam muitos em casa, no mundo dos jogos eletrônicos ou na internet quando não estão na escola. Em virtude desse fato, os (as) alunos(as) são assíduos, não faltam às aulas, pois a escola é encarada como um "shopping", um espaço de encontros para eles.

Sobre o espaço em que a pesquisa seria aplicada, com a ótica no propósito original, aconteceria na escola pública do município de Dias D'Ávila, Ba (ex-distrito de Camaçari, Ba). Localizada na região metropolitana de Salvador (capital do estado). Faz fronteira com as cidades de Camaçari, Ba e Simões Filho, Ba. Segundo o IBGE, para o ano de 2018, a população estimada era de 79.685, sendo que no último censo, em 2010, foram 66.440. Embora seja próxima de Salvador, ela tem característica peculiar, apresenta traços de cidade interiorana com aspectos rurais. Por exemplo, é natural ver circulando na cidade, como meios

de transporte, cavalos e carroças⁴. A proposta de intervenção elaborada seria aplicada na Escola Municipal Carlos Drummond de Andrade. É uma instituição de médio porte e localizada no bairro da Urbis, próximo ao centro da cidade.

Trago alguns dados estatísticos que mensuram a qualidade de ensino do município e o da escola, a qual ocorreria a pesquisa. Segundo o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), em 2019, nos anos finais do ensino fundamental, a média da cidade foi 3,8. A mesma instituição aponta para a escola a média para os anos finais de 4,1. Trago esses dados, pois eles se referem aos anos finais do ensino público em que pretendia aplicar um projeto, nesse caso, a turma do 9º ano.

Pelo cenário escolar, é visto que há muito trabalho a realizar. Para isso, busquei aportes teóricos guiados pelos recentes estudos do letramento. Geralmente, observo uma prática escolar tradicional no modelo de ensino voltada para o " $b+a = ba$ ". Contudo, essa metodologia de ensino não considera aspectos sócio-históricos do(a) aluno(a). Por isso, a pretensão é o desenvolvimento de um caderno pedagógico que contemple a integralidade do(a) estudante em uma perspectiva de letramento que propicie uma aprendizagem de linguagem que ultrapasse os limites impostos pelo processo de ensino mecânico. Em seu trabalho Oliveira (2010) afirma que:

A legitimação do papel do professor de português precisa passar por um caminho diferente. A rota precisa mudar. [...] Um caminho que o professor vai mapeando com o conhecimento que vai construindo sobre as realidades linguísticas, sociais e culturais de seus alunos para que possa entender os comportamentos e atitudes que eles apresentam na escola (OLIVEIRA, 2010, p. 266).

Diante do exposto, ao pensar no processo de ensino, tomo como base os conceitos e as concepções acerca dos estudos sobre letramento e suas implicações para a prática social dos sujeitos.

O termo letramento vem tomado diversas ressignificações. Tendo como referência os estudos de Brian Street (2014), no Brasil temos pesquisadoras que abordam esse tema. Esses estudos orientam o nosso trabalho, pois entendemos ser necessário que o(a) docente lance:

estratégias e modos de acessar diversos mundos culturais, de comunicar-se com o outro, através de diversas linguagens, de mobilizar modelos sociocognitivos, interativos (por exemplo, gêneros) que permitam aos alunos alcançar suas metas, para eles se comunicarem, acessarem seus recursos culturais, brincarem,

⁴ Para ilustrar: em um dado momento do ano de 2019, um grupo de jovens, portando armas, transitou em frente à escola efetuando disparos. E o mais curioso é que isso aconteceu com eles montados em bicicletas e cavalos

experimentarem novas situações, enfim, para aprenderem o que vale a pena aprender (KLEIMAN, 2008, p. 511).

Para esse feito, é necessário adotar a nova concepção: o letramento é entendido como prática social, por considerar a realidade vivida pelo alunado. Esses novos estudos ampliam o entendimento sobre letramento e nos mobilizam a compreender que o ensino significativo deve extrapolar os muros da escola. Nesse aspecto, entendemos que não é apenas através da escrita que o(a) aluno(a) adquire conhecimento, mas essa nova concepção de letramento reconhece como válida outras práticas sociais. Ou seja, essas pesquisas, nas afirmações de Angel Kleiman, defendem uma concepção que entende de letramento pluralista e multiculturalista no que se refere às práticas de uso da língua escrita (KLEIMAN, 2008).

Nos estudos de (KLEIMAN, 1995), a escola é apontada como a única agência de letramento que dedica seus esforços em um único tipo de letramento: a alfabetização. Isso quer dizer que a escola centra-se mais na escrita através de aquisição de código do que na prática social, diferente de outras agências, como igreja e família. Em sua obra, Roxane Rojo (2010) corrobora quando mostra que, no Brasil, a competência de leitura e escrita apenas se desenvolverá plenamente quando usarem eventos escolares como inserção do(a) aluno(a) na prática de letramento.

Nos trabalhos de Street (2014), encontramos dois modelos de letramentos: o autônomo e o ideológico. O primeiro está relacionado a uma dicotomia existente entre a oralidade e escrita, sendo que essas são entendidas como estando em detrimento em relação à outra e estando distante de seu contexto de produção e leitura. A esse respeito, a escola adota o modelo autônomo, pois ela invalida os letramentos adquiridos pelos(as) estudantes fora do ambiente escolar.

O modelo ideológico, por outro lado, apresenta a concepção de que os textos são construídos socialmente e possuem representações e valores. Entende que o uso da linguagem é determinado pelas situações, intencionalidade, os objetivos e as relações estabelecidas pelos interlocutores. Por esse motivo, por considerar o gênero proverbial como um instrumento de aprendizagem no presente trabalho, indago-me: Será que o provérbio está inserido no cotidiano dos(as) estudantes? Em caso afirmativo, em até que medida?

Quando ainda em sala, através de uma pesquisa preliminar, embora superficial, levantei alguns dados relevantes para elucidar as questões acima citadas. Com o objetivo de saber se o provérbio faz parte do cotidiano e em caso afirmativo até que medida esse tipo de texto pode estar inserido no seu cotidiano, propus uma roda de conversa e, durante a

conversação, encontrei um dado curioso que antes me passava despercebido: os(as) alunos(as), na sua maioria, são criados por pais separados (geralmente com as mães) ou com os avós. Essa informação me fez levantar a hipótese que, em certa medida, devem ter ouvido alguns provérbios/ditados populares em suas casas. É fato que esse gênero discursivo, por pertencer principalmente ao eixo oral e por está vinculado à tradição popular, é muito usado pelos “antigos”, nesse caso, provavelmente, os avós, como forma de orientação e aconselhamento. Essa hipótese parte do fato da minha avó ser *a minha dona dos provérbios*.

Em seguida, para confirmar a minha suposição, durante a conversação, perguntei aos (as) alunos(as) sobre o que eles(as) conheciam sobre provérbios. Depois da minha provocação, o vocábulo “provérbio” levou-os a pensar nos provérbios da bíblia, apenas. A partir disso, expliquei que, além dos registrados na bíblia, provérbio diz respeito aos ditados e expressões populares que circulam na sociedade. Depois que comecei a citar alguns, perceberam do que se tratava. Em seguida, propus uma pesquisa sobre os ditados populares que eles(as) ouviam em casa, na comunidade; sobre os provérbios que eles utilizavam; e sobre as circunstâncias de uso. Eles(as) foram orientados a entrevistar os pais ou avós acerca desse tema. Na aula seguinte trouxeram o que encontraram. Das pesquisas vieram os seguintes provérbios:

- I. **A. V. Souza 9º ano, 15 anos:** *Cobra que não anda, não engole sapo; A pressa é a inimigo da perfeição; Cavalo dado não se olha os dentes; A ocasião faz o ladrão; A mentira tem perna curta; A necessidade é a mãe das invenções; Cachorro que late não morde; Cada macaco no seu galho; Filho de peixe, peixinho é; Quem avisa amigo é; O barato sai caro.*
- II. **K. Oliveira 8º ano, 16 anos:** *Quando um não quer, dois não brigam; Para um entendedor, meia palavra basta; Pimenta nos olhos dos outros é refresco; Quem espera sempre alcança; Peixe morre pela boca; Quem não tem cão caça com gato; Nunca digas que desta água não beberei; Se cair, do chão não passa; Pau que nasce torto, morre torto; Quem avisa amigo é; Filho de peixe, peixinho é; Errar é humano; Quem tudo quer, nada tem; Caiu na rede, é peixe; Casa de ferreiro, espeto de pau; Deus ajuda quem cedo madruga; Quem tem boca vai a Roma; Em boca fechada não entra mosquito; Cachorro que late não morde; Água mole em pedra dura tanto bate até que fura; Deus não dá asas a cobra.*
- III. **B. da Paixão, 14 anos:** *Macaco não olha pro rabo; É melhor prevenir do que remediar; Dor de barriga não se dá só uma vez; Quem fala o que quer ouve o que*

não quer; Antes tarde do que nunca; Quem se apressa come cru; Cada macaco no seu galho; Coração de homem é terra que ninguém mora; Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão; De grão em grão a galinha enche o papo; Quem tem telhado de vidro não atira. Filho de peixe, peixinho é.

- IV. **T. Melo, 15 anos:** *Tapar o sol com a peneira; Mais vale um pássaro na mão do que dois; voando; Apresado come cru; Quem não tem cão caça com gato; Pau que nasce torto nunca se endireita;*
- V. **P. H. da Silva, 16 anos:** *Quem com ferro fere, com ferro será ferido; A ocasião faz o ladrão; Um homem prevenido vale mais do que dois. Caiu na rede é peixe.*
- VI. **J. Nascimento, 14 anos:** *Quem com ferro fere, com ferro Será ferido; A pressa é a inimiga da perfeição; A mentira tem perna curta; Quando um não quer dois não brigam; Gato escaldado tem medo de água fria; Para um bom entendedor, meia palavra basta; Quem quer faz, quem não quer manda; Em boca fechada , não entra mosquito; Filho de peixe, peixinho. Peixe morre pela boca.*

Diante dos resultados obtidos, procurei saber sobre quais foram os momentos de uso dos provérbios trazidos. Queria entender se eles(as) (estudantes) tinham compreendido o sentido de uso ou se os textos eram resultados de pesquisa da internet. Para esse fim, indaguei-os sobre os momentos em que tinham ouvido esses provérbios e, a partir daí, eles(as) fizeram alguns comentários e registrei alguns:

- I. *Quando um não quer dois não brigam* - dizia isso ao meu irmão.
- II. *Quem avisa amigo é*, minha me dizia isso como alerta.
- III. Por parecer tanto como o meu pai, já ouvi minha tia dizer que *filho de peixe, peixinho é*.
- IV. Na música “Teile, Zaga” do grupo de pagode” La Furia” há um trecho que diz, *pau que nasce torto nunca se endireita.*
- V. Quando estou interessado em uma garota, logo digo aos meus amigos: *caiu na rede, é peixe”.*
- VI. *Peixe morre pela boca’* é a expressão usada para alertar que algo ruim irá acontecer com aqueles que entregam os seus colegas da “boca”⁵.

⁵ Em dado contexto, a expressão foi usada pelo falante para se referir à local em que acontece o comércio ilegal de entorpecentes.

Por meio de uma conversa animada em sala percebi que esses ditados, em certa medida, estavam circulando no cotidiano desses(as) adolescentes. Por esse motivo, vejo como plausível e produtivo pensar em uma inserção na metodologia do ensino da língua materna que traga a possibilidade do uso de provérbios ou ditos populares na sala de aula.

Além disso, em 2018, logo nas primeiras aulas do PROFLETRAS, os(as) professores(as) já deixavam explícito que o motivo escolhido para a elaboração, desenvolvimento e aplicação do projeto de intervenção teria que estar relacionado com a realidade cotidiana do(a) aluno(a), percebido pelo(a) professor(a).

As aulas do componente curricular “Elaboração de projetos e tecnologia educacional”, ministrada pela Professora Alvanita Almeida, buscavam atingir o objetivo central de elaborar esboços de projetos educacionais para o ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa. Para esse fim, as discussões giravam em torno das seguintes perguntas: O quê? Para quê? Por quê? Quais os caminhos a percorrer?

Sendo um aluno recém-chegado no curso do Mestrado Profissional, via-me “patinando”. É natural que, quando moldado e acostumado com as práticas tradicionais de ensino, permanecer na “zona de conforto”, ir dar aula com a “pasta pronta” e aplicar o projeto de acordo com o que é interessante para o professor parece ser a maneira mais confortável do fazer docente.

Frequentemente, desde quando entrei no PROFLETRAS, percebia a necessidade de me (re) fazer. E agora mais ainda, porque o projeto teria que ser registrado no papel. O desafio era: desenvolver um trabalho de intervenção que fosse significativo para a vida dos(as) alunos(as). Então, o que fazer? Nesse momento, vejo-me em conflito entre: O EU, o professor tradicional, e o OUTRO que precisa se (re) conhecer e se (re) fazer para desenvolver algo significativo tanto para si quanto para o outro. Depois de alguns dias de reflexão e me questionando sobre o que propor, lembrei-me de uma experiência em sala de aula, ocorrida no ano anterior (2017).

Vez por outra, começo a aula com uma mensagem de reflexão. Em um dado dia de aula, precisamente no mês de março de 2017, iniciei meu trabalho com o seguinte ditado/provérbio: *Em terra de cego quem tem olho é rei*. Percebi que, inicialmente, os(as) discentes ficaram sem compreender. Como a figura de linguagem é presente nos ditados populares, os(as) estudantes não entenderam o sentido conotativo empregado no provérbio. Porém, busquei explicar o significado que pretendia dar com aquela expressão.

Com essa provocação, minha pretensão era inquietar nos meus alunos e minhas alunas uma reflexão. Com base na minha experiência como professor, percebo que: embora fazendo parte de uma geração com acesso ao mundo virtual de dados e informações, uma parte da turma jovem de alunos(as) carece de conhecimento, resultante de uma interpretação textual crítica. Eles/discentes precisam refletir sobre a importância da busca do conhecimento. Por meio do provérbio citado, a intenção era expor a seguinte sabedoria: No meio da ignorância (falta de conhecimento), quem sabe um pouco mais tem vantagens. Depois que expliquei, a aula seguiu normalmente.

Após seis meses, em setembro de 2017, foi proposta – para mesma turma do 8º ano – a produção de um texto de tipologia dissertativo-argumentativo, com a temática “cultura da paz”. Ao analisar esse trabalho textual, percebi o registro do provérbio citado por mim na experiência anterior. Nesse texto, o autor/aluno fez uma relação entre o provérbio e a temática em questão. Ele argumentava que “em uma sociedade onde existe uma relação de poder quem tem “olho” está em vantagem sobre quem é “cego”, aquele que está em desvantagem”; pois, na concepção expressa pelo autor/aluno, pessoas informadas, neste mundo de “cegos”, estão à frente, ou seja, é “rei”.

Quando me lembrei dessa experiência, decidi considerar o gênero discursivo provérbio como o eixo central de letramento na pesquisa. Acreditei ser um excelente instrumento discursivo naquele espaço escolar.

A experiência permitiu a seguinte reflexão: o aluno se apropriou do valor conotativo do provérbio a fim de produzir o sentido desejado no seu texto. Essa produção de sentido se fez através de um recurso discursivo – a argumentação. Segundo Côrtes (2008),

ao utilizarmos os provérbios nos textos como forma de argumentação, aproximamos o leitor, tocando sua consciência, de fato, o locutor que emprega o provérbio no seu discurso é invencível, porque não se apresenta como o criador de tal enunciado. o que ele faz é apoiar-se sobre uma ideia estabelecida pelo senso comum, não refutada pela coletividade, admitida de longa data como verdadeira, e preexistente assim à sua argumentação de locutor particular dentro de uma situação particular (CÔRTEZ, 2008, p. 87).

O aluno usou o dito como um elemento valioso na sua argumentação, pois, ao citá-lo, ele se colocou em uma posição privilegiada à medida que se apropriou de um enunciado conhecido e aceito pelos locutores e interlocutores.

Por conseguinte, em outra turma do 8º ano, tive mais uma experiência animadora. Usei o mesmo provérbio: *em terra de cego quem tem um olho é rei*. Contudo, enquanto explicava, os(as) estudantes não prestavam atenção – um dos problemas enfrentados pelos(as) professores(as). Dentro desse cenário, um aluno se aproximou e me disse: “professor, o

senhor está tentando abrir os olhos deles, mas eles preferem permanecer cegos, pois não querem entender o que o senhor está tentando explicar”. Naquele momento, percebi que este estabeleceu a relação de sentido entre o texto/provérbio e a realidade vivenciada naquele momento. O ditado entra no discurso do interlocutor/aluno permitindo ao mesmo a adaptação contextual.

Além desses fatores primordiais, o que me fez pensar no gênero proverbial como instrumento de aprendizagem é o fato dele permitir uma gramática contextualizada. Ao passo que desenvolvia a pesquisa, as aulas do PROFLETRAS continuavam a alterar as minhas percepções e, por conseguinte, o meu caminhar. Normalmente, os(as) professores(as) do ensino de línguas observam o lugar da gramática na construção textual. Tradicionalmente, a Gramática Normativa (GN) é supervalorizada na sociedade, e, por consequentemente, na escola. Não diferente do costumeiro, enquanto professor costumava legitimar essa tradição. Este é o motivo pelo qual me faz rever o papel da gramática no ensino da Língua Portuguesa.

O componente curricular “Gramática variação e ensino”, ministrado pela minha orientadora professora Ana Lúcia Silva Souza (Analu), teve o objetivo de avaliar as gramáticas pedagógicas, considerando os usos da linguagem e os fenômenos gramaticais mais produtivos e mais complexos na ampliação da inserção social e cultural dos alunos na escuta, na leitura e na produção de textos orais e escritos. E, entre outras discussões, a problematização em torno da “língua padrão” como uma das variações dos modos de usar a língua, mas não a única.

Nem todos os falantes da língua, em uma sociedade, têm acesso à língua dita padrão (uma variante abarcada pela gramática normativa). Esta, por sua vez, é vista com prestígio e referência. A inacessibilidade permite que a linguagem legitime o seu poder de discriminar. Isto se dá pelo seguinte fato: nem todo falante irá refletir na sua língua em uso uma variante classificada como “padrão”, se ele não teve acesso a uma educação tradicional privilegiada.

No seu livro “Linguagem, poder e discriminação”, autor Gnerre (1991) defende que a linguagem é um instrumento vivo e tem o poder de servir, tanto para o bem quanto para o mal. Assim, a linguagem não funciona apenas para veicular informação, mas tem papel de agente de poder e discriminação. De que modo? Em uma interação, a linguagem comunica ao ouvinte a posição que o falante ocupa ou acha que ocupa na sociedade. Bourdieu (1977) assegura que “o poder da palavra é o poder de mobilizar a autoridade acumulada pelo falante e concentrá-la num ato linguístico” (BOURDIEU, 1977, apud, GNERRRE, 1991, p. 5). Assim, é estabelecida uma relação social de poder entre: o falante e o ouvinte, escritor e leitor.

Essa afirmação se torna evidente quando analisamos a visão geral que os falantes têm em relação a sua própria língua materna. A expressão “a Língua Portuguesa é difícil e complicada” ecoa nos discursos do cotidiano de uma parte da população e ressoa entre os(as) estudantes. Esse conceito pode ser resultante do lugar privilegiado onde a gramática normativa é colocada no eixo do ensino da língua.

Contudo, pensar na língua materna sendo “difícil” é um equívoco. Para tanto, autores que debruçaram sobre o tema, como Marcos Bagno (1999), denunciam o erro. Em seu livro “Preconceito Linguístico: o que é e como se faz”, o autor ilustra que “uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo [...]. Também a gramática não é a língua” (BAGNO, 1999, p.19).

Se pensarmos em uma perspectiva histórica brasileira, a nossa língua materna é atravessada por preconceitos promovidos por uma cultura europeia colonizadora. No mesmo livro, Bagno (1999, p.149) denuncia quando diz que “a gramática tradicional [...] foi transformada em mais um dos elementos de dominação de uma parcela da sociedade sobre as demais”. De maneira que, como mais um instrumento de poder, a prática de ensino se estrutura na língua de Portugal e não no português brasileiro. A violência simbólica praticada por esse projeto colonial desenha um molde de ensino desinteressante para nós. Segundo o autor, o ensino da língua consiste em “decorar” coisas que ninguém mais usa (fósseis gramaticais) e nos convencer de que só eles podem salvar a língua portuguesa da ‘decadência’ e da ‘corrupção’ (BAGNO, 1999, p.54).

Todos nós precisamos compreender que a língua padrão existe e que por meio dela é também possível adentrar em alguns espaços sociais de poder. É fácil perceber, no espaço escolar, a vergonha acompanhada com baixa autoestima daqueles(as) alunos(as) que, nos seus discursos, se afastam da “norma padrão” da língua.

No livro, *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, Bell Hooks (2013), ao se referir o processo discriminatório por meio da língua, destaca expressão encontrada em um poema: “esta é a língua do opressor, mas preciso dela para falar com você” (HOOKS, 2013, p. 223). Para a autora não é a língua que discrimina, mas é o que o opressor (colonizador) faz dela.

Durante as aulas do PROFLETRAS, foi analisada a função que a gramática normativa exerce na sociedade. Ela é usada como instrumento de segregação social entre os falantes. Normalmente, na escola em que trabalho, percebe-se que os alunos querem distinguir o que é “certo” do que é “errado” no âmbito do uso da Língua Portuguesa. Percebemos que se trata de

uma reprodução social muitas vezes legitimada pelo(a) docente, e eu me incluo ou me incluía nesse rol.

No entanto, entramos em uma problemática. Sendo um país de grande extensão territorial e de uma trágica injustiça social, a Língua Portuguesa se apresenta com alto nível de diversidade. Na escola Municipal Carlos Drummond de Andrade, Dias D'Ávila, por exemplo, existem estudantes oriundos tanto do centro urbano como da zona rural. Então, como o trabalho de pesquisa pretendia tornar o ensino da língua significativo para esses(as) estudantes? A linguista Irandé Antunes defende que,

As novas concepções da linguística [...] podem nos fazer ver o fenômeno da língua muito além das teias gramaticais, com horizontes bem mais amplos, bem mais fascinantes, bem mais humanos, no sentido de que refletem os usos das pessoas em sociedade, isto é, a língua que a gente usa no dia-a-dia (ANTUNES, 2003, p. 174).

As novas correntes teóricas permitem pensar no ensino da língua em uma perspectiva que ultrapassa as “normas gramaticais” e os muros da escola. Permite concluir que não é aceitável uma aprendizagem estruturada, apenas, nas “teias gramaticais”. É necessário ir muito mais além. Ao pensar em gêneros discursivos que usamos no cotidiano, não podemos excluir os provérbios desse rol.

Embora os estudos recentes apontem a necessidade do ensino mais humano e fascinante, percebo que, normalmente, as aulas de Língua Portuguesa não refletem a língua em uso. De costume se privilegia a “língua padrão” e não considera as outras concepções de gramáticas relevantes para o ensino, tais como: a contextualizada; a internalizada.

As discussões discorridas, durante as aulas do PROFLETRAS, me fizeram perceber que o projeto pode ser muito potente e estar no caminho certo ao escolher os provérbios /ditados populares como elemento provocador de sentido e promotor de um ensino de língua mais interessante. Certamente, propor uma metodologia através dos provérbios constitui uma possibilidade de transformar as aulas de Língua Portuguesa num momento fascinante e significativo tanto para o(a) docente quanto para o(a) discente.

Vale ressaltar que vamos direcionar os trabalhos na perspectiva de olhar para os provérbios no seu valor de sentido social. A variedade provocada pela irregularidade na sintaxe proverbial permite navegar no estudo da língua de maneira deslumbrante e humorada. Através dos provérbios, existe a possibilidade de enxergar a língua viva. É muito mais do que regras tradicionais, postas de maneira verticalizada.

Contudo, pensar no estudo da língua sem seguir uma regra tradicional, legitimada pela gramática normativa, não significa que a formação das palavras e orações não irão se dar de maneira organizada. Pois, “essa diversidade de formulação permite um estudo da língua em

seus diferentes usos e estruturas. Como exemplos, podemos citar: a) paralelismo (“Enquanto há vida, há esperança.”; “A morte não poupa nem o fraco nem o forte.”; “Tal pai, tal filho” etc.)” (FERREIRA; VIEIRA, 2013, p. 15).

Logo, percebemos que o falante, ao se apropriar de sua língua materna, prontamente, seguirá a estrutura e os diferentes usos da variedade linguística. Importa ressaltar que a tal apropriação acontece na sua vida pré-escolar.

Certamente, o que faz uma aula significativa, dentre outros fatores, envolve o uso de gêneros que fazem parte do cotidiano do(a) alunado(a), porém, os provérbios são poucos trabalhados na sala de aula e, quando os são, acontecem de maneira equívocada.

Como já mostrado, esse gênero discursivo pode emprestar o seu potencial de sentido, ainda assim, normalmente percebo que ele não é incluído nos planejamentos metodológicos da escola. Eu, por exemplo, não me lembro, durante a minha vida de estudante, ter tido aula de Língua Portuguesa analisando as ideias preconceituosas de um provérbio. Até antes da pesquisa realizada, não me dava conta dos discursos danosos materializados nos ditos populares.

Em contrapartida, nas práticas escolarizadas, é perceptível o uso contínuo de textos oriundos da literatura “canônica” tradicional que privilegia a escrita, tais como: crônica, contos, fábula etc. Contudo, não desmereço a importância e a função social desses gêneros literários. Eles são importantes, afinal, quem, em sua fase escolar, não aprimorou a escrita e a leitura através das práticas escolares efetivadas por meio deles?

Outrossim, diante do exposto, penso que, na licenciatura, é perdida a possibilidade de transformar a aula em um momento marcante para o(a) docente e para o(a) discente, quando se desconsideram gêneros discursivos no campo da oralidade como o provérbio, tão presente no cotidiano.

Assim, apesar de haver muitas pesquisas e teorias a respeito da língua, não há concepção de um sistema homogêneo, entendido como um elemento vivo, heterogêneo, carregado de identidade e ideologia; na prática, o profissional da educação ainda se esbarra no abismo existente entre a teoria e a prática. Paulo Freire (2003) acreditava em uma construção de educação transformadora e, para isso, seria “fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, um dado momento, a tua fala seja a tua prática” (FREIRE, 2003, p. 61).

Naturalmente, o sistema formal de ensino disponibiliza o livro didático como ferramenta (na maioria das vezes a única) para o(a) professor(a) trabalharem na sala de aula.

Na minha análise, os livros usados pelos alunos e alunas na escola Carlos Drummond não utilizam provérbios como gênero de estudo da língua. E acredito que essa seja a realidade de outras escolas.

Todavia, segundo Rojo e Batista (2008), é recomendada, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa, que as aulas da língua materna sejam desenvolvidas na perspectiva de gênero. Significa que o docente busca trabalhar com o maior número de gêneros possíveis, principalmente com gêneros que estão circulando no cotidiano do alunado e com aqueles necessários para ampliar a capacidade de leitura e escrita na sua atuação social.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), desde 1996, avalia a qualidade dos livros usados pelos(as) professores(as) em todas as escolas da rede pública brasileira. Entretanto, apesar de terem feito esforços na adequação aos PCNs,

continuam centrados nas práticas letradas da cultura da escrita, cujos resultados parecem, segundo o desempenho de alunos de Ensino Médio nas avaliações institucionais, não estar preparando os alunos para a vida cidadã – como querem os referenciais de ensino profissional (ROJO; BATISTA, 2008, p. 21).

Embora os PCNs respaldam o uso de provérbio no ensino, esse gênero não é valorizado pelos editores e responsáveis pelos livros didáticos, pois priorizam as práticas letradas da cultura escrita em detrimento às das práticas orais, como se a primeira tivesse mais prestígio do que a segunda. Importa lembrar que os provérbios também são muito usados na escrita, mas são reconhecidos, especialmente, como participantes do gênero oral.

Qual outro motivo me leva a crer na relevância do provérbio na inserção das práticas escolares? Ele proporciona a “ampliação dos letramentos”. Estou convicto de que qualquer outro profissional de Língua Portuguesa concorda comigo em um ponto: na contemporaneidade, o desafio maior de ensinar, especialmente para o professor e professora dessa disciplina, está em garantir um aprendizado significativo para o(a) estudante, levando em conta a realidade de muitas escolas. Segundo Rojo (2009),

a escola – tanto pública como privada, neste caso – parece estar ensinando mais regras, normas e obediência a padrões linguístico que o uso flexível e relacional de conceitos, a interpretação crítica e posicionada sobre fatos e opiniões, a capacidade de defender posições e de protagonizar soluções, apesar de a “nova” LDB já ter doze anos (ROJO, 2009, p. 33).

Esse equívoco, exposto, implica em metodologia que limita a formação de um sujeito que possa se posicionar criticamente na sociedade. Essa realidade é vivida por mim na sala de aula. É notória a dificuldade do alunado em desenvolver o senso crítico diante de determinadas situações. Historicamente, ele vem sendo moldado em um letramento escolar com metodologias que o levam a ter insuficiente provocação crítica.

Diante dessa realidade fatídica, a proposta apresentada, explanada através de minha narrativa vivida, pretende ir à contramão do ensino tradicional, denunciado por Rojo (2009). A proposta, portanto, está sendo guiada pelo que diz BNCC (2016),

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade [...] (BRASIL, 2016).

Testificando com o expresso, abalizo o meu olhar na perspectiva da Base Nacional Comum Curricular-BNCC que entende as aulas de Língua Portuguesa como um momento que se deve propor “experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos” no ensino da língua materna. Contudo, a prática docente entra em conflito com as orientações da BNCC quando restringe o ensino aos gêneros “canônicos”, ao passo que desconsidera a realidade social em que o(a) aluno(a) está inserido.

Diante dessa afirmativa, vale a seguinte questão: O que seria a “ampliação dos letramentos”, efetivamente na sala de aula? Ainda se afirma de uma forma equivocada que o letramento é o mesmo que aprender a ler e escrever. Basta o sujeito ser alfabetizado para ser letrado. Será isso verdade? Para elucidar essa relevante indagação, cito Tfouni (1988) que diz,

A alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. Isto é levado a efeito, em geral, através do processo de escolarização, e, portanto, da instrução formal. A alfabetização pertence, assim, ao âmbito do individual. O letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita. [...] tem por objetivo investigar não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado, e, neste sentido, desliga-se de verificar o individual e centraliza-se no social mais amplo (TFOUNI, 1988, p. 9).

Diante da explicação supracitada, o ensino da língua é muito mais do que simplesmente ensinar a ler e escrever. Embora essas habilidades façam parte do letramento, é preciso ampliar o letramento conforme a orientação da BNCC. Significa uma metodologia de ensino que permita também, na vida escolar, práticas sociais vividas pelos alunos. Sendo mais específico: “as práticas e eventos relacionados com uso, função e impacto social na escrita.” (KLEIMAN, 1998, p. 181).

Além disso, embora a tradição escrita seja a mais privilegiada na metodologia docente, o letramento, enquanto prática social ultrapassa o limite posto pelo tradicionalismo. A BNCC (2016) privilegia, no seu enunciado, as “diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade” como parte do letramento ampliado. Isso estar de acordo com Marcuschi (2008) quando ratifica,

Os sentidos e as respectivas formas de organização linguística dos textos se dão no uso da língua como atividade situada. Isto se dá na mesma medida, tanto no caso da fala como da escrita. Em ambos os casos temos a contextualização como necessária para a produção e a recepção, ou seja, para o funcionamento pleno da língua (MARCUSCHI, 2008, p. 43).

A fim de provocar a ampliação do letramento e o ensino contextualizado, tomarei o valor dos provérbios como motivador na construção de sentido. Deveras, como o trabalho com esse gênero poderá auxiliar o professor no desenvolvimento do senso crítico de seus alunos?

Conforme já mencionado, esse gênero discursivo, por meio da oralidade, percorre na corrente do tempo, transpassando por diversas gerações. A autora Tfouni (2010), na sua obra, reconhece o valor dos provérbios quando diz que eles, “ultrapassam as fronteiras de uma cultura específica e simbolizam sistemas culturais [...] a função desse gênero é, portanto, de transportar sistemas de valores e crenças, de cultura para cultura, de geração para geração” (TFOUNI, 2010, p. 79 e 80). Como caracterizado primordialmente no eixo da oralidade, os valores podem ser transportados através da oralidade. Afinal, quem nunca ouviu um provérbio de algum ente querido ou alguém da comunidade?

Que valores são esses movimentados? O bem e o mal; o bom e o ruim - são polaridades que sempre estiveram presentes nas concepções humanas - ainda que aqui eu não esteja referendando a polarização de forma banal ou simples. Embora os provérbios carreguem sabedoria, orientações e humor, por exemplo, eles trazem consigo também ideologias racistas e machistas. As ideologias existem e se materializam através dos discursos. Estes, materializados em provérbios, transportam de geração a geração a cultura de povos antigos, valores identitários. Dessa maneira, carregam elementos ideológicos constituídos do projeto colonial.

6. NÃO IMPORTA A NOITE, O DIA VIRÁ CERTAMENTE

As fases do dia e da noite se alternam para garantir a vida na terra. Em determinado contexto, a noite pode ser fria, contudo, no dia seguinte, o sol aparece no horizonte, proporciona-nos a energia necessária para continuarmos seguindo.

Apesar do desafio imposto pelo cenário pandêmico, conseguimos manter os passos mesmo diante do desafio. A proposta metodológica continua sendo através do gênero discursivo provérbio. Neste memorial, compreendemos o provérbio que estima a tradição, a sabedoria popular. Por conseguinte, será interessante a problematização de provérbios que

carregam ideologias racistas e machistas, por exemplo, embora a proposta central não seja a discussão sobre esses temas sociais específicos, mas serão utilizados como elementos provocadores de análise e criticidade.

Diante da problemática, a pretensão do trabalho proposto tem como norte o provérbio em uma perspectiva de análise social. Para isso, busco apoio na concepção de alguns autores pesquisados e organizados, objetivando assim o valor ideológico dos provérbios na sociedade.

Considerando esse objetivo primordial, somos levados a uma expressão perguntativa: Qual o caminho propositivo? O provérbio *quem se esforça sempre alcança*, me faz acreditar na possibilidade de atingir o êxito com esforço e dedicação. Porém, é preciso registrar que, no presente provérbio citado, existe um teor determinista incorporado, afinal, nem sempre alcançamos o que queremos. Nesse aspecto, estou ciente que há variáveis que influenciam o resultado do processo. Um Brasil desigual nos faz problematizar a máxima. Para tanto que no decorrer do percurso deste trabalho, mudamos o rumo diante do cenário pandêmico.

Assim, a presente proposição, pretende construir estratégias pedagógicas que possibilitem ações que possam instigar o(a) aluno(a) a refletir criticamente sobre o uso da língua como meio de interação e ampliação de sentido, através dos provérbios. Além disso, considerando as ideologias preconceituosas ancoradas, também, nas palavras de alguns outros gêneros textuais, buscarei desenvolver atividades didáticas, elaboradas em um caderno pedagógico dividido em módulos, seguindo uma metodologia de ensino que se aproxime de uma pedagogia em uma perspectiva Decolonial.

Podemos entender por Pedagogia Decolonial um modelo de educação que direciona esforços em uma luta contra as marcas do colonialismo na educação. É importante saber que o modelo tradicional de educação, por exemplo, é um dos pilares que sustenta o racismo estrutural através do monopólio de produção e transmissão do saber (OLIVEIRA; CANDAU, 2010).

Vale ressaltar que, quando se trata de ideologia, nos deparamos com preconceitos de várias naturezas. Como professor de Língua Portuguesa, e ciente do poder da língua em sociedade, alguns temas de discriminação, a exemplo, a racial, não poderão deixar de abordar.

Proponho apresentar um caminho metodológico de exercício na (Re)construção e ampliação de sentido com a utilização de provérbios nas práticas educativas na sala de aula. Para tanto, há pretensão de alguns objetivos específicos alcançarem:

- Promover a ampliação de sentidos através de experiências vividas pelos aprendizes;
- Investigar a relação entre provérbios e valor social;

- Discutir os conceitos do gênero proverbial;
- Identificar em até que medida os provérbios estão no dia a dia dos(as) estudantes;
- Desenvolver no aprendiz hábitos leitores com o uso de gênero do eixo oral;
- Desenvolver metodologias de criticidade leitora.

Importa registrar que o(a) aluno(a) é produtor(a) de sentido. É sujeito de determinada esfera social, constituída de forma histórica e ideológica. Isso é de fundamental importância ao considerar a relação leitor/texto. Ao ter acesso ao mundo do conhecimento, o(a) aluno(a) desenvolve a sua capacidade de produzir sentido. Por isso é necessário expor ao aluno e a aluna diversos gêneros que circulam na sociedade a fim de potencializar a capacidade leitora. Nessa perspectiva, o provérbio carrega esse valor de produção de sentido.

Contudo, não podemos ser ingênuos quando se trata do uso do poder da língua. A língua, modo de expressão construída em sociedade humana, ao ser usada, manuseada em sociedade, passa a ser encharcada, atravessada, também, por preconceitos construídos durante a vida na história. Dentre outros, podemos citar o machismo que, como herança cultural, pode ser encontrado em provérbios, por exemplo: *Mulher, cachaça, e bolacha, em toda parte se acha; A mulher e a mula, o pau as cura; Mulher é como alça de caixão, quando um larga vem o outro e põe a mão; Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher;* Igualmente encontramos provérbios racistas, tais como: *Negro não é inteligente, é espevitado; Negro não nasce, vem a furo; Negro quando não caga na entrada, caga na saída.* Essas expressões podem nos parecer absurdas, porém, elas são ditas naturalmente como textos orais através dos provérbios. São evidentes expressões de poder.

Para Almeida, o racismo “é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender ao grupo racial ao qual pertençam” (ALMEIDA, 2018, p. 25). Quando se fala em racismo, não é apenas violência direta, mas, devemos compreender como um fenômeno conjuntural, estrutural, pois assume o seu padrão de normalidade. Por essa razão, os dizeres de boca a boca, embora alguns se tratassesem de uma manifestação de violência, parecem ser normais e inofensivos para uma parte da sociedade. O autor afirma que,

uma pessoa não nasce branca ou negra, mas torna-se a partir do momento em que seu corpo e sua mente são conectados a toda uma rede de sentidos compartilhados coletivamente, cuja existência antecede à formação de sua consciência e de seus efeitos (ALMEIDA, 2018, p. 53).

Ante a isso, o racismo é estrutural; ser branco ou ser negro, pois, são construções sociais e que são vivenciados a partir de certos privilégios estabelecidos. Sendo assim, podemos pensar no racismo estrutural como resultado do projeto colonial.

Desse jeito, como já mostram as aulas de história, o pensamento racista faz parte do projeto colonial europeu e persiste até os dias de hoje. Como uma visão de mundo eurocêntrica dominante, a colonialidade não povoou apenas as terras dos colonizados, mas também colonizou os pensamentos, as imaginações, seus valores e (por que não?) alguns dos seus provérbios.

Com o intuito de combater os impactos negativos causados por esse processo de colonização, o movimento negro angariou conquistas históricas. Por exemplo, em 9 de janeiro de 2003, o então presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva, promulga a Lei Nº 10.639/03 que determina:

Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras (BRASIL, 2003).

A obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira é um avanço histórico para a educação brasileira, em especial para as escolas públicas no território nacional. Estudar a cultura afro-brasileira significa se deslocar no tempo e resgatar os valores culturais que fazem parte do fundamento de nossa identidade enquanto nação.

Diferente de outras práticas escolares que focam apenas em datas oficiais, como o dia da Abolição da Escravatura, 13 de maio, e/ou o dia da Consciência Negra, 20 de novembro, a lei 10.639/03 nos impele a ampliar as ações escolares com o intuito de levar para a sala de aula os saberes resultantes da contribuição do povo negro, na formação na nação brasileira. Podemos fazer isso, por exemplo, através da valorização da tradição oral que, vale registrar, faz parte da herança dos povos africanos. Isto pode ser percebido por meio da música, dos contos, da religião e dos provérbios.

Quem destrói o caráter do outro, destrói o seu próprio, assim diz um provérbio. Qualquer tipo de discriminação não é saudável a nenhuma sociedade. Por isso, levar essa problemática para sala de aula é uma forma de demonstrar para aqueles alunos, vítimas desse tipo de violência, que eles são importantes. E ao mesmo tempo, dizer que a escola é o espaço

da criticidade, do combate ao preconceito racial e ao machismo, e a promoção da diversidade étnica e respeito ao valor de gênero.

Nesse momento, destaco a discriminação racial como a problemática a ser discutida. Assim como outras formas de preconceitos, o racismo está entranhado no imaginário da nossa sociedade que, às vezes, o indivíduo não se dá conta de que o racismo é transmitido por meio de expressões populares. É através dos discursos carregados de ideologias e materializados nas palavras que se torna relevante uma discussão em sala de aula sobre as ideologias preconceituosas transportadas pelos diversos textos, em análise, o provérbio.

Diante dessa problemática histórico-social, as aulas da professora Analu, me conduziram a refletir sobre o meu papel de professor. Em seu livro *Letramento de Reexistência: poesia, grafite, música, dança: Hip-hop*, Souza (2011) apresenta o Hip Hop como uma cultura não absorvida pela escola, mas reinventa e reformula a cultura letrada da escrita, promovendo a identidade do sujeito. Reexistir seria resistir a política de exclusão e continuar existindo ideologicamente. Sendo assim, o conceito de reexistência defendida por Ana Lúcia Silva Souza (2011) compreende as culturas marginalizadas como agência de letramento que não é legitimada pela escola e que por isso,

Ao capturar a complexidade social e histórica que envolve as práticas cotidianas de uso da linguagem, contribuem para a desestabilização do que pode ser considerado como discursos já cristalizados em que as práticas sociais de uso da língua são apenas as ensinadas e aprendidas na escola formal (SOUZA, 2011, p. 32).

Lembrando que no Brasil a população negra é a que tem menos trajetória longa de estudos, pensar no letramento de reexistência requer usar os agenciamentos que estão no cotidiano e na vida prática dos alunos. Desse modo, em face de uma sociedade majoritariamente negra, é importante tratar, com mais acuidade, dos conceitos de colonialidade, tendo em vista que o próprio ensino é estruturado na visão eurocêntrica. A título de entendimento, faz-se necessário entender a concepção de colonialidade.

Oliveira e Candau (2010), em sua obra intitulado *Pedagogia Decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil*, mostram que, embora não vivemos mais sob o poder da colônia europeia, ainda vivemos em um sistema de colonização. A fim de ampliar o entendimento, os autores citam outros pesquisadores que estabelecem a diferença entre os conceitos de colonialismo e de colonialidade.

Os autores (OLIVEIRA; CANDAU, 2010, p.18) destacam as palavras de Torres (2007) quando definem o colonialismo sendo “uma relação política e econômica, na qual a soberania de um povo está no poder de outro povo ou nação”. Por certo, não vivemos mais

esse regime opressor. Contudo, usando a mesma fonte teórica, os autores apresentam outra concepção de domínio, a colonialidade:

se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, se relaciona à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial e da idéia de raça (TORRES, 2007, p. 131, apud OLIVEIRA; CANDAU, 2010, p. 18).

Para os autores, apesar do fim do colonialismo moderno (Século XIX e XX), a colonialidade sobrevive. Ou seja, as estruturas subjetivas, os imaginários e a colonização do conhecimento ainda estão fortemente presentes. A “colonialidade do poder”, assim como ele conceitua, reprime os modos de produção de conhecimento, os saberes, o mundo simbólico, as imagens do colonizado e impõe novos, de acordo com seus interesses de domínio. Essa operação se realizou de várias formas, como a sedução pela cultura colonialista, o fetichismo cultural que o europeu cria em torno de sua cultura, estimulando forte aspiração à cultura europeia por parte dos sujeitos subalternizados. Os autores atestam que:

(...) o eurocentrismo torna-se, portanto, uma metáfora para descrever a colonialidade do poder, na perspectiva da subalternidade. Da perspectiva epistemológica, o saber e as histórias locais européias foram vistos como projetos globais, desde o sonho de um Orbis universalis christianus até a crença de Hegel em uma história universal, narrada de uma perspectiva que situa a Europa como ponto de referência e de chegada (MIGNOLO, 2003, p. 41, apud OLIVEIRA; CANDAU, 2010, p. 20 e 21).

Diante do exposto, nos faz pensar em uma necessária pedagogia que não se distancie do modelo eurocêntrico. Apesar dos desafios, através de estudos recentes, emergem concepções que questionam o modelo tradicional eurocêntrico de ensino.

A proposta de ensino pautada na pedagogia decolonial pode ser uma estratégia de reexistir enquanto sujeito social e político em todas as esferas da vida. “A decolonialidade representa uma estratégia que vai além da transformação da descolonização, ou seja, supõe também construção e criação. Sua meta é a reconstrução radical do ser, do poder e do saber” (OLIVEIRA; CANDAU, 2010, p. 24).

É nessa perspectiva que este trabalho se propõe a ser realizado: em uma perspectiva de Letramento de Reexistência. Com outras palavras, uma proposta que pense nos textos do cotidiano para serem trabalhados na sala de aula. Não quer dizer destratar o modelo tradicional de ensino, mas quer dizer que se deve pensar em outros letramentos cotidianos que fazem parte da nossa vida.

E como o ensino com os provérbios pode receber contribuição da pedagogia da decolonialidade? Foi pensando no sujeito que tomo os provérbios como letramento de uso

cotidiano. A fim de problematizar, debruçamos-nos em alguns textos proverbiais que refletem pensamentos discriminatórios (difundidos na sociedade) que podem ser reformulados, construindo outro significado. Essa proposta, além de fazer os alunos refletirem sobre as ideologias preconceituosas, leva-os a perceber que é possível reconstruir pensamentos, outrora racistas.

Acredito que promover ações que levem o sujeito/aluno a se perceber em contexto de discriminação e que provocá-lo a ser um sujeito autônomo, ativo e transformador de sua realidade é uma possibilidade de causar microrrevoluções nos espaços que atuamos.

Portanto, uma vez pensado nesses objetivos da pesquisa, considerando a realidade vivida, deve incluir o(a) professor(a) e os(as) estudantes como sujeitos-chave nesse processo. Afinal, o(a) aluno(a) é a razão da existência de um(a) professor(a) na sala de aula.

7. SE QUISER SABER O COMEÇO, PRESTE ATENÇÃO NO FINAL

Provérbio antagônico

Minha autoria

Diante da necessidade de uma educação significativa, compreendemos que se faz mister um estudo sobre o ensino da Língua Portuguesa, na pretensão de contribuir na formação do sujeito/ leitor, capaz de fazerem análise crítica de sua realidade.

Seguindo uma abordagem investigativa de cunho etnográfico, esse estudo pretendia se basear na observação, levantamento de hipóteses, descrição e, posteriormente, construir uma proposta de intervenção em sala de aula/escola. A pretensão do público incluiria, nesse processo, alunos do 9º ano, ciclos finais do Ensino Fundamental, da Escola Municipal Carlos Drummond de Andrade, situada em Dias D'Ávila, Bahia.

Por outro lado, como já explicitado no início do memorial, a mudança de curso se fez necessária. Com isso, a intervenção proposta inicialmente não pôde ser efetivada como se planejava, porém a experiência obtida por mim e a coleta de dados, tanto teórica, quanto os relatos reunidos de alunos e alunas, serviram de norte para a elaboração dos passos metodológicos.

Propõe-se a elaboração e/ou adaptação de metodologias para as práticas de letramento proverbial e a delimitação do que deve ser ensinada nas aulas de Língua Portuguesa com o

uso de provérbios nesses ciclos, voltando-se a inserir o provérbiode forma mais contundente e organizada, promovendo a consolidação das suas práticas em sala de aula e aproximando os estudantes desse texto de valor tradicional. Resumindo, a proposta é discutir, planejar e executar atividades que coloquem a leitura do texto proverbial no centro do ensino.

Pensando em um público-alvo já autônomo, protagonista, a seleção do material/texto levará em consideração as discussões e gostos dos próprios estudantes, obedecendo à premissa de que, embora seja uma atividade “escolarizada”, a leitura do texto proverbial em sala de aula/na escola precisa responder aos seus interesses, expectativas e anseios.

De modo que se estabelece aqui um objeto específico de ensino com a proposição efetiva do grupo que participará do trabalho. Parte-se da hipótese que os(as) estudantes sabem ler e que alguns têm contato com o texto proverbial, mais ou menos explícito, em propagandas, *outdoors*, redes sociais, contação por seus avós, dentre outros momentos do cotidiano.

A partir das rodas de conversa, portanto, foi possível gerar dados; trazer informações de onde estão os textos proverbiais pelos quais esse público se interessa; checar como eles os lêem e como consomem esses tipos de texto. A partir daí, formularam-se etapas para a análise, dentro da perspectiva de roda de conversa, como uma estratégia em que grupos de leitores, de forma organizada e sistemática, discutem acerca de provérbios, previamente escolhidos, compartilhando a sua percepção sobre o texto, em uma interação social.

Comecei a escrever esse Memorial de Formação e estive dialogando, durante o percurso, com o projeto de intervenção, acreditando que os provérbios é um texto que circula no cotidiano e considerando-os como um importante fomentador, quando se tem como objetivo ampliar as possibilidades de construção de sentido por parte de estudantes de educação básica.

O provérbiowas tomado como o *cavalo que pode levar alguém rapidamente a descobertas de ideias*. Descobri que esse gênero, em si, é muito mais do que um simples texto curto que circula no dia-dia, de boca a boca. O provérbiowas um texto discursivo que estabelece uma relação de interdiscurso com outras enunciações. Ele cria um circuito de vozes polifônicas, agregando valor de memória discursiva. Permite o revozamento de tradições, saberes e preconceitos.

Para composição da teia desse Memorial, pedi permissão ao Divino, que rege a tradição africana, para que eu me apropriar-se dos saberes ancestrais transmitidos através dos seus provérbios. Percebi que o valor de uma tradição é transpassado por meio de gerações não

apenas pelo método tradicional da escrita. O saber ancestral, em especial o africano, apropriou-se da oralidade para que a sua produção de conhecimento, crença e tradição sobrevivesse às investidas predatórias colonialistas.

Ao considerar que a geração atual é afetada com o projeto colonial, o qual legitima a perpetuação do eurocentrismo como propulsor na produção de conhecimento assume a responsabilidade, enquanto, professor de Língua Portuguesa, a promover práticas que levem o educando a leituras críticas de textos que garanta a sua autonomia, liberdade e auto-estima. Para isso, não dispenso os princípios da Pedagogia Decolonial que estão em constante diálogo com a perspectiva do Letramento de Reexistência.

Busquei registrar as minhas lembranças, buscando, na minha memória e no meu coração, as palavras que ecoava, pois o *eco das primeiras palavras sempre fica no coração*. Diante disso. *Há muitas flores no caminho da vida, mas as mais bonitas são as que têm espinhos mais afiados*. Certamente, os espinhos nos deixam lições. A vida com seus desafios nos ensinam a amadurecer.

Comecei o curso acreditando que seria apenas mais um para obtenção de diploma. Contudo, fui levado a lembrar de que o conhecimento, por mais que seja teórico/acadêmico, apenas é significativo quando tem valor na vida prática. O curso do Mestrado Profissional de Letras deixa em mim valores, não apenas como professor, mas como ser humano. Assim, a minha orientadora Analu e os(as) professores(as), através de suas habilidades, conhecimento e humanidade, fizeram-me (re) conhecer o Letramento(s) que (re)existe em mim e que carregarei na minha memória de vida⁶.

8. CADERNO DE ATIVIDADES

8.1 APRESENTAÇÃO

Este caderno de provérbios organizados em módulos é um convite à reflexão referente à capacidade humana de construir conhecimento para conseguir (re) construir sentidos e significados. É apresentado um conjunto de atividades, organizadas em sequências, voltadas à (re) construção de sentidos a partir da leitura crítica de provérbios. A relevância, desta

⁶ Este memorial finaliza com atividades pedagógicas, organizadas em módulos, sendo o mesmo caderno de atividade para fim de cumprimento do programa.

proposta, está em entender que a vida social é repleta de textos circulantes e por essa razão é importante que o sujeito desenvolva a leitura crítica de mundo. Com base nos estudos realizados, incluir os estudos dos provérbios nas aulas de Língua Portuguesa pode potencializar a capacidade leitora do sujeito/leitor.

Com base nos estudos realizados no âmbito do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS da Universidade Federal da Bahia – UFBA/Salvador, sob a orientação da Professora Dra. Ana Lúcia Silva Souza, planejamos atividades didáticas que podem funcionar como estratégias na condução do educando na (re)construção de sentido no exercício da leitura.

Nessa perspectiva, este caderno de oficinas de leitura e produção de textos foi elaborado com base na pesquisa de conclusão de mestrado em perspectiva de contexto profissional, PROFLETRAS, cujo título é: **Os sujeitos e os sentidos no ato de proverbiar**. O estudo que subsidiou esta pesquisa e a elaboração do caderno pedagógico foram propostos para turmas do 9ºano, podendo ser desenvolvidas também para as turmas do 8º ano na escola municipal do município de Dias D’Ávila, Ba.

A sequência de atividades parte da premissa que educar é a função principal de todo docente. No sentido mais amplo da palavra, o educador revolucionário Paulo Freire (2002) já dizia que educar não é transmitir conhecimento, mas possibilitar a sua construção por parte do educando. Essa construção não acontece apenas na sala de aula, mas de forma constante nas mais diversas interações sociais. Ciente disso, como pode o(a) professor(a) assumir o seu papel fundamental no processo de aprendizagem? Uma das formas de desempenhar sua função de educador é por conduzir os educandos e as educandas no caminho que contribua para construção de conhecimento por oferecer subsídios para que eles entendam a relevância de cada conhecimento produzido para a sua própria vida e do círculo social à sua volta.

Diante dessa premissa, o professor e a professora de Língua Portuguesa desempenham, em especial, um papel fundamental por ser professor de texto. Quando reflete sobre o texto e o que ele proporciona percebe-se que trata de um ato em poder, além disso, constrói autonomia e escancara uma perspectiva para o mundo. Aproprio-me no entendimento de que o texto é um evento de comunicação em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas (MARCUSCHI, 2008).

Essa construção do saber pode se desenvolver de diversas maneiras: Pode ser por modo formal como acontece na escola ou pela vivência com a família, ou pelo saber criado no cotidiano, ou por outras esferas discursivas, inclusive a religiosa. Esses processos de ensinos

que acontecem em diversos domínios da sociedade, em que o sujeito está inserido, são denominados de letramento(s). Adotamos o conceito de Angela B. Kleiman (1995) que entende letramento como um fenômeno social que promove a transformação da realidade. Esse fenômeno acontece através do uso da língua.

A crença central no desenvolvimento deste trabalho é de que o ensino da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental por meio dos mais diversos provérbios que circulam no cotidiano pode ter grande potencial no desenvolvimento do(a) estudante, leitor(a) crítico(a). De fato, a leitura é um processo complexo e para/na construção de sentido, envolve aspectos cognitivos, sociais e culturais. “Compreender não é uma ação apenas linguística ou cognitiva. É muito mais uma forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade” (MARCUSCHI, 2008, p. 230).

O gênero textual/discursivo provérbios é o elemento motivador para a reflexão. Por que esse gênero foi o escolhido? Os provérbios têm uma carga ideológica importante para o trabalho a ser desenvolvido. É possível considerar as diferentes ideias e refletir criticamente sobre as várias formas de pensar a realidade. Os provérbios podem expressar valores culturais de uma comunidade localizada. Eles têm a função, dentre outras, de construir valores éticos e morais de uma sociedade. Em seu conjunto, são frases que representam as realidades humanas (VELLASCO, 2000).

Para (FERREIRA; VIEIRA, 2013) o provérbio permite, portanto, que o professor e a professora desenvolvam um trabalho sistematizado com vistas a explorar a valorização da cultura e da tradição oral.

Esse trabalho é um projeto que dialoga com a pesquisa de doutorado de Letramento de Reexistência defendido por Ana Lúcia Silva Souza (2011) ao pensar na aplicabilidade da lei 10.639/2003. Nessa concepção, tomo o provérbio como um texto motivador de sentidos. É importante que o sujeito ressignifique o texto a fim de pensar no seu lugar e na sua visão de mundo.

A proposta didática busca criar diálogo com a noção de uma prática pedagógica decolonial, essa sendo compreendida como “uma práxis baseada numa insurgência educativa propositiva – portanto, não somente denunciativa – em que o termo insurgir representa a criação e a construção de novas condições sociais, políticas, culturais e de pensamento, [...] construção de uma noção e visão pedagógica que se projeta muito além dos processos de ensino e de transmissão de saber, que concebe a pedagogia como política cultural” (OLIVEIRA; CANDAU, 2010, p. 28).

Partimos da premissa que a experiência de jovens alunas e alunos deve ser valorizada. Para isso adotamos o modelo ideológico postulado por Street (2014) por entender que esse modelo é o indicado tanto para o processo do ensino aprendizagem, quanto para a desenvoltura da criticidade do melhor entendimento da língua e todas as questões que perpassam em todo campo social.

Enquanto professor me cabe também a responsabilidade de garantir o efetivo ensino da cultura afro-brasileira de acordo com a Lei 10.639 de 9 de janeiro 2003:

Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras (BRASIL, 2003).

Longe de focar no processo de escravização dos povos africanos, buscamos a valorização da sabedoria africana através dos seus provérbios. Sendo fortes na tradição oral, os africanos trouxeram para nós suas tecnologias, conhecimentos e também sabedoria por meio das expressões passadas de geração a geração. Se apropriar desses provérbios na elaboração das atividades é uma forma de desenvolver o pensamento crítico através da cultura de povos ancestrais.

Neste caderno de atividades, além de levantar as questões de língua, texto e gênero, é de suma importância levar para o chão da sala de aula discussões acerca das ideologias preconceituosas, tais como: racismo; machismo. Dessa maneira, além de desenvolver a criticidade, promove uma ideia de quão eles são importantes na sociedade. E, além disso, deixa transparente para eles que o ambiente escolar é o lugar de construção, de análise crítica da sociedade e que eles são a parte importante no processo educacional.

Considerando o valor do provérbio na produção de sentido, as atividades pedagógicas serão organizadas em módulos e seguirão a seguinte ordem: apresentação dos provérbios; reconhecendo a função social do provérbio; eixos temáticos, racismo e machismos nos provérbios; provérbios para a vida.

Entendemos as questões de problemas sociais e raciais importantes para serem discutidas no decorrer das sequências de atividades. Para (VAN DIJK, 2008) existe na sociedade o abuso de poder e desigualdade social por parte de um grupo privilegiado que tem acesso ao discurso de poder e que também controlam o acesso à reprodução discursiva na sociedade.

Na visão do autor, o discurso é “uma interação social uma prática situada uma prática social ou como um tipo de comunicação numa situação social, cultural, histórica ou política” (VAN DIJK, 2008, p. 12). Assim sendo, há um controle social, ou seja, um controle de um grupo sobre o outro.

Essa estrutura discursiva, como o autor chama, é quando a sociedade reproduz ideologias polarizadas de um grupo em detrimento a outro, como exemplo racismo e sexism, que representam ideologias de dominação. A esse respeito o pensamento do sujeito não é casual, mas indica um processo sociocognitivo complexo que representa modelos mentais estruturados socialmente (VAN DIJK, 2008).

A proposta deste caderno de atividades ancora-se no diálogo entre os autores: Letramento de Reexistência de Ana Lúcia Silva Souza (2011); Pedagogia Decolonial de Luiz Oliveira e Vera Candau (2010); Letramentos de Roxane Rojo (2000); Discurso e poder de Teun A. Van Dijk (2008); Provérbios em sala de aula de Ferreira e Vieira (2013) e Vellasco (2000).

8. 2 METODOLOGIA

Ciente de que o aluno e a aluna são seres que experimentam vivências sociais, buscamos explorar provérbios que resgatem a memória afetiva e paralelamente aqueles que devem nos induzir a pensar criticamente sobre ideias preconceituosas amplamente difundidas.

Através de uma pesquisa preliminar, embora superficial, levantei alguns dados relevantes para elucidar as questões acima citadas. Com o objetivo de saber se o provérbio faz parte do cotidiano e em caso afirmativo até que medida esse tipo de texto pode estar inserido no seu cotidiano, propus uma roda de conversa e, durante a conversação, encontrei um dado curioso que antes me passava despercebido: os alunos, na sua maioria, são criados por pais separados (geralmente com as mães) ou com os avós.

Essa informação me fez levantar a hipótese que, em certa medida, devem ter ouvido alguns provérbios/ditados populares em suas casas. É fato que esse gênero discursivo por pertencer, principalmente, ao eixo oral e vinculado à tradição popular é muito usado pelos “antigos”, neste caso, provavelmente, os avós, como forma de orientação e aconselhamento.

Esse é um caderno de atividades com a finalidade de analisar as ideologias presentes e ressignificar os que manifestam ideias preconceituosas levando em conta os temas sociais: racismo e machismo.

Antes é importante inserir uma discussão sobre o conceito de gêneros discursivos, no sentido de mostrar pros alunos que a nossa comunicação sempre tem uma intenção e essa intenção se concretiza nos gêneros, ou nas nossas formas de comunicação. Estimule as predições e hipótese dos alunos através de perguntas; procure deixá-los livre para se expressar oralmente sem nenhuma ação interventiva de correção. Esboce o conceito de provérbio e explique que os ditados carregam o sentido. Esse sentido representa os valores culturais de uma sociedade. Esses valores são passados de geração em geração. As palavras dos provérbios não apresentam apenas marcas linguísticas, mas transmitem ideologias.

Discuta sobre os gêneros discursivos. Neste trabalho, adotamos a perspectiva bakhtiniana que defende que cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003, p. 262).

Sugestão de outros provérbios que podem ser usados na sequência didática. Todos foram coletados através da roda de conversa com alunos da escola municipal da cidade de Dias D'Ávila, Ba:

Quando um não quer, dois não brigam; Para um entendedor, meia palavra basta; Pimenta nos olhos dos outros é refresco; Quem espera sempre alcança; Peixe morre pela boca; Quem não tem cão caça com gato; Nunca digas que desta água não beberei; Se cair, do chão não passa; Pau que nasce torto, nunca se endireita; Quem avisa amigo é; Filho de peixe, peixinho é; Errar é humano; Quem tudo quer, nada tem; Caiu na rede, é peixe; Casa de ferreiro, espeto de pau; Deus ajuda quem cedo madruga; Quem tem boca vai a Roma; Em boca fechada não entra mosquito; Cachorro que late não morde; Água mole em pedra dura tanto bate até que fura; Deus não dá asas a cobra.

A arquitetura do caderno de atividades estruturou-se em cinco módulos de prática de ensino entre professora/professor e aluna/aluno. A elaboração das atividades seguiu alguns descriptores da matriz de referência de Língua Portuguesa do Sistema de Avaliação da Educação Básica - SAEB. Os descriptores selecionados descrevem as habilidades cognitivas que contribuem para o desenvolvimento da leitura crítica.

Gênero discursivo: provérbio Tempo previsto: 24 h/a	Páginas
MÓDULO I (Re) conhecendo o provérbio no cotidiano e no	77

	ambiente familiar.	
MÓDULO II	Trabalhando a função comunicativa. Construindo novos sentidos.	79
MÓDULO III	Problematizando questões raciais. Lei 10.639/03. Provérbios racistas são discutidos.	82
MÓDULO IV	Problematizando questões de gêneros. Provérbios machistas são discutidos.	87
MÓDULO V	Provérbios para a vida. Encorajar para viver.	92
PROVÉRBIOS AFRICANOS	Provérbios que inspiram ensinamentos	94

8.3 MÓDULO I - (Re) conhecendo o provérbio no cotidiano e no ambiente familiar.

Considerando que os provérbios pertencem ao eixo oral, é bem provável que o aluno conheça ou faça uso desse tipo de texto no cotidiano, mesmo que não tenha profundo conhecimento a fim de argumentar a fundo seu significado.

Previsão de tempo: 4h/aula

Objetivos:

- Apresentar a proposta de trabalho com a leitura de provérbio.
- Verificar em até que medida os alunos conhecem o provérbio.
- Estimular a construção de sentido das palavras.
- Resgatar provérbios por meio da família.

Descritores utilizados:

- D01 – Localizar informações explícitas no texto.
- D03 – Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.
- D04 – Inferir uma informação explícita no texto.

- D06 – Identificar o tema de um texto.

1. As perguntas devem estimular os alunos a expor em até que medida o provérbio faz presente na vida.

a. O que é um provérbio? Quais os que vocês conhecem?

Conforme os alunos forem lembrando alguns provérbios, elenque no quadro.

b. Quem os criou, ou seja, onde está a sua autoria?

Fale sobre da sócia-história do gênero: Pode informar aos alunos que se trata de um gênero oral, nasce no seio popular, cuja autoria se perdeu no tempo.

c. Por que eles foram produzidos?

É necessário reconhecer a importância dos provérbios nas relações sociais. Pensar na sabedoria popular que cada provérbio traz e refletir na função social que ele desempenha que inclui: aconselhar, ensinar, advertir, orientar, transmitir valores e ideias de geração a geração e etc.

d. Onde encontramos provérbios?

É importante lembrar que podemos encontrar provérbios em: revistas; jornais; parachoque de caminhão;; publicidade; camisetas; gibis,; discurso político; no ensinamento dos avós; na fala cotidiana das pessoas e entre outros

2. Os alunos devem receber palavras em recortes de papel dentro de envelopes. Eles terão que organizar esses recortes, formando os provérbios e escrevê-lo no caderno. Abaixo, alguns para ilustrar:

I	MANDA - QUEM – PODE – OBEDECE – QUEM – TEM – JUÍZO
II	QUEM – NÃO – TEM – CÃO – CAÇA – COM – GATO
III	ANTES - UM – PÁSSARO – NA – MÃO – DO – QUE – DOIS - VOANDO
IV	ANTES – TARDE – DO – QUE – NUNCA
V	EM – TERRA – DE – CEGO – QUEM – TEM – UM – É – REI
VI	ONDE – HÁ – FUMACA – HÁ – FOGO
VII	NÃO – HÁ – ROSAS – SEM – ESPINHOS
VIII	PIMENTA – NOS – OLHOS – DOS – OUTROS – É – REFRESCO

XI	ÁGUA – MOLE – PEDRA – DURA – TANTO – BATE – ATÉ – QUE – FURA
X	APRESSADO – COME – CRU

3. Entrevistar familiares em casa: O aluno deve ser orientado a fazer atividade junto ao seu familiar: entrevistar um familiar, pais ou avós. Perguntas sugeridas:

- a. Quais os provérbios que o (a) senhor (a) conhece?
- b. Em qual momento usa eles?
- c. Quais eram alguns provérbios ditos por seus antepassados?
- d. Qual (is) dos provérbios (s) mais usou na vida?

Desenvolvimento: Ao retorno das atividades, o professor pode estar analisando os ensinamentos e a função social que o provérbio desempenhou em cada situação.

8.4 MÓDULO II - Trabalhando a função comunicativa, construindo novos sentidos.

Neste módulo foram elaboradas atividades a fim de como ajudar o aluno a entender as relações de sentido presente nos provérbios. Discuta com os alunos: O que são gêneros textuais; Como nos comunicamos em sociedade.

Previsão de tempo: 5h/aula

Objetivos:

- Reconhecer as relações de sentido estabelecida pelos provérbios;
- Perceber os efeitos de sentidos percebidos por algum recurso linguístico.

Descritores utilizados:

- D01 – Localizar informações explícitas no texto.
- D03 – Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.
- D04 – Inferir uma informação explícita no texto.
- D06 – Identificar o tema de um texto
- D18 – Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão.

1. Relacione os provérbios com as prováveis ideias que podem expressar:

- | | |
|---|--------------|
| a. O peixe morre pela boca | () Egoísmo |
| b. Cavalo dado não se olha os dentes | () Vingança |
| c. Quem com ferro fere, com ferro será ferido | () Egoísmo |
| d. Pimenta nos olhos dos outros é refresco | () Gratidão |

1. 1 Discorda de algum provérbio citado? Explique:

2. Escreva alguns provérbios que você conhece e explique o sentido que atribui a ele:

Provérbio:

Sentido:

Provérbio:

Sentido:

Desenvolvimento: É importante analisar os provérbios e os sentidos expressos pelos alunos. São os mesmo? Houve algum provérbio parecido com o sentido diferente?

3. Leve para sala de aula alguns textos para análise e reflexão:

Texto 01 Cavalo dado não se olha os dentes;

Texto 02 Cão que ladra, não morde;

Texto 03 Cada macaco no seu galho;

Texto 04 Beleza não se à põe mesa;

Texto 05: Caiu na rede, é peixe;

Texto 06: A noite todos os gatos são pardos;

Texto 07: Vale mais um pássaro na mão do que dois voando.

4. Indique resumidamente a temática produzida por cada provérbio da questão anterior. Siga o exemplo do texto 01, abaixo.

TEXTO	TEMÁTICA
Texto 01	Recebimento de presentes
Texto 02	
Texto 03	
Texto 04	

Texto 05	
Texto 06	
Texto 07	

Desenvolvimento: Provoque reflexões: motive os alunos a pensar nos textos e sua função social.

5. Considerando os provérbios da atividade anterior, responda às seguintes questões:

- a. Quem produziu esses provérbios?
- b. Por que não tem autoria?
- c. Como os provérbios chegaram até nós, nos dias atuais?
- d. Por que foram produzidos?
- e. Para quem eles se destinam?
- f. Pensando na sua vida diária, quem são as pessoas que usam os provérbios? Em quais momentos?

Desenvolvimento: Converse com a sua turma sobre a mensagem ou conselho que cada provérbio quer ensinar. Discuta sobre a possibilidade de seguir. É possível? Por quê?

6. Fazendo uma leitura dos provérbios, reescreva o texto substituindo as palavras em destaque por outra palavra por fazer a sua interpretação para cada texto. Veja o exemplo:

Texto 01: Cavalo dado não se olha os dentes.

Presente recebido, não se olha o preço.

Texto 02: Cão que ladra, não morde.

Texto 03: Cada macaco no seu galho.

Texto 04: Beleza não se põe à mesa.

Texto 05: Caiu na rede, é peixe.

Texto 06: A noite todos os gatos são pardos.

Texto 07: Vale mais um pássaro na mão do que dois voando.

7. Complete os provérbios e logo após preencha as lacunas marcando sim (x) ou não (x), referente se concorda ou não com as ideias trazidas por cada um deles, e justifique.

- a. Pau que nasce _____ nunca se _____
 sim não

Justifique:

- b.** Água _____ pedra dura, tanto _____ até que _____
 sim não

Justifique:

- c.** Quem se _____ sempre _____
 sim não

Justifique:

- d.** Me diga com quem tu _____ que direi quem tu _____
 sim não

Justifique:

8. 5 MÓDULO III - Problematizando questões raciais. Provérbios racistas são discutidos

Lei 10.639/03.

Essa etapa é muito importante. Vamos analisar os textos com mais profundidade a fim de ampliar a capacidade de leitura crítica do aluno. Trago o racismo como a problemática a ser analisada. Para isso, selecionamos alguns provérbios africanos. Vamos explorar a escrita do aluno. Nesse momento, para melhor compreensão, o professor pode trazer para o debate o processo de escravização sofrida pelos povos negros nas mãos dos europeus. E refletir de que maneiras esse fato histórico afeta as nossas vidas, os nossos dizeres. Comente a relação de poder entre os certos grupos na sociedade.

Previsão de tempo: 4h/aula

Objetivos:

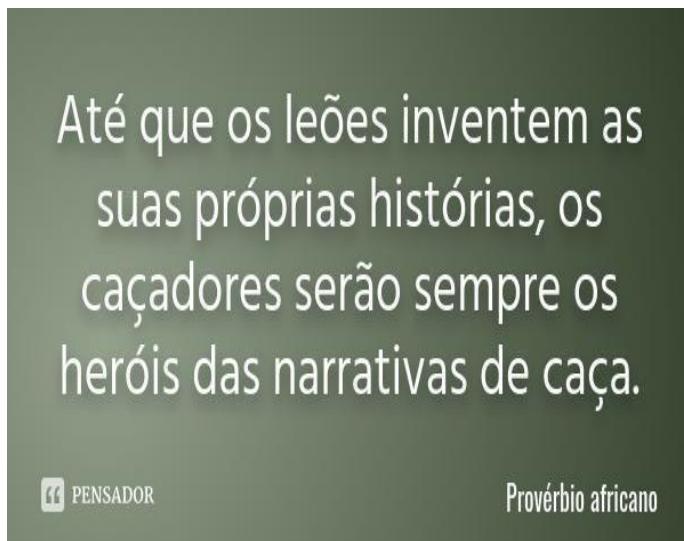
- Compreender o racismo ideológico;
- Ressignificar pensamentos racistas;
- Analisar a aplicabilidade da lei 10.639/03.

Descritores utilizados:

- D01 – Localizar informações explícitas no texto.
- D03 – Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.
- D04 – Inferir uma informação implícita no texto.

- D06 – Identificar o tema de um texto.
- D18 – Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão.
- D20 – Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que ele foi produzido e daquelas em que será recebido.
- D21 – Reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou tema.

1. Analise o seguinte provérbio africano:



www.gooogle.com

1. 1 Sobre o provérbio africano analise:

- a. Entre o leão e o caçador, quem estabelece maior poder? Explique:
- b. Sobre as histórias que ouvimos e lemos, qual o cuidado que precisamos ter? Será que sempre há uma única versão? Explique.
- c. Por que é importante ouvir as duas versões da história?
- d. Acredita que a história do caçador sempre será a verdadeira? Por que pensa assim?

1. 2 Fazendo um recorte na história contada sobre o processo de escravização no Brasil, responda:

- a. Quem “são os leões”?
- b. Quem são “os caçadores”
- c. Quais são as “narrativas” contadas?

1. 3 De que forma a reprodução da história contada pelos “caçadores” pode promover o racismo no Brasil.?

1. 4 Qual história deve ser contada quando se aplica a lei 10.639/03?

- Por que é necessário e importante ouvirmos e falarmos a versão da história de povos africanos?

LEI N° 10.639. DE JANEIRO DE 2003

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. [...]

Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm

1. Analise a charge:

Texto I



Fonte: <http://crjvitoria.blogspot.com/2011/08/charge-espelho-espelho-meu-nao-e-conto.html>

- A expressão escrita na charge faz lembrar qual mensagem muito conhecida dos contos de fadas?
- Nesse caso, qual foi a mudança de palavras e como você entendeu?
- O que a charge quer nos dizer quando ilustra um jovem de cor preta em frente ao espelho, mas sem ver o seu reflexo?
- Qual é o problema racial e social retratado no texto? Por que pensa assim?

e. Já se sentiu invisível em alguma situação por ser diferente? Comente:

2. Analise o provérbio:

Texto II

Negro só parece com gente quando fala

- Qual a relação de sentido entre o texto I e a expressão popular do texto II?
- Você concorda com essa afirmação? Por que pensa assim?
- Vamos reformular o sentido do texto. Substitua as palavras em destaque de acordo com a sua interpretação:

Negro só parece com gente quando **fala escondido.**

3. Preencha as lacunas marcando sim (x) ou não (x), referente se concorda ou não com as ideias trazidas por cada um deles, e justifique.

Texto I

Todo negro é ladrão até que prove o contrário.

Concorda?

() SIM () NÃO

Justifique:

Texto II

Negro parado é suspeito, correndo é ladrão.

Concorda?

() SIM () NÃO

Justifique:

1. Observe a tira:



Fonte: www.google.com

- a. Qual é o problema social retratado pela tira?
- b. Qual a relação de sentido entre o texto 01 e a tira?
- c. Conhece alguém que já passou por situação parecida com a retratada pela charge?

2. Analise os textos:

Texto I

Bandido bom é bandido morto, mas bandido rico e poderoso é meu amigo

Não tem foto estampada nos sites. Não tem nome divulgado em lugar nenhum. Não tem NA-DA sobre ele. O que se sabe é que ele movimentava 50 milhões de reais em tráfico internacional de drogas. SÓ ISSO. Se você olhar o país como uma pirâmide você começa a compreender como funciona o esquema. Entende como a arma que atira na cabeça do pai de família vai parar na mão do menor morador de uma favela.

Entende, sem fazer muito esforço, a mensagem subliminar. O que está estampado na nossa cara o tempo inteiro e a gente, por descuido, não percebe.

Quando o ‘cidadão de bem’ grita e afirma que ‘bandido bom é bandido morto’, ele não está se referindo às pessoas como esse homem que movimentava 50 milhões de reais em tráfico internacional de drogas. Ele não está falando do deputado que ele apoia e que, antes das sessões na Câmara, cheira a sua carreira de cocaína. Ele não está falando de quem comanda o tráfico e que, nas eleições, se esconde atrás de um número acobertado por partidos políticos.

Quando o ‘cidadão de bem’ diz que ‘a situação está fora de controle e precisamos nos defender’, ele não pensa na solução, ele apenas foca na guerra.

Na guerra que o sistema causa na nossa sociedade. Sucateando a educação pública, colocando o cidadão contra a polícia e não contra o Estado, fazendo a polícia matar mais e morrer mais.

Enquanto alguns acham que ‘armar a população’ é a única solução para enfrentarmos o caos na segurança pública, homens como esse cidadão de valença, que movimentam 50 milhões de reais em tráfico internacional de drogas, continuam desconhecidos. Financiando campanhas políticas, ditando as regras na mídia,

ocupando cargos eletivos e fazendo toda a base da pirâmide entrar em colapso para que ‘cidadãos de bem’ pensem, falem e reajam abraçados ao senso comum, ao desespero e, infelizmente, a ignorância.

Quando o cidadão de bem questiona o bom senso com: “Sim, mas a gente vai fazer o quê? Deixar como está?”, a resposta é simples: PENSAR.

Pois na frase “bandido bom é bandido morto” vamos ter a falsa sensação de enterrar os nossos problemas, enquanto os piores e maiores bandidos desse país nunca precisaram apontar uma arma na cabeça do cidadão de bem.

Em um país onde ter sempre foi mais importante do que ser, se o cara se veste bem, tem um carro legal e vez ou outra faz umas caridades, ainda que nos bastidores controle toda uma rede obscura para ter, não importa.

“Bandido rico/poderoso é meu amigo.” O resto a polícia tem que matar mesmo, né?

Fonte:<https://medium.com/neworder/bandido-bom-e-bandido-morto-mas-bandido-rico-e-poderoso-e-meu-amigo-aa23769d0c70>

Texto II



Fonte: www.google.com

Texto III



Fonte: www.google.com

6. 1 De acordo com a leitura e análise crítica dos três textos acima e da realidade social da qual você faz parte, responda às seguintes questões:

- Bandido bom é bandido morto ou vivo? Por que pensa assim?
- Escreva 5 (cinco) expressões que poderiam substituir a palavra “morto” de acordo com a sua opinião:

c. Bandido bom é bandido _____

d. Na sua opinião, pessoas negras vítimas da violência e diferenças ideológicas da sociedade são, de fato, bandidas? Comente:

8. 6 MÓDULO IV - Problematizando questões de gêneros. Provérbios machistas são discutidos.

Essa etapa é muito importante também. Vamos analisar os textos com mais profundidade a fim de explorar a capacidade de leitura crítica do aluno. Trago machismo comparando o debate. Para isso, selecionamos alguns provérbios que circulam no cotidiano. Vamos explorar a escrita do aluno. Nesse momento, para melhor compreensão, o professor deve trazer para o debate as relações de poder entre homem e homem e discutir de que maneiras esse fato histórico e social afeta as nossas vidas, os nossos dizeres.

Previsão de tempo: 4h/aula

Objetivos

- Compreender os discursos machistas em alguns provérbios;
- Perceber os discursos discriminatórios nos textos;
- Desconstruir ideologias machistas.

Descritores que serão utilizados

- D 01 – Localizar informações explícitas no texto.
- D 03 – Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.
- D 04 – Inferir uma informação implícita no texto.
- D 06 – Identificar o tema de um texto.
- D 18 – Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão.
- D 20 – Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que ele foi produzido e daquelas em que será recebido.
- D 21 – Reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou tema.

1. Preencha as lacunas marcando sim (x) ou não (x), referente se concorda ou não com a ideia trazida pelo provérbio e justifique. Logo após, responda as questões seguintes.

Texto

Mulher é como alça de caixão, quando um larga, outro põe a mão.

Concorda?

() SIM () NÃO

Justifique:

- a. Em sua opinião, qual o sentido atribuído quando compara a “mulher” a “alça de caixão”?
- b. A palavra “Mulher” estar sendo atribuída ao valor de sujeito ou de coisa? Justifique:
- c. Você acredita que o ditado se originou de algum grupo de mulheres que defendem os direitos humanos? Porque?
- d. A palavra “mulher” na sociedade representa o SER . Concorda que nossas mães, irmãs, tias e avós merecem ser comparadas a um objeto como “alça de caixão”?

Justifique:

- 1.1 Reconstrua o provérbio atribuindo outro sentido, dando a dignidade que é direito de todos: pode fazer isso substituindo as palavras destacadas por outras, de acordo com a sua interpretação.

Texto

Mulher é como alça de caixão, quando um larga, outro põe a mão.

2. Leia os textos:

Texto I

Protagonismo na direção: Boletim Estatístico “Mulheres no Trânsito” é destaque em reportagens especiais

Os dados do Boletim Estatístico Especial “Mulheres no Trânsito”, documento divulgado recentemente pela Seguradora Líder, foram destaque em reportagens especiais veiculadas pelo Jornal da Band, da TV Bandeirantes, e o RJ no Ar, da TV Record. As matérias enfatizaram a cautela, atenção e a prudência das mulheres na direção, fato comprovado pelo número de indenizações pagas pelo Seguro DPVAT no último ano: apenas 25% delas foram destinadas a elas, frente a 75% dos homens.

Ambas as reportagens destacaram que, apesar de representarem 1/3 dos motoristas habilitados do Brasil, elas receberam ¼ das indenizações, o que comprova que as mulheres são mais prudentes do que os homens. Segundo a PNAD 2014, divulgada pelo IBGE e replicada no documento divulgado pela Seguradora Líder, a população brasileira é composta por 49% de homens e 51% de mulheres.

Outro ponto abordado nas reportagens foi a dedicação no momento das aulas de direção nas autoescolas, o que se traduz no menor risco associado à mulher ao volante, que pode ser verificado pelas estatísticas referentes ao condutor do veículo no Seguro DPVAT. De acordo com os números de 2017, ano de recorte do Boletim Especial, apenas 7% das indenizações pagas foram para motoristas do sexo feminino, contra 42% para motoristas do sexo masculino.

Fonte:<https://www.cqcs.com.br/noticia/protagonismo-na-direcao-boletim-estatistico-mulheres-no-transito--destaque-em-reportagens-especiais/>

- a.** De acordo com a notícia, o que diz a estatística sobre acidente no trânsito indica?
- b.** Você concorda com as informações da notícia? Por quê?
- c.** Em sua opinião, o que torna a mulher mais cuidadosa no trânsito?

2.1 Preencha as lacunas marcando sim (x) ou não (x), referente se concorda ou não com a ideia trazida pelo provérbios e justifique

Texto II

Mulher no volante, perigo constante.

Concorda?

SIM NÃO

Justifique

- a.** Em sua opinião, como se originou esse provérbio? Por quê?
- b.** Qual o contraste entre a notícia do texto I e o provérbio do texto II?
- c.** Por que será que no provérbio é atribuída a mulher perigo no volante? Será isso verdade?
- d.** Será que esse provérbio machista se originou de alguma mulher que não passou na prova de habilitação? Justifique.

2.2 Vamos reformular a ideia do provérbio: substitua as palavras em destaque por outra de acordo com a sua interpretação.

Texto III

Mulher no volante, perigo constante.

2.3 Preencha as lacunas marcando sim (x) ou não (x), referente se concorda ou não com a ideia trazida pelo provérbios e justifique.

Texto III

Briga de marido e mulher, ninguém mete a colher.

Concorda?

() SIM () NÃO

Justifique:

- Em sua opinião o que é machismo?
- Considerando o machismo na sociedade, esse ditado favorece qual das partes? Por quê?

3. Observe a propaganda:



Fonte: www.google.com

3. 1 Sobre o texto acima, preencha as lacunas marcando sim (x) ou não (x), referente se concorda ou não com a ideia trazida pelo provérbios e justifique.

Concorda?

() SIM () NÃO

Justifique:

- Qual é a mensagem na propaganda?
- Entre o provérbio do texto I e a propaganda do texto II, qual a diferença na mensagem?

- c. Quem pode meter a colher em briga de marido e mulher de que forma?
- d. Vamos reformular a ideia do provérbio. Substitua as palavras em destaque por outra de acordo com a sua interpretação:

Briga de marido e mulher, **ninguém** mete a colher.

8. 7 MÓDULO V - Provérbios para a vida. Encorajar para viver.

Neste módulo iremos trabalhar com alguns provérbios africanos que são importantes lições e encorajamento para enfrentar os desafios causados por problemas sociais de raça e gênero da sociedade. Entendemos que o provérbio contém, também, palavras de sabedoria. Muitos provérbios africanos nos traduzem ensinamentos.

Previsão de tempo: 4h/aula

Objetivos:

- Reconhecer o valor dos provérbios na valorização dos ser humano.
- Construir pensamento altruísta a partir de ensinamentos proverbiais.

Descritores que serão utilizados

- D01 – Localizar informações explícitas no texto.
- D03 – Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.
- D04 – Inferir uma informação implícita no texto.
- D06 – Identificar o tema de um texto.
- D18 – Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão.
- D20 – Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que ele foi produzido e daquelas em que será recebido.
- D21 – Reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou tema.

1. Observe o provérbio africano



- 1. Sobre o texto acima, preencha as lacunas marcando sim (x) ou não (x), referente se concorda ou não com a ideia trazida pelo provérbios e justifique.**

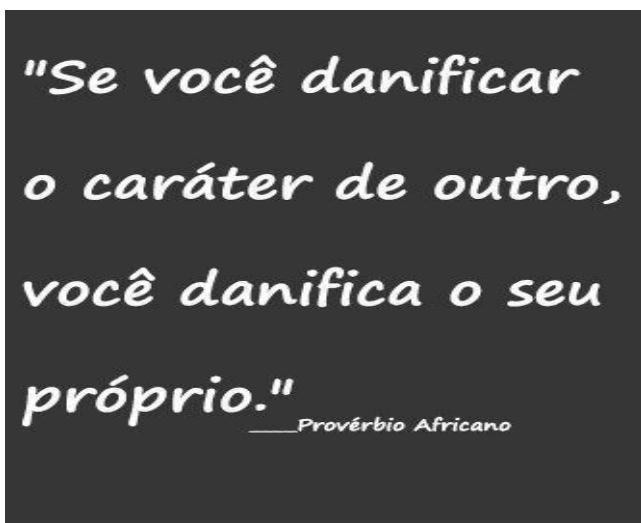
Concorda?

() SIM () NÃO

Justifique:

- Por que a chuva não tira as “manchas” do leopardo?
- Na vida, o que pode ser essas “manchas”?
- Resiliência é a capacidade de suportar o sofrimento. Por que isso é importante para quem sofre algum tipo de discriminação racial?

2. Analise o provérbio africano



- a. O que esse provérbio nos ensina?
- b. Com base na sabedoria áfrica, existe alguma vantagem tomar a atitude racista e/ou racista?

3. Escolha um dos provérbios africanos abaixo e construa um parágrafo com uma mensagem de texto encorajadora tendo como base a sua experiência de vida.

- Nunca se esqueçam das lições aprendidas na dor.
- O vento não quebra uma árvore que se dobra.
- A ruína de uma nação começa nas casas de seu povo.
- Não importa quanto longa seja à noite, o dia virá certamente.
- As lágrimas que descem pelo seu rosto não tiram sua visão.

9. PROVÉBIOS AFRICANOS

Se quer ir rápido, vá sozinho. Se quer ir longe, vá em grupo
 O africano nunca vê a sombra de seu próximo
 A abelha não leva chumbo.
 A luz com que vês os outros é a luz com que os outros te vêem a ti.
 A mocidade é como a água da ribeira: entregue a si própria, destrói as pontes
 As tatuagens nas costas são conhecidas daqueles que as executam, não de quem as traz
 Bater no cão do amigo, o amigo é batido
 Cada pessoa pede para o seu ídolo
 Caranguejo esconde-se para a água passar
 Não foi feito para marcar grandes passos, mas pequenos que levam aos grandes triunfos
 Mata primeiro o elefante e depois arranca-lhe os pelos da cauda
 Na água turva é que se apanha o bargue
 Na lareira uma pedra só não aguenta a marmita
 O eco da primeira palavra fica sempre no coração
 O macaco, mesmo coberto com a pele dum carneiro, é sempre um macaco
 Pouco a pouco a lagarta consegue devorar a folha da árvore
 Padre sem sacristão toca o sino com os pés
 Quando dois elefantes brigam, quem sofre é a grama
 Se passa o que é bom, também passa o que é mau
 Trate bem a Terra, ela não foi doada a você por seus pais, mas emprestada a você por seus filhos
 Aquele que aprende ensina
 Quando não existe inimigo no interior, o inimigo no exterior não pode te machucar
 Se subir numa árvore, você deverá descer essa mesma árvore
 Aquele que não sabe dançar irá dizer: a batida dos tambores está ruim
 Pobreza é escravidão
 Lágrimas são melhor enxutas com nossas próprias mãos
 O amanhã pertence àqueles que se preparam hoje
 Se um homem prometer te machucar enquanto dorme, durma; agora, se for uma mulher, fique acordado
 Se sua boca virar faca, cortará seus lábios
 Cinzas voam ao rosto de quem as jogou

Quando souber quem são os amigos dele, saberá quem é ele
Não diga ao homem que te carrega que ele fede
O que é bom se vende por si só; o que é ruim faz propaganda de si
Um leão não se vira quando um cachorrinho late
Se quer saber o final, preste atenção no começo
O mundo não lhe fez promessas
Independe se foi a faca que caiu no melão ou se foi o melão que caiu sobre a faca, o melão irá sofrer
Ser feliz é melhor do que ser rei
O macaco só olha no rabo do outro
No mundo ninguém nasce pobre, mas todos que nascem encontram a pobreza no mundo.(Kiangolo)
Você foi coroado rei, mas continua fazendo encantamentos para obter boa sorte;
Você quer ser coroado Deus?
Quem está sufocado por dívidas não deve viver como um lorde;
Ninguém grita de dor quando cuida de suas próprias feridas;
A pessoa que trabalha duro, ganha a inimizade do desocupado;
Aquele que cai no buraco ensina aos que vêm atrás a terem cuidado;
Aquele que bate palmas para que o louco dance é tão louco quanto ele mesmo;
A boca que não se cala e os lábios que não deixam de se mexer só trazem problemas;
A boca não pode ser tão suja que seu dono não possa comer com ela;
O desconfiado sempre pensa que as pessoas estão falando mal dele;
Quem não sabe construir uma casa, monta uma barraca;
Somente um barril vazio é que faz barulho, um saco cheio de dinheiro permanece silencioso;
O que eu quero comer você não quer comer, devemos comer separados

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- _____. *Textualidade: noções básicas e implicações pedagógicas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- AZEVEDO, Priscila Piquera; FERNANDES, Luiz Carlos. *A dupla função do provérbio: reiteração do mesmo e a imposição da subjetividade em gêneros discursivos do cotidiano*. In: CELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários. 3, 2007, Maringá. Anais. Maringá, 2009, p. 1965- 1973.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz?* São Paulo: Loyola, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929). Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11^a. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- _____. *A estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes; ROJO, Roxane. (orgs.). *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.
- BBC News Brasil. Ministério público analisa morte de doméstica no RJ após patroa ter coronavírus. São Paulo. 20 de mar de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51982465>> Acesso em 27 de set. 2021.
- BBC News Brasil. Por que o coronavírus mata mais as pessoas negras e pobres no Brasil e no mundo. Londres. 12 de Jul. de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53338421>> Acesso em: 23 de jan. 2021.
- BRASIL. *Atlas da Violência 2018 mapeia os homicídios no Brasil*. Ipea - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em:<https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=33410&Itemid=432> Acesso em: 13 set. 2020.
- _____. *Atlas da Violência 2020 mapeia homicídio no Brasil*. Ipea - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasil, 2020. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/>> Acesso em: 13 set. 2020.
- _____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). *Matrizes de referência de língua portuguesa e matemática do SAEB: documento de referência do ano de 2001*. Brasília, DF: INEP, 2020. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/educacao-basica/saeb/matrizes-e-escalas/>> Acesso em: 14 set. 2021.
- _____. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). *Ação Afirmativa e População Negra na Educação Superior*: Acesso e perfil discente. Brasília; Rio de Janeiro. 2020. Disponível: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2569.pdf> Acesso em: 15 set de 2021.

_____. Lei de Diretrizes e Bases- LEI N° 10.639, 9 jan. 2003. *Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira.* Diário oficial [da] União, Brasília, DF, 10 mar. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm> Acesso em: 10 out. 2019.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base nacional comum curricular.* Brasília, DF, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>> Acesso em: dez. 2020.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros curriculares nacionais:* terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. *Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS /* Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. – 3. ed. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacao_negra_3d.pdf> Acesso em: 10 de jul. de 2020.

CÔRTES, M.T.G. *Os Provérbios franceses utilizados como argumentação nas crônicas de arte.* 20008.133 f. tese (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

DRAVET, Florence Marie; OLIVEIRA, Alan Santos. Relações entre oralidade e escrita na comunicação: Sankofa, um provérbio africano. In: *Miscelânea, Assis*, v. 21, p. 11-30, jan.-jun. 2017.

FERREIRA, A. B. H. *Miniaurélia século XXI escolar:* o minidicionário da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, Helena, Maria; VIEIRA, Mauricéia da Silva: *Revista Línguas & Letras – Unioeste – Vol. 14 – Nº 26 – Primeiro Semestre de 2013.*

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido.* 65. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* 57^a. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder.* São Paulo: Martins Fontes, 1985.

HOOKS, Bell. 2017. *Ensinando a transgredir:* a educação como prática da liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2013.

URBANO, Hudilson. Da fala para a escrita: o caso de provérbios e expressões populares. São Paulo. Universidade de São Paulo, 2008.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). *Censo Escolar: Índice de Desenvolvimento Humano.* MEC, 2020. Brasília. 2020. Disponível: <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado.resultado.seam?cid=11894589>>> Acesso: jan. de 2021.

KOCH, Ingedore Villaça. *A interação pela linguagem.* São Paulo: Contexto, 2001.

_____. *O texto e a construção dos sentidos.* 10 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto.* São Paulo. Contexto, 2006.

KLEIMAN, Angela B. *Os significados do letramento:* uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras. 1995.

_____. Angela B. Ação e mudança na sala de aula: uma nova pesquisa sobre letramento e interação. In: ROJO, R. (org.). *Alfabetização e letramento:* perspectivas linguísticas. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

_____. Angela B. *Os estudos de letramento e a formação do professor de língua materna.* Linguagem em (Dis) curso – LemD. v. 8, n. 3, p. 487-517, set./dez. 2008.

LOPES, Ana Cristina Macário. Texto proverbial português: elementos para uma análise semântica e pragmática. 392 (Doutorado em Linguística Portuguesa). Universidade de Coimbra. Portugal: Coimbra, 1992.

MARCUSCHI, Luís Antônio. A oralidade e o ensino de língua: uma questão pouco falada. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva e BEZERRA, Maria Auxiliadora. *O livro didático de português: múltiplos olhares.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão.* São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização.* São Paulo: Cortez, 2010.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R. e BEZERRA, M. A. (orgs). *Gêneros textuais e ensino.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia Deocolonial e Educação Antirracista e intercultural no Brasil. In: *Educação em Revista.* Belo Horizonte, v. 26, n. 01, p. 15-40, abr. 2010.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes. *Como se faz o provérbio:* uma abordagem da conjuntura do provérbio enquanto realidade discursiva. 385 f. Tese (Doutorado) - UNESP, Araraquara, 1991.

OLIVEIRA, Rosemary Lapa. *A oralidade na escola:* seria uma solução se não fosse um problema. R. FACED, Salvador, n.17, p.61-69, jan./jun. 2010.

OXÓSSI, Mãe Stella. *Mãe Stella destaca a sabedoria dos provérbios*. Agência A Tarde. Salvador. 2010. Disponível em: <<http://mundoafroatarde.uol.com.br/tag/owe/>>> Acesso: 15 de dez. de 2020.

OXÓSSI, Mãe Stella; VIANA, Juvany. Expressões de Sabedoria: educação, vida e saberes. in: *Aqui, tudo é questão de ensinamento*. Edufba. Salvador. 2002. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/14784/1/expressoes-de-sabedoria.pdf>> Acesso: 15 de dez. de 2020.

PROVERBIAR. In: *Meu dicionário.org. Meu Dicionário*. 2019. Disponível em: <https://www.meudicionario.org/proverbiar>. Acesso em 21 de ago. 2021.

PROVÉRBIO AFRICANO. wikiquote. 2020. Disponível em: <<https://pt.wikiquote.org/wiki/Prov%C3%A9rbios_africanos>> . Acesso: jun. de 2020.

QUIRAQUE, Zacarias. Estudo morfo-lexical de provérbios em língua Tewe e suas estratégias de (não) correspondências do Português usado no Brasil. 214 f. Dissertação de Mestrado. UFG. Catalão, 2017.

ROJO, Roxane. *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCN's*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

_____. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, Roxane; SCHNEUWLY, Bernard. As relações oral/escrita nos gêneros orais formais e públicos: o caso da conferência acadêmica. In: *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 463-493, set./dez. 2006: acesso em 03/08/2021.

SCHNEUWLY, Bernad; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2011.

STREET, Brian. Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

SUCCI, Thais Marini. *Os provérbios relativos aos sete pecados capitais*. 152 f. Dissertação de Mestrado. UNICAMP. São José do Rio Preto, 2006.

TFOUNI, Leda Verdiani. Letramento e Alfabetização. 9^a ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso. Campinas: Pontes, 1988.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Conselho Gestor. *Resolução Nº 003/2020, de 02 de junho de 2020*. Define as normas sobre a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso para a sexta turma do MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS. Disponível em: Microsoft Word - Resolução 03:2020.docx (ufac.br) Acesso: out de 2020.

VAN DIJK, Teun A. *Discurso do Poder*. São Paulo. Contexto, 2008.

VELLASCO. Ana Maria de Moraes Sarmento. Padrões de Uso de Provérbios na Sociedade Brasileira. In: *Revista Cadernos de Linguagem e Sociedade*, V. 04, 2000, p. 122-160.

VITORINO, César Costa. *Provérbios cabinda em tampas de panelas: uma análise a partir da psicolinguística da leitura e da teoria dos espaços mentais*. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

XATARÁ, Claudia Maria.; OLIVEIRA, Wanda Leonardo.. *Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões: francês-português / português-francês*. São Paulo: Cultura, 2002.